

GUILHERME MAZUI ROESLER



7 MIL DIAS

A VOLTA DE SANTA CRUZ DO SUL
À ELITE DO BASQUETE

Patrocínio:



Apoio:



Guilherme Mazui Roesler

7 MIL DIAS

A volta de Santa Cruz do Sul
à elite do basquete

2023

© 2023 Guilherme Mazui Roesler
Todos os direitos reservados ao autor.

Capa
Vinicius Molz Schubert

Revisão, edição e projeto gráfico
Ricardo Düren

Fotos de arquivos diversos, mencionados ao final do livro

Dados Internacionais de Catalogação da Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Roesler, Guilherme Mazui
7 mil dias – A volta de Santa Cruz do Sul à elite do basquete / Guilherme Mazui Roesler. - Santa Cruz do Sul, RS : edição do autor, 2023. 196 p.

ISBN 978-65-00-60579-2

1. Basquetebol – Santa Cruz do Sul – História. 2. Jornalismo esportivo. I. Título.

Para Maria Luísa (Malu)
Para Vanessa, Rogério, Helri e Giuliano

Sumário

Prefácio 11

Athos Felipe Garcia Calderaro

Capítulo 1 / 14 de maio de 2002 13

O inverno chegou 14

A Liga do Oscar 16

A primeira cesta 19

O vaticínio 21

Seleção brasileira 24

O impulso de Rogério 27

A fusão 29

Reconquista 33

Resiliência e incentivo 36

Capítulo 2 / 4 de novembro de 2020 43

Estamos de volta 44

Da arquibancada à quadra 45

O retorno de um campeão 48

Herdeiro da raça 50

Laboratório 51

Farofa e Tuba 54

O consultor 57

El capitán 59

Da terra de Pepe Sánchez 61

Reencontros 63

Capítulo 3 / 15 de janeiro de 2021 71

O Stock Med/União Corinthians 72

O patrocinador master 74

A cartilha 76

A cereja mineira 77

A preparação 79

Desfalques 80

Ponta Grossa 81

Desígnios superiores 84

Time da resenha 86

Segunda bolha 88

Encontro de líderes 89

Segue a maratona 91

Capítulo 4 / 22 de maio de 2021 101

Objetivo maior 102

João Batista 104

Comparações 109

Superação 110

A paralisação 114

Em busca dos anéis 119

Jogo de detalhes 122

Os donos dos anéis 127

Capítulo 5 / 25 de outubro de 2021 135

O Luvix/União Corinthians 136

A volta dos campeões 137

Agosto corintiano 139

Os caminhos da elite 142

Renovações 144

Sonho antigo 146

Gaúchos na Espanha 148

Contrato de risco 151

A nova dupla 152

Os 15 escolhidos de Athos 154

Véspera 156
A espera acabou 158
O Arnão aplaude 160

Capítulo 6 / 2 de dezembro de 2021 168

De volta à elite 169
Incentivo rubro-negro 171
Antigos rivais 174
Em busca da primeira vitória 176
Emoção até o fim 179
Alma lavada 181
Retornos 184
Clássico gaúcho 186
Recomeços 188
Fim de turno 192

Capítulo 7 / 5 de fevereiro de 2022 200

Cai último invicto 201
O supertime de Franca 202
A sina do visitante 208
De volta ao Arnão 211
Turbulências 214
Calculadora na mão 217
Segundo final 219
Despedida 222

Posfácio 233

Referências 242

Créditos das fotos 244

O autor 247



O sonho que se realizou. Athos, o técnico que persistiu

Prefácio

*Athos Felipe Garcia Calderaro**

Nunca aceitei ver o basquete de Santa Cruz do Sul resumido às categorias de base, sem ter um time profissional. Não poderíamos ficar só nas lembranças dos tempos gloriosos, do período do professor Ary Vidal. Jamais me conformei. Conduzi minha carreira com o propósito de recolocar minha cidade na elite do basquete nacional.

Vivo o basquete santa-cruzensê há quase quatro décadas. Em meados de abril de 1987, então com 14 anos de idade, fui convidado para jogar na categoria pré-infantil do Corinthians Sport Club, cujo nome atual é União Corinthians. Não poderia imaginar que esse momento impactaria tanto minha vida. O clube se tornou um segmento da minha casa. Estudava pela manhã e pela tarde, passava o restante do tempo no Alçapão, o ginásio do clube. Treinava com a minha categoria, assistia aos treinos das categorias maiores, fazia amizades, aprendia com os técnicos, enfim, desfrutava o basquetebol.

Acompanhei e fiz parte da transformação de uma equipe semiprofissional em um projeto profissional e vencedor, que resultou no título nacional de 1994. Foram tempos de aprendizado. O sonho de me tornar jogador foi substituído pelo sonho de ser técnico, absorvendo os ensinamentos que recebi de meus treinadores e companheiros de time. Comecei a formar minha mentalidade para me tornar um técnico profissional. Fui de uma escolinha de iniciação ao basquete até o comando de uma equipe adulta.

Em abril de 2008, fui contratado para treinar as categorias sub-17 e sub-19 do Corinthians. Era o que tinha restado de um legado vitorioso. O meu compromisso era um dia voltar à elite, era um dia voltar a ter grandes jogos em Santa Cruz. Lembro que, muitas e muitas vezes, sonhava acordado ou conversando com os atletas da base sobre o dia em que voltaríamos à divisão principal do basquete. Tivemos inúmeras tentativas, mas não é fácil tocar o esporte de alto rendimento sem investimento e gestão profissional.

Nossa estrutura, à época, não permitia contratar e manter muitos atletas de Santa Cruz, que acabaram jogando em outros Estados. Assim, no meu alcance direto, trabalhei da melhor maneira possível para formar atletas, que aprenderam os ensinamentos do basquete: treinar como se joga; sonhar com a conquista diária; ter princípios; respeitar o jogo; e

nunca desistir dos objetivos. A vitória ou a derrota não definem quem você é. O que nos define é a nossa persistência. E nós persistimos.

Em 2017, montamos um projeto de longo prazo que começou pela reorganização das categorias de base para disputar competições nacionais e para recuperar a hegemonia do campeonato gaúcho adulto. Na visão do diretor Diego Puntel, precisávamos unir forças para voltarmos ao profissionalismo. Foi exatamente o que aconteceu. As entidades de Santa Cruz que militavam no basquete se uniram em um só projeto, cujo resultado veio com a conquista do Campeonato Brasileiro da CBB, segunda maior vitória do basquete do clube. Tenho orgulho de ver meu nome na história corintiana.

Muitos achavam que não era possível um técnico da casa, formado no próprio clube, ajudar a fazer acontecer um projeto dessa grandeza. Nós conseguimos. Diego não mediu esforços e sempre acreditou. É preciso reconhecer sua competência para colocar o União Corinthians no atual patamar. Uma tarefa árdua em uma cidade que aprendeu a ser muito crítica em virtude do passado vencedor. Esse contexto dignifica ainda mais a retomada do nosso basquete.

A volta à elite foi um trabalho coletivo de pessoas da comunidade. Agradeço aos amigos Marcelo Martin e Juarez Franco (*in memoriam*), que batalharam para impedir o término do basquete santa-cruzensense e que sempre acreditaram que um dia voltaríamos a ter destaque nacional. Agradeço aos meus pais, Paulo Calderaro e Maria Eunice Garcia Calderaro, que me educaram com princípios morais e de solidariedade. Agradeço à minha fortaleza Catiuscia Betina Meurer e ao meu grande campeão, meu filho Felipe Garcia Calderaro. Por eles, tenho forças para buscar o meu melhor. Sem a família, não somos nada. Também agradeço a Deus pela oportunidade de aprendizado e pela proteção diária.

Estrear no NBB, após anos e anos sonhando com isso, foi como chegar à Terra Prometida. O que parecia um devaneio virou realidade. Foi o início de uma jornada que será dolorosa e que terá alegrias. O mais importante é ver gerações de torcedores outra vez no Arnão. É manter a vocação da cidade. É ver novamente em Santa Cruz o basquetebol profissional, algo que foi feito no passado com muitos recursos financeiros e que hoje fazemos com muito trabalho e comprometimento. Seguimos em busca de novos objetivos, da melhor posição do campeonato. Somos persistentes.

* Técnico do União Corinthians

Capítulo 1

14 de maio de 2002



*Reforço argentino. Enzo Cafferata,
o capitão da retomada*

O inverno chegou

Os semblantes resignados no banco do Unisc/Corinthians/A.Zimmer retratavam o alívio pelo fim do jogo no ginásio Panela de Pressão, em Bauru, a 330 quilômetros de São Paulo. A derrota por 83 a 65 para o Tilibra/Copimax/Bauru (SP) na noite da terça-feira, 14 de maio de 2002, decretou uma despedida digna do Campeonato Nacional de Basquete Masculino. O técnico Alexandre Cruxen temia um massacre no encontro com o líder do torneio organizado pela Confederação Brasileira de Basketball (CBB), que reunia a elite da modalidade. O resultado encerrou a participação corintiana na 13ª edição do certame, também chamado de Liga Nacional. Com oito vitórias e 24 derrotas em 32 partidas, os gaúchos ficaram na 14ª colocação dentre 17 equipes. Desempenho discreto para o clube que, oito anos depois de conquistar o país, tinha futuro incerto nas quadras.

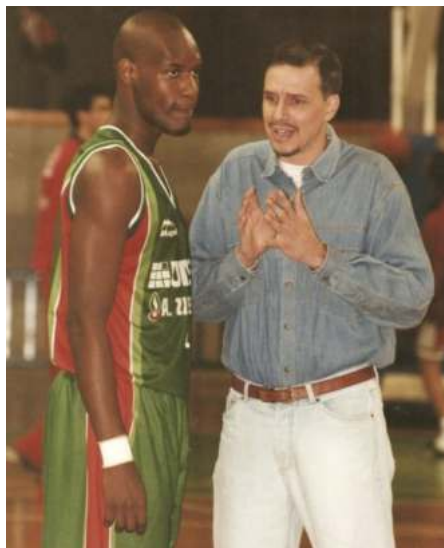
Em maio de 2002, Fernando Henrique Cardoso presidia o Brasil, a novela *O Clone* fazia sucesso e a Família Scolari se preparava para conquistar o penta no futebol. Em Santa Cruz do Sul, município a cerca de 150 quilômetros de Porto Alegre, conhecido pela produção de tabaco e por cultuar as tradições dos imigrantes alemães, os dias de glórias no basquete se tornaram lembranças na memória de exigentes torcedores que viram o Corinthians Sport Club fazer história em 17 de abril de 1994. Comandada por Ary Ventura Vidal, técnico da seleção brasileira no ouro do Pan de Indianápolis (1987), a Pitt/Corinthians virou o playoff diante do supertime de Franca (SP) e comemorou o inédito título da primeira divisão nacional, feito jamais repetido por outro clube gaúcho. O favoritismo dos paulistas era tamanho que Ary via seus jogadores condenados à derrota. Ao fechar a série em 3 a 2, o técnico sentenciou:

– Os 12 condenados estão absolvidos! Estão todos absolvidos!

Ary ficou em Santa Cruz de 1990 a 1997, com um hiato em 1995. Venceu seis estaduais e conquistou um título brasileiro (1994) e dois vices (1996 e 1997). Alçou o Corinthians Gaúcho, ou Corinthians do Ary Vidal, de força regional a potência nacional. O Corinthians que vestia verde – um disparate na ótica da rivalidade futebolística entre Corinthians Paulista e Palmeiras – ficou conhecido e temido, em especial quando atuava diante de sua fervorosa torcida. A saída do técnico iniciou a

derrocada. Os patrocínios minguaram, os selecionáveis se foram e a qualidade dos norte-americanos caiu junto com a lotação do Ginásio Poliesportivo. A hegemonia estadual foi perdida em 1997, retomada em 1999, perdida outra vez em 2000 e reconquistada em 2001 com o apoio da Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc) e da revendedora de gás A.Zimmer. Ausente da Liga Nacional de 2001, após 10 participações consecutivas, o Corinthians retornou à elite em 2002 graças ao título estadual obtido de forma invicta com Cruxen, ala-pivô campeão brasileiro em 1994, que assumiu a função de técnico. Um comandante sincero.

– Vamos ficar entre o 12º e o 15º lugar. Somos realistas. O importante é continuarmos o trabalho. Não quero ser um novo Rio Claro (*bicampeão da Liga que fechara a equipe adulta*) – disse o treinador ao jornal Folha de S. Paulo.



Campeão como jogador, Cruxen foi o técnico na despedida da Liga

Cruxen conhecia a realidade santa-cruzense desde 1985, quando defendeu o Corinthians pela primeira vez. Em 2002, aos 39 anos, o técnico de quase 2m de altura, braços e pernas longos e voz levemente rouca, comandou um elenco sem estrelas e com os norte-americanos Lo-

renzo Rollins e Greg Hendricks. O nome mais conhecido era o pivô Fábio Pira, ex-seleção. Diogo Boettcher, Djair, Gaúcho, Bimba, Pilly, Luís Fernando Helminsky, Rafael, Betão, Jefferson, BA e Ricardo também estavam no grupo que se despediu na derrota para o Bauru. O time paulista, dois meses depois, conquistou a Liga Nacional. A equipe treinada pelo ex-armador Guerrinha tinha Josuel, Jeffty, Brasília, Vanderlei, Murilo Becker e a dupla Marquinhos e Leandrinho, que chegou à NBA.

O Unisc/Corinthians/A.Zimmer não ficou entre os oito classificados aos playoffs, mas queria voltar ao campeonato em 2003. Por isso, precisava vencer o Estadual. Favorito, repatriou dois veteranos que fizeram sucesso na Era Ary Vidal: o norte-americano Brent Merritt, campeão em 1994, e o pivô Macetão. Em dezembro, a derrota em casa para a Ulbra por 96 a 84, no quinto jogo da final, deu o título ao time de Canoas (RS). Sem a vaga na Liga, Cruxen sentiu que o clube repetiria o destino de Rio Claro. O inverno que começou em 2002 ameaçava ser longo.

A Liga do Oscar

Em 2005, o Corinthians viu em um torneio alternativo a oportunidade de voltar a ter destaque nacional. Ingressou na Nossa Liga de Basquetebol (NLB), a “Liga do Oscar”. Liderada por Oscar Schmidt, maior cestinha brasileiro, a competição queria rivalizar com o certame da CBB, em crise administrativa. Na ocasião, o país teve dois campeonatos. Um organizado pela confederação, a elite do basquete, e outro paralelo.

Athos Felipe Garcia Calderaro, dedicado ala-armador de 32 anos de idade e 1,85m de altura, fazia parte daquele projeto de retomada. Esguio, pardo, cabeça raspada, sobrelance esquerda levemente arqueada e nariz de ponta arredondada, o lateral vestia a camisa 11 do elenco montado com patrocínio do Instituto Padre Reus (IPR), famoso pelos cursos por correspondência. O apoio permitiu ao Corinthians buscar um pupilo de Ary Vidal para treinar o time. Carlos Alberto Rodrigues, o Carlão, foi auxiliar na Olimpíada de Atlanta (EUA), em 1996, a segunda de Ary na seleção masculina. Natural de Franca, capital do basquete no Brasil, Carlão foi atleta e assistente do técnico Hélio Rubens. Na função de treinador, passou por Dharma (SP), Minas Tênis (MG), Vasco/Barueri (SP), Uberlândia (MG) e Mogi das Cruzes (SP). Chegou a

Santa Cruz em 2005 para trabalhar ao lado de Juarez Franco, o Bola, treinador que ajudou a construir o legado corintiano.

Assistente de Carlão, Bola foi campeão estadual como jogador e técnico pelo Corinthians (1983 e 1984). Um dos primeiros negros a vestir a camisa do clube, formou gerações de atletas e integrou a comissão de Ary. Conhecia os jogadores contratados por dirigentes com história no clube. O Mais Querido – outra alcunha do time gaúcho – era presidido por Carlos Roberto Gruendling. Filho do ex-prefeito Elemar Gruendling, um dos 14 fundadores da agremiação em 1939, Beto cresceu trajado de verde, vermelho e branco. Jogou nas categorias de base e, como dirigente, impulsionou a guinada do basquete tricolor a partir da década de 1980. Ele tinha ao seu lado o diretor Romário Haas, que participou da contratação de Ary e da construção do time campeão nacional de 1994.

Em dezembro de 2005, o IPR/Corinthians ficou de fora das finais do Estadual pelo terceiro ano consecutivo. Logo teve início a Nossa Liga, que avançou no primeiro semestre de 2006. Carlão teve à disposição elenco formado por atletas conhecidos no mercado gaúcho, como Djair, Joel, Gaúcho, Marcelão, Sidnei e Leandro, e por talentos da casa, a exemplo de Bimba, Rafael, Jefferson, Gustavo e Athos. Esse grupo foi reforçado pelo ala norte-americano Justin Murray.



Carlão, Kevin e Justin no IPR/Corinthians

Os corintianos chegaram às oitavas de final contra o Paysandu (PA). No mundo da bola laranja, o time grande era o IPR/Corinthians, mas uma proposta mudou o playoff. Pelo regulamento, os gaúchos fariam o primeiro jogo em Belém (PA) e o segundo em Santa Cruz, onde ocorreria, se necessário, o terceiro confronto para definir o adversário da Winner/Limeira (SP). Os planos previam ir até o Pará e voltar ao Rio Grande do Sul – travessia de quase 8 mil quilômetros – para, em caso de sucesso, seguir a São Paulo. O Paysandu ofereceu custear a viagem tricolor a Belém desde que as partidas ocorressem no Norte. A direção aceitou e, nas suas contas, economizou mais de R\$ 40 mil à época.

– Teríamos um jogo no outro lado do país para voltar a Santa Cruz e, caso passássemos, ir a São Paulo. Os atletas chegariam exaustos – justificou Romário Haas.

O time de Carlão encarou duas horas de ônibus até Porto Alegre, um voo para São Paulo, outro para Brasília e um terceiro até Belém. Um dia de viagem para iniciar o playoff na quente e úmida capital do Pará. O primeiro jogo foi na quinta-feira, 20 de abril, no ginásio da Escola Superior de Educação Física. Justin liderou com 23 pontos, e o IPR/Corinthians venceu por 95 a 87. Bastava repetir o feito na noite seguinte e rumar a Limeira. Contudo, o anfitrião despertou. O público adotou outra postura, e a pressão deu certo. O Paysandu venceu por 91 a 80. A definição ficou para o sábado. Novamente com ginásio rugindo.

O desgaste pesou. A derrota por 82 a 76 eliminou a equipe de Carlão e comprometeu o projeto. O rival fazia campanha histórica, porém, não era superior ao Mais Querido. Ficou o sentimento de que, sem a venda do mando de quadra, quem teria avançado seria o IPR/Corinthians. Athos vivenciou as consequências dessa derrota. A decepção afastou patrocínios, Carlão não renovou o contrato e o clube montou elenco modesto no Estadual de 2006. Bola assumiu o grupo, cuja base teve Turcão, Rafael, Gaúcho, Joel, Bimba e Gustavo. Athos, que também treinava jovens em escolinhas, continuou no elenco, que mais uma vez não chegou à final do torneio.

A Winner/Limeira venceu a Nossa Liga, que não teve segunda edição. Já a Liga Nacional, em 2006, terminou sem campeão após uma disputa judicial interromper a final entre Ribeirão Preto e Franca. O basquete defininha no Brasil. Dois campeonatos, racha entre clubes e confederação – com vai e vem de dirigentes na Justiça – e a seleção

masculina fora de duas Olimpíadas (2000 a 2004). A conjuntura espantou investimentos. Santa Cruz demonstrava cansaço. As quatro temporadas de ausência na elite e o fracasso na Nossa Liga encerraram um capítulo na história corintiana. O clube teve de mergulhar, focar nas categorias de base, fundir-se com outra agremiação e maturar um novo projeto para reaparecer no cenário brasileiro 15 anos depois. Treinado por um antigo ala-armador.

A primeira cesta

Athos Calderaro deu seis passos, esfregou as mãos e fez o sinal da cruz. Suspirou, ergueu a cabeça e se virou para o centro da quadra do ginásio Borell Du Vernay, em Ponta Grossa (PR). Aos 48 anos de idade, o técnico viveu na tarde da terça-feira, 23 de fevereiro de 2021, o momento há muito aguardado: o retorno do basquete adulto de Santa Cruz aos torneios nacionais. O União Corinthians – rebatizado após a fusão entre Clube União e Corinthians – estreava no Campeonato Brasileiro da CBB.

A exemplo de 2006, o país voltou a ter duas competições, mas, desta vez, com outro clima. O Novo Basquete Brasil (NBB), organizado pela Liga Nacional de Basquete (LNB) com a chancela da confederação, reunia a elite da modalidade, o equivalente ao campeonato ganho pela Pitt/Corinthians. A CBB, por sua vez, decidiu em 2019 voltar a organizar o próprio torneio, que permitiu a projetos de menor poderio financeiro uma vitrine nacional. Mais praças com jogos, mais profissionais empregados, mais basquete.

O Novo Basquete Ponta Grossa (PR) conquistou o torneio em 2019. Em 2020, a edição foi cancelada em razão da pandemia de Covid-19. O coronavírus deixou uma legião de mortos, instalou o luto e o medo entre famílias, paralisou parte da economia, consumiu postos de trabalho e modificou a força de trabalho cotidiano do planeta. As máscaras se tornaram itens básicos e as pessoas foram orientadas a evitar ambientes com aglomerações para tentar driblar a temida síndrome respiratória. Em fevereiro de 2021, transcorridos 11 meses de pandemia, a criação de protocolos e o início da vacinação levaram à retomada do dia a dia com as devidas adaptações.

Apesar do contexto adverso, o UniCo – acrônimo de União e Corinthians – avançou no projeto iniciado em 2017. Com Athos de técnico da base e impulsionado pelo diretor Diego Puntel, o trabalho maturou. Em dezembro de 2018, um elenco jovem encerrou o jejum de 17 anos sem faturar o título gaúcho. A taça deu credibilidade. Em 2021, o plano de retomada atraiu pool de patrocinadores liderado pela Stock Med, empresa de distribuição de medicamentos e suprimentos médico-hospitalares. Esse apoio permitiu colocar no ginásio Borell Du Vernay a equipe que estreou diante do Basquete Joinville (SC) no Campeonato Brasileiro da CBB. O torneio também teve o atrativo de trampolim para o NBB. Além da taça, ficou reservado ao campeão o direito de se tornar elegível à primeira divisão nacional. Os santa-cruzenses sonhavam com o retorno à elite.

A CBB reuniu 12 equipes, divididas em duas chaves, batizadas com nomes de figuras históricas. O Stock Med/União Corinthians ficou na Conferência Hélio Rubens, homenagem ao ex-capitão e ex-técnico da seleção. Já a Conferência Gerson Victalino foi um tributo ao pivô campeão pan-americano de 1987, titular da geração de Oscar e Marcel, treinada por Ary Vidal. O certame começou em fevereiro, mas sem público. A confederação definiu o formato de bolha para turno, retorno e playoffs. O protocolo sanitário ainda exigia a testagem de atletas e comissões antes das séries de jogos.

A primeira bolha da conferência corintiana foi marcada para Ponta Grossa, cidade do interior do Paraná, com mais de 350 mil habitantes. A terça-feira, 23 de fevereiro, programou rodada tripla: Brusque (SC) x Londrina (PR) às 14h; Stock Med/União Corinthians x Joinville às 17h; e Ponta Grossa x Maringá (PR) às 20h. O Brusque estreou com vitória por 78 a 67. Em seguida, aqueceram gaúchos e catarinenses. Camisa polo branca e calça preta, Athos observou da quina da quadra, com a prancheta embaixo do braço, os jogadores nos chutes e bandejas. Forjado na Era Ary Vidal, o estudioso e perseverante técnico se considerava pronto. Caminhou devagar até o banco, conversou com o armador argentino Enzo Cafferata, cumprimentou atleta por atleta e reuniu o time.

– Um, dois, três, Corinthians! – bradaram os jogadores com os punhos erguidos.

Athos mirou no centro da quadra os pivôs Vinicius Malachias e Emanuel Matias. Malaka, gigante de 2m09 de altura, 114 quilos e 21 anos de idade, flexionou os joelhos e cravou os olhos na bola que ga-

nhou os ares. O salto e o tapa levaram a bola até Cafferata. O gringo quicou duas vezes e lançou direto no garrafão, onde Malachias enterrou. O cartão de visitas da retomada. Dezenove anos depois da despedida da Liga Nacional e 15 anos após a Nossa Liga, o basquete santa-cruzeiro estava de volta ao cenário nacional.

O vaticínio

– Jogador você não vai ser, mas vai ser um bom técnico.

Athos não sabia se lamentava ou se festejava. Foi surpreendido pela franqueza de Ary Vidal. Ao final da primeira temporada em Santa Cruz com o terceiro lugar na Liga Nacional de 1991, o professor deu seu prognóstico para o ala-armador de 18 anos formado na base tricolor. Segundo o técnico, ele tinha leitura de jogo avançada para sua idade. O jovem magrelo e com uma boa condução de bola poderia seguir o ofício do mestre, dono de um bronze no Mundial das Filipinas (1978), de um ouro no Pan de Indianápolis (1987) e de um quinto e um sexto lugares em Olimpíadas (1988 e 1996) com a seleção masculina.

Athos carregou aquelas palavras na memória pelas três décadas seguintes. Usou-as como estímulo para se formar em Educação Física, para estudar as nuances do esporte e para treinar meninas e meninos por anos a fio. O vaticínio incentivou a batalha pela volta de um time profissional a Santa Cruz. Nascido em 16 de março de 1973 na própria cidade gaúcha, Athos foi o segundo filho do casal Paulo e Maria Eunice, ele, comissário da Polícia Civil, e ela, professora. O nome não teve inspiração nos mosqueteiros de Alexandre Dumas. A ideia era batizar o menino de Arthur, mas a opção por Athos se deu para facilitar a compreensão dos avós. O garoto descobriu o basquete aos 13 anos no Colégio Sagrado Coração de Jesus e logo passou a treinar no Mais Querido. Pegou gosto pelo esporte incentivado pelo começo no Brasil das transmissões em TV aberta da NBA, a liga norte-americana. Nos anos 1980, o showtime do Los Angeles Lakers levou cinco títulos e encantou uma geração de garotos. Athos se inspirava no armador Magic Johnson.



Athos (6) como armador das equipes de base do Corinthians

O jovem dividia o tempo entre cestas, cadernos e estágio no Banco do Brasil, local de trabalho de Bola, que, em 1989, treinou no campeonato gaúcho a versão basqueteira do FC Santa Cruz, clube de futebol da cidade. Bola contou com Athos, que participava dos treinamentos e, durante os jogos, fazia estatísticas. A experiência aprimorou o olhar do ala-armador que sonhava em ser profissional. Acompanhado do pupilo, Bola voltou ao Corinthians em 1990, o ano da virada. Athos estava no acanhado ginásio tricolor, sem arquibancadas fixas e chamado de Alçapão, quando Ary entrou pela primeira vez.

Parecia surreal. O basquete operário, com atletas que tinham outros ofícios para sobreviver, virou profissional graças ao patrocínio da Arcal, indústria de uniformes de propriedade de uma família corinthiana, os Swarowsky. Os irmãos Killy e Neni (Luiz Alberto e Waldir) lideravam a companhia. Killy treinou o Mais Querido no título estadual de 1983.

A Arcal/Corinthians também contratou os norte-americanos Alvin Frederick e Darryl Parker e os jogadores de seleção Marcel e Rolando. Dos reforços, três (Ary, Marcel e Rolando) ajudaram a escrever um capítulo da história do basquete em 23 de agosto de 1987, dia em que os

EUA, inventores do jogo, perderam pela primeira vez uma partida oficial em casa. Considerada improvável, a vitória brasileira por 120 a 115 valeu o ouro no Pan de Indianápolis e acelerou o aval às estrelas da NBA nas Olimpíadas, o que permitiu a formação do Dream Team em 1992. Era muita informação para Athos processar. De repente, Santa Cruz passou a conviver com o técnico careca e de óculos, que não sossegava à beira da quadra, um senhor de 54 anos, fumante, apreciador de uísque escocês e dono de sacadas proferidas com arrastado sotaque carioca, pontuadas por palavrões. Também se via Parker – armador com quase 2m – e Alvin – carismático ala-pivô de biótipo ao estilo Michael Jordan, capaz de bandejas e enterradas plásticas.

Outra figura que se juntou à paisagem local foi a do pivô Rolando, simpático gigante de 2m14, que dois anos antes se tornou o primeiro brasileiro a jogar na NBA – defendeu o Portland Trail Blazers. O reforço chegou junto com o ala Marcel Ponikvar de Souza, que estampou a capa do jornal The New York Times após a vitória da seleção em Indianápolis. Cirúrgico nos arremessos de longa distância, Marcel liderou a primeira geração do Corinthians do Ary Vidal, completada por Mauro, lateral com passagem pela seleção e pelo basquete universitário dos EUA.

Athos acompanhava treinos, completava atividades e torcia pelos novos ídolos no ginásio do Colégio Mauá, lotado a cada rodada da Liga Nacional. A fila antes dos jogos se estendia por mais de duas quadras e as arquibancadas retumbavam com o bater de pés e mãos. O garoto, inclusive, virou amigo e escudeiro de Marcel ao aceitar a missão de lhe passar bolas para duas sessões diárias de arremessos. Entre lances livres, chutes de dois e de três pontos, o lateral convertia na faixa de 1,2 mil arremessos de cinco posições da quadra. Erguia e inclinava a cabeça à esquerda, fixava os olhos no aro e disparava. Chuá.

– Jogar basquete é como ser malabarista. Se você treinar de manhã, de tarde e de noite, vai acertar. Repetição, repetição e repetição – filosofava Marcel.

Athos seguiu à risca os ensinamentos, dedicação que chamou a atenção de Ary. O professor elogiou a melhora no arremesso, destacou a importância do espelho para os jovens e fez o vaticínio. O técnico, que vislumbrava atletas de primeira linha, foi sincero. Encostou uma porta e abriu outra para o ala-armador seguir.

Seleção brasileira

A enterrada de Malachias com quatro segundos foi respondida pelo arremesso de Alemão, ala do Joinville. O Stock Med/União Corinthians voltou à frente com a bandeja de Rafael Paulichi. Emanuel empatou. Um passe interceptado permitiu ao armador Patrick Vieira, o Carioca, virar – 6 a 4. Malachias sofreu falta ao partir para cesta, converteu o primeiro lance livre e errou o segundo. Paulichi, versátil ala de 2m02 de altura e 22 anos de idade, apanhou o rebote e marcou. Emanuel e Carioca acertaram de fora do perímetro, Diego Dias guardou um lance e Dieguinho derrubou outra bola de três. Com cinco minutos e quinze segundos no cronômetro, o Joinville abriu 16 a 7 no placar.

O excesso de erros marcou o início da estreia no Campeonato Brasileiro da CBB. Um começo conturbado. Athos perdeu três titulares na véspera da viagem da primeira bolha da Conferência Hélio Rubens. Três atletas com Covid-19 – o ala-armador Ícaro Parisotto, o ala-pivô Lelê e o pivô Ralfi Ansaloni. O preparador físico Alexandre Kessler e o mordomo Luciano Hillesheim também tiveram diagnóstico positivo para a doença nos testes obrigatórios. Os cuidados se mostravam necessários. Em fevereiro de 2021, o Brasil sofria com escalada nos números de contágios, internações e mortes. Somente no dia 23, data da estreia no Brasileirão, foram confirmadas pelas secretarias estaduais de saúde 1,3 mil óbitos por Covid-19. A média móvel da semana superava mil mortos por dia, e o país se aproximava de 300 mil vítimas em quase um ano de pandemia. Assim, Athos mandou à quadra um time jovem, com exceção de Enzo Cafferata, 33 anos, capitão da equipe. O treinador não externou dúvida quanto à capacidade de Léo Assmann, Paulichi, João Marcos e Malachias, escolhidos para compor com Cafferata o quinteto da estreia.

– Acredito em vocês – incentivou.

Estudioso das estratégias dos lendários técnicos Phil Jackson e Gregg Popovich, Athos usou lições dos mestres, entre as quais, confiar no sistema de jogo. Um modelo bem assimilado minimiza ausências. Adepto do triângulo ofensivo usado por Phil, dono de seis títulos da NBA com o Chicago Bulls e de outros cinco com os Lakers, o santacruzense preparou o elenco para atuar no sistema conhecido pela liberdade de movimentação e por apostar na criatividade em detrimento das

rígidas jogadas ensaiadas. Velocidade e criatividade a caminho da cesta. Dominar os detalhes dessa engrenagem foi uma das obsessões de Athos na carreira de treinador iniciada nos 1990, em paralelo ao sonho de ser jogador.

Ele montou escolinha sem fins lucrativos, treinou crianças no Colégio Sagrado Coração de Jesus e, em 1995, disputou o Estadual pelo Mirimano/Bira, de Lajeado. Sagrou-se vice-campeão, derrotado na decisão pelo Corinthians. Na cidade, conheceu Clairton Wachholz, o Xis, um abnegado que levou aos poucos, contra desconfianças e carestia de dinheiro, o Bira dos torneios amadores aos profissionais.



Athos na comissão técnica da base da seleção brasileira

Xis mostrou que um técnico pode ter estrutura própria, mesmo que pequena, para fazer basquete. E Athos levou o exemplo consigo enquanto estudava, jogava, treinava e torcia. Como atleta, defendeu Corinthians, Associação de Basquete Santa Cruz (Abasc), Brusque, Ponta Grossa, Jequiá (RJ) e Nacional de Rivera (Uruguai). Nas arquibanca-

das, viu o apogeu e a derrocada tricolor. Em abril de 1994, Athos esteve entre os mais de 8 mil torcedores que por três dias lotaram o ginásio Tesserinha, em Porto Alegre. Incentivou a virada da Pitt/Corinthians para cima da Satierf/Sabesp/Franca, equipe com seis jogadores de seleção, favorita à conquista do quarto título nacional em cinco anos. Ary, que descrevia seu time como um fusquinha na corrida contra bólidos de Fórmula 1, saiu atrás. Após duas derrotas em São Paulo (95 a 92 e 97 a 96), o Corinthians do Ary Vidal precisou de três vitórias seguidas para se tornar o primeiro time gaúcho a ser campeão brasileiro e para quebrar duas décadas de hegemonia paulista. Desde 1973, quando os goianos do Vila Nova venceram a Taça Brasil, somente clubes de São Paulo festejavam o título nacional.

Com gremistas e colorados na mesma torcida, os 12 condenados empataram a série na sexta-feira (90 a 87) e no sábado (99 a 98). No domingo, 17 de abril, nova vitória: 99 a 92. Título e absolvição. Para ver a história, Athos foi e voltou de Porto Alegre três vezes. Também das arquibancadas, mas do Poliesportivo de Santa Cruz, ele vibrou nas campanhas dos vice-campeonatos brasileiros de 1996 e 1997 da Pony/Corinthians, time que contou com o brilho do armador norte-americano Marc Brown. Athos ainda testemunhou o declínio gradual e a derradeira campanha na Liga Nacional em 2002.

Na função de técnico, dedicado ao curso de Educação Física da Unisc, Athos repetiu Bola e formou gerações de atletas. Treinou jovens em uma ação da prefeitura e no Projeto Cestinha, parceria entre Unisc e Serviço Social da Indústria (Sesi), responsável por levar o basquete a comunidades carentes e por relevar novos talentos. Em 2007, os meninos nascidos em 1992, treinados por Athos, terminaram a temporada invictos com títulos estadual e sul-americano. O sucesso marcou o início da relação do técnico com o ala-armador Ícaro Parisotto, então com 15 anos. Foi nesta época também que Athos entrou na base do Corinthians. Ele se revelou um papa-taças, comandou seleções gaúchas e foi assistente de Demétrius Ferracciú na base da seleção brasileira. Hexacampeão brasileiro como jogador, presente na Olimpíada de Atlanta (1996), Demétrius treinou a geração de Deryk Ramos, Leo Demétrio e Lucas Dias. Athos auxiliou o técnico no título sul-americano sub-17 em 2011; no vice da Copa América Sub-18 em 2012; e no décimo lugar no Mundial Sub-19 da República Tcheca, em 2013.

O período coincidiu com a primeira oportunidade do treinador para comandar um time profissional. Em 2012, a parceria entre FC Santa Cruz e Corinthians devolveu a esperança ao torcedor. Amigo de Athos desde os tempos de juvenis, o empresário Marcelo Denizar Martin reuniu nomes da cidade com reforços nacionais e os norte-americanos Eryk Watson e LaVell Blanchard para disputar a Copa Brasil Sul, que valia duas vagas na Super Copa Brasil, porta de entrada do NBB. O projeto mirava o retorno à elite.

– Chegou o desafio mais importante da minha carreira. Me sinto preparado, com conhecimento e confiante para fazer tudo o que estiver ao meu alcance para orientar bem o nosso Santa Cruz/Corinthians. A luta de vários anos de trazer o basquete profissional de volta a Santa Cruz está se concretizando – afirmou Athos ao jornal Gazeta do Sul.

O técnico teve Bola, antigo mestre, como auxiliar. O Santa Cruz/Corinthians avançou ao quadrangular final, mas amargou a lanterna com três derrotas em três jogos em Campo Mourão (PR). Parcela da frustração foi creditada ao triângulo de Athos. Ficou a desconfiança em relação ao seu potencial. Vencer as desconfianças exigiria trabalho e paciência. O retorno ao cenário nacional teria de esperar mais nove anos.

O impulso de Rogério

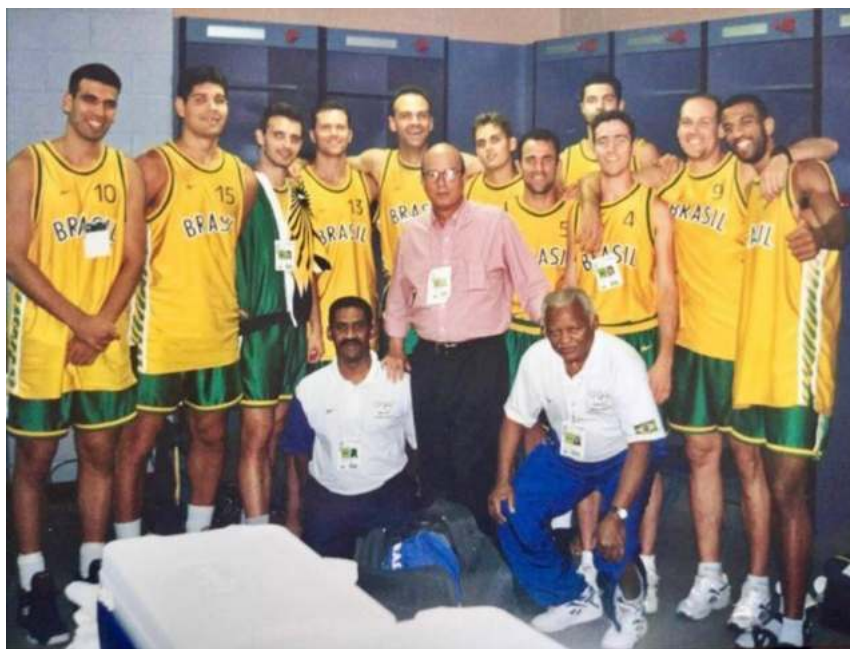
– É muito legal o projeto, mas não é possível que Santa Cruz não possa fazer isso – desabafou o empresário Diego Puntel ao ver o Esporte Clube Guarani, do município vizinho de Venâncio Aires, disputar duas finais do campeonato gaúcho com time e comissão técnica formados por santa-cruzenses.

Após o fracasso na Copa Brasil Sul, o grupo do Santa Cruz/Corinthians levou adiante o sonho com o próprio time de amigos. O Cosseno, que reunia a geração de Athos e Denizar para peladas e jogos da Liga Municipal de Basquete, idealizada pelo técnico, aventurou-se no Estadual de 2013. Pôs fim a três anos da ausência de Santa Cruz no certame. A turma, com atletas a tirar recursos do bolso, impediu o velório do basquete. A chama, embora fraca, ardia, como frisou Denizar em seu perfil no Facebook.

“Hoje tem basquete! Infelizmente o jogo não é no Poli, o time não é o espetacular Corinthians, não teremos americanos em quadra e nem 7

mil torcedores fanáticos na arquibancada. Mas o basquete adulto voltou! Se você é da minha geração, que cansou de ver grandes jogos com as principais estrelas do país jogando por aqui, ou é mais novo e apenas ouviu inúmeras histórias sobre partidas memoráveis, tire um tempo hoje à noite, às 20h, e vá apoiar o Cosseno/Radson/Pizzaiolo no ginásio ‘caldeirão’ do Corinthians”.

Athos treinou o Cosseno, formado por garotos e veteranos, com o acréscimo de luxo de Rogério Klafke, ex-seleção que interrompeu a aposentadoria. O ala-pivô cinco vezes campeão nacional e maior cestinha dos campeonatos brasileiros (mais de 10 mil pontos) anunciou em maio de 2013 o fim da carreira aos 42 anos de idade. Porto-alegrense, mas com familiares em Santa Cruz, optou por morar no interior e, quatro meses após a chegada, disputou o Estadual. O Cosseno parou nas semifinais, batido pelo Bira em jogo marcado por briga no Alçapão, com troca de socos e cadeiras arremessadas.



Rogério (13) defendeu o Brasil na Olimpíada de Atlanta

No ano seguinte, Athos levou sua estrutura para Venâncio Aires. Teve as portas do Guarani abertas por um presidente que também cresceu inebriado pelas jornadas do Corinthians do Ary Vidal. Luiz Paulo Assmann Junior, engenheiro civil e empresário, assumiu o clube e criou o departamento de basquete. Atendeu ao pedido de Rogério, inconformado por ver Santa Cruz sem time adulto. A ALM, construtora de Junior, patrocinou a equipe treinada por Athos e liderada em quadra por Rogério. Diariamente, atletas e comissão cumpriam em vans ou nos próprios carros os 30 quilômetros entre Santa Cruz e Venâncio. O Guarani foi duas vezes vice-campeão gaúcho (2014 e 2016) e campeão da Copa RS (2016), enquanto o Corinthians seguia somente com a base.

Lateral de 2m de altura, sujeito loiro e de olhos azuis, ídolo em Franca, campeão pan-americano pela seleção e atleta olímpico, Rogério deu visibilidade e credibilidade ao projeto. O quarentão era uma promessa que se firmava em 1994, quando perdeu a Liga Nacional para a Pitt/Corinthians. Três anos depois, ainda por Franca, deu o troco nos gaúchos. O empurrão do craque se somou à indignação de Diego para tirar Santa Cruz da letargia. Garoto que na fase áurea corintiana dizia na portaria do Poliesportivo que iria vender refrigerantes para entrar nos jogos, ele se aproximou de Athos e Rogério em razão do cunhado Gabriel Lemes Vaz, o Pepino, que atuava no Guarani. O empresário acompanhava treinos e jogos e entrou no projeto com o otimismo e o pragmatismo cultivados na lida diária à frente, junto com a esposa Fabiane, da RS Uniar Sistemas de Climatização. Rosto comprido, cabelos castanhos, barba aparada e econômico nos diálogos, Diego queria ver a retomada sustentável de um time em sua cidade. Foi para isso que cerrou fileiras com os amigos que remavam para não deixar o basquete morrer.

A fusão

Rafael Paulichi acertou o primeiro lance livre e errou o segundo. O Stock Med/União Corinthians reduziu de 9 para 8 pontos a vantagem do Joinville, que tirou de quadra Emanuel e Carioca para colocar o ala Lucas Brito e o pivô Murilo Becker. Santa-cruzensense formado na base com Athos, Brito ainda buscava a regularidade capaz de consolidá-lo em grandes equipes. Murilo, gaúcho de Farroupilha, era um jogador

consagrado. Pivô clássico, 2m08 e 115 quilos, defendeu a seleção e, por clubes, obteve títulos paulista, brasileiro e sul-americano. Aos 37 anos, treinava atrás de vaga na seleção de basquete 3x3, no qual trios se enfrentam, em vez dos tradicionais quintetos.

Athos girou o time com Bernardo Möller, ala de 21 anos com passagem pelos EUA e de volta ao clube. A troca não modificou a partida, com arremessos que nem sequer aro deram. No final do quarto, derrota parcial por 19 a 11. A partida de retorno aos torneios nacionais seguia a sina de dificuldades. Esse cenário em Santa Cruz, para ser modificado, também precisou de uma fusão. Em 2015, o Esporte Clube União Corinthians surgiu do enlace entre o Corinthians Sport Club e o Clube União.

O Mais Querido foi fundado em 25 de julho de 1939. Nasceu dedicado ao futebol como Corinthians Foot-Ball Club, criado por 14 amigos reunidos no antigo quiosque da praça Getúlio Vargas, em frente às obras que dariam forma à futura catedral São João Batista, hoje um imponente templo com duas torres de 82 metros de altura cada. Os amigos se empolgaram com uma sessão de cinema, na qual assistiram a um cinejornal com imagens do Corinthians Paulista, time da moda nos gramados, prestes a conquistar o tricampeonato paulista. Apesar da inspiração, os jovens optaram por outras cores para o clube, já que a cidade tinha desde 1913 o alvinegro Futebol Clube Santa Cruz, o Galo. Em agosto de 1939, os sócios escolheram o verde e o branco, incluindo o vermelho depois. Em outubro, o nome mudou para Corinthians Sport Club e, aos poucos, o basquete se tornou a razão de ser da agremiação, que também desenvolveu ala social, com piscinas e bailes. Precursor no basquete feminino, em 1951 o clube ganhou o campeonato gaúcho. A primeira taça estadual no masculino veio em 1958, repetida em 1983, 1984 e 1986. Eram quatro títulos até a chegada de Ary Vidal. A veia basqueteira seguiu a vocação da cidade, que praticava desde 1931 a bola ao cesto por meio da Sociedade Ginástica. O verde e o vermelho deram os tons do clássico Gi-Co, o Gre-Nal do basquete local, que ganhou novo palco em dezembro de 1955. O Corinthians inaugurou seu ginásio, o Alçapão, localizado ao final da Rua Marechal Floriano, a principal via da região central de Santa Cruz, a 350 metros da sede do Clube União.

O União se aproximava do 150º aniversário quando os sócios aprovaram a fusão. A sociedade recreativa foi criada em 10 de abril de 1866 por um grupo de alemães, etnia que em 1849 iniciou o povoamento da colônia que originou Santa Cruz. A agremiação, exclusiva para homens, foi batizada de Club Alemão e dois anos depois se fundiu à Sociedade de Atiradores. Em 1870, houve a mudança de nome, com a substituição de Alemão por União. O clube trocou mais de uma vez de sede até se estabelecer na década de 1930 no prédio branco de arquitetura naval na Marechal Floriano, atualmente uma rua ornada por árvores cujas copas se encontram para formar o Túnel Verde, cartão-postal da cidade. A sede recebeu festas e formaturas até meados dos anos 2010.

O futuro do prédio serviu de empurrão para a fusão. Em 27 de janeiro de 2013, o incêndio da boate Kiss, em Santa Maria (RS), matou 242 jovens e deixou mais de 600 feridos. Uma série de irregularidades e omissões na autorização para o funcionamento da boate resultou na tragédia. De imediato, a fiscalização mais rígida descobriu, país afora, milhares de prédios públicos, lojas e clubes com documentações vencidas e necessidade de obras para prevenir e combater incêndios. Essa situação barrou eventos no União. A liberação pelo Corpo de Bombeiros dependia de reforma de valor proibitivo, mesmo para o clube de finanças robustas.

Com mais de 2 mil sócios, o União também oferecia sede campestre com salões, piscina, campos de futebol e quadras de tênis e de pádel. Aos sábados, o local fervilhava com as rodadas de três a quatro divisões do campeonato de futebol 7, no qual só atuavam atletas com mensalidades em dia. O nó para assegurar a longevidade da entidade estava na sede central, pensava o presidente do União, Marco Aurélio Fernandes Jardim. Não havia fôlego para custear cerca de R\$ 2 milhões pela reforma do prédio octogenário.

Já o Corinthians dispunha de ginásio, sede social e piscina, mas padecia para manter sócios. Esse cenário angustiava Beto Gruending, presidente tricolor. A debandada de sócios, acelerada pela popularização das piscinas em residências, pesou. O dirigente chegou a fazer vaquinha com 10 sócios para reunir R\$ 30 mil e pagar contas urgentes. O Corinthians se mantinha com aluguéis, como o de um boliche, e, no basquete de base, com o patrocínio do empresário Celso Müller, senhor de cabelo e bigode brancos, dono da rede de supermercados Miller, que ao longo dos anos se notabilizou como mecenas do esporte. Beto acre-

ditava que Santa Cruz não tinha condições de comportar tantos clubes. Fundir agremiações parecia lógico. Ele bateu à porta de interessados, porém as conversas não evoluíram. Os ventos mudaram de direção após a tragédia da boate Kiss.

– Atuamos no centro da cidade. Se estamos dividindo o mesmo espaço, por que não nos juntamos para oferecer mais aos nossos associados? – indagava Beto.

O namoro que resultou na fusão teve início em 2014 e avançou em 2015 com estudos de modelos de negócios e visita ao Recreio da Juventude, centenário clube de Caxias do Sul (RS) que, em 2011, incorporou o Clube Guarany. Os dirigentes se informaram sobre o Esporte Clube Pinheiros, de São Paulo, que reunia mais de 39 mil associados e empregava atletas olímpicos e paralímpicos de atletismo, basquete, natação, judô e ginástica. O Pinheiros usava a Lei de Incentivo ao Esporte, que permite a empresas e pessoas destinarem fatias do Imposto de Renda a projetos aprovados pelo governo federal. Feitas as análises, optou-se pela fusão, enquanto Beto e Jardim venciam resistências.

Beto, que oscilava de 30 a 50 sócios com mensalidade em dia, teve o apoio de Romário Haas. O passo decisivo do casamento ocorreu em 27 de julho em dois atos, um em cada sede. As duas assembleias de sócios aprovaram a criação do novo clube, cujo patrimônio físico, segundo valores da época, ficava na faixa de R\$ 25 milhões. O azul do União se juntou ao verde, vermelho e branco no Esporte Clube União Corinthians.

Os meses seguintes foram de transição, com o médico veterinário Renato Saldanha Teixeira na presidência da entidade. O prédio do União foi alugado para as lojas Renner. O letreiro na fachada no Alçapão recebeu novos nome e logo. O União trazia as letras C e U entrelaçadas, enquanto o Corinthians tinha escudo de linhas retas, com os cantos inferiores arredondados, preenchido por listras verticais em verde e branco. O fruto da fusão ganhou design elegante. O C em vermelho ficou ao centro, com o U em azul encaixado logo abaixo. Acima, uma estrela verde, referência à façanha do basquete.

Reconquista

Renato Teixeira deu aval para Athos, Rogério, Diego e Paulinho reerguerem o basquete santa-cruzense a partir da base. Paulo Cesar Ferreira, armador prata da casa nos anos de Ary Vidal, agregou a experiência de atleta e empresário à organização do projeto do UniCo. Paulinho jogou com Athos na juventude e foi levado por Ary para compor a equipe principal, inclusive na temporada do título brasileiro. O armador magro e de cabelos loiros virou dono de restaurantes, porém, jamais se afastou da bola laranja. Jogou campeonatos estaduais, patrocinou equipes e sonhava com a volta à elite. Por isso, a partir de 2017, o trabalho feito em Venâncio Aires foi concentrado em Santa Cruz e ganhou o apoio da construtora Cigha, que viabilizou a presença no Estadual.

– O apelo tradicional de Santa Cruz pelo basquete motivou a Cigha a engajar-se neste novo projeto – declarou o diretor da empresa, Fagner Schwengber.

– Precisamos lotar o ginásio, incentivar o time e mostrar que o basquete é um dos esportes preferidos dos santa-cruzenses – acrescentou Paulinho.

Santa Cruz estava ausente do torneio, que padecia para reunir ao menos quatro equipes, a maior parte, amadora. Comandando por Athos (técnico) e Rogério (coordenador técnico), o Cigha/União Corinthians usou um time de garotos sub-17 e sub-19, reforçados por jogadores locais com experiência no basquete paulista, a exemplo dos alas Ícaro Parisotto, Digo Santos, Giuliano Mazui e Léo Assmann e do pivô Leandro Buboltz, o Vermelho. A cidade não deixou de ser celeiro de talentos.

– É motivo de alegria, depois de tanto tempo e dificuldade, ter uma equipe jovem e amadora, mas com todos da cidade, para jogar em nível estadual. Não temos dinheiro para pagar, é tudo no amor, mas é uma forma de sair da estaca zero para, daqui a algum tempo, fazer uma equipe forte e voltar a sonhar com coisas maiores – disse Rogério.

A Federação Gaúcha de Basquete (FGB) recrutou sete equipes em 2017. O Caxias, presente no NBB, só entrou na final contra o UniCo, que voltou à decisão após 15 anos – fora derrotado pela Ulbra em 2022. O público no ginásio do Colégio Mauá reconheceu o esforço na derrota por 111 a 83 para os profissionais do Caxias. O retorno com vice-campeonato reforçou a credibilidade do projeto, turbinado em 2018. Em

abril, o time sub-21 ficou em segundo lugar na Copa Brasil de Clubes. A equipe de Bernardo Moller, Lucas Brito, Eduardo Maciel, Rafael Lenz e Paulo Rogério foi ao Rio de Janeiro, bateu Tijuca e Flamengo e encarou o Fluminense na decisão. Vitória dos cariocas por 68 a 56.

Outro sinal promissor veio na Liga de Desenvolvimento de Basquete (LDB), principal campeonato sub-22 do país. Liderado pelo ala Aquiles, o Cigha/União Corinthians ficou entre os oito melhores. O bom desempenho foi alcançado após a despedida de Rogério. O cestinha aceitou o convite para reencontrar Demétrius, ex-colega de Franca e Vasco. Aceitou ser assistente do amigo, técnico do Bauru, postulante ao título do NBB. Rogério saiu, mas seguiu na torcida pelo projeto que auxiliou a estruturar.

“Foram 5 anos de muita amizade, parceria, comprometimento e, principalmente, um desejo enorme de ver o basquete do nosso Rio Grande crescendo e se tornando respeitado novamente! Espero ter dado alguma contribuição para essa nova geração talentosa aqui de Santa Cruz do Sul”, publicou o craque no Instagram.

A retomada avançou na busca pela reconquista do título gaúcho. O UniCo repetiu a fórmula de mesclar garotos e atletas experientes. Chegaram o ala-armador Tobias Marramarco, 25 anos, ex-Minas e Caxias; o pivô Nandão Ferreira, 28, ex-Caxias e Bauru; e o pivô Leandro Bultz, 35, formado no Alçapão e egresso da University of South Alabama (EUA). O trio se juntou aos jovens Lucas Brito, Aquiles, Camilo Gonzatti, Geovane Teixeira, Ruan Vasconcelos, Bernardo Moller e Rafael e Ricardo Lenz.

Quatro equipes se inscreveram no Estadual de 2018. Cigha/União Corinthians, Sojão, Caxias e Passo Fundo. Representante de Santa Rosa, cidade de economia capitaneada pelo cultivo de soja, o Sojão aproveitou a linha de produção de talentos de Santa Cruz. O clube anunciou o técnico Dudu Garcia, ex-atleta corintiano, que acertou a contratação de santa-cruzenses de diferentes gerações: os irmãos Ícaro e Audrei Parisotto, os armadores Léo Assmann e Digo e o ala Giuliano Mazui. Do elenco, o ala Audrei, 34 anos e 1m95, trazia no currículo 10 edições do NBB na carreira por clubes como Uberlândia, Joinville, Minas Tênis e Basquete Cearense (CE).

A situação fez Athos ouvir indagações sobre o motivo do UniCo não contratar esses atletas. O técnico explicava que pretendia dar rodagem aos garotos e que o time teria dedicação exclusiva aos treinos, ao

contrário do rival. O primeiro encontro entre Cigha/União Corinthians e Sojão ocorreu em novembro. A FGB dividiu a fase classificatória em dois quadrangulares, um em Santa Rosa e outro em Santa Cruz. Na terra da soja, triunfo dos anfitriões por 65 a 56. Na capital do tabaco, vitória corintiana por 85 a 84, o que garantiu melhor campanha e o direito de receber a final em jogo único.

– Foi um teste para cardíaco – resumiu Athos após a vitória.

A FGB marcou a decisão para a noite de 14 de dezembro, uma sexta-feira cuja atmosfera no Alçapão lembrou antigas finais estaduais. O ginásio lotou. Torcedores atrás de uma das tabelas e na arquibancada de um dos lados da quadra para assistir ao jogo decidido na segunda prorrogação. Athos iniciou com Lucas Brito, Aquiles, Tobias, Nandão e Buboltz. Dudu Garcia lançou Ícaro, Andrei, Digo, Gui e Tiagão. O Sojão ficou à frente, tomou a virada e buscou o empate em 88 a 88 que forçou o tempo extra. Novo empate em 107 a 107 e outra prorrogação. Enfim, a vitória por 120 a 112. O primeiro título gaúcho desde a fusão. Lucas Brito desequilibrou com 44 pontos. E Athos acertou ao privilegiar o regime de treinos. A melhor condição física foi decisiva. A reconquista do Rio Grande do Sul, passados 17 anos, passou por sua convicção, persistência e talento.

– É uma emoção muito grande devolver este título à cidade – vibrou o técnico.



UniCo comemorou a reconquista do título estadual

Resiliência e incentivo

Aos 36 anos, Diego Puntel viabilizou o retorno aos torneios nacionais. De forma voluntária, executou o passo a passo para filiar o UniCo ao Comitê Brasileiro de Clubes (CBC), que repassa dinheiro por meio de editais a entidades que formam atletas, e aproximou-se das cúpulas da FGB, CBB e LNB. O dirigente buscou receita para alojamentos, alimentação e ajuda de custo para jovens talentos. Para assumir a direção do basquete, recebeu o incentivo da esposa Fabiane. Sem o apoio dela, com quem teve os filhos Eduarda, Augusto, Érica e Alice, não conciliaria trabalho, família e esporte.

Bem-humorado, porém franco e objetivo, o cartola se tornou conselheiro dos jovens e estabeleceu elo de confiança com Athos. Resolvia demandas dentro do orçamento e não dava pitacos na quadra. O vínculo se fortaleceu ao observar a entrega e a paciência do técnico. A frustração do Santa Cruz/Corinthians na Copa Brasil Sul deixou a imagem de que Athos era o santo de casa que não operava milagres. Ele discordava. Tinha fé na capacidade que o levou à comissão técnica da seleção brasileira de base.

Em 2012, o treinador ganhou o incentivo derradeiro: o nascimento do filho Felipe. O diagnóstico de autismo do menino exigiu uma revolução na vida de Athos e da esposa Catiúscia Meurer. Ela parou de trabalhar para ter dedicação exclusiva ao garoto. Ele ignorou propostas de outros clubes e decidiu batalhar para fazer o basquete dar certo em Santa Cruz outra vez. Ouviu sondagens de Flamengo, Paulistano, Palmeiras e Campo Mourão, mas priorizou o rebento. A rede de apoio familiar era fundamental para o desenvolvimento de Felipe. O menino cresceu encantado pelo pai e pela bola laranja.

Em 2021, Athos viu no Campeonato Brasileiro da CBB a chance de demonstrar que acertou nas escolhas. Era a oportunidade de dar o salto no projeto de retomada. E a estreia exigiu resiliência. A derrota por 19 a 11 no primeiro período contra o Joinville expôs a jornada de pouca precisão do Stock Med/União Corinthians, que errou os oito arremessos de três pontos tentados. O segundo período abriu com cesta de Murilo Becker. Paulichi descontou usando a tabela e, na sequência, errou o nono chute de três. Léo Assmann desperdiçou o décimo e Cafferata, o 11º. O Joinville marcou de novo. Paulichi girou na marcação, fintou e acertou o aro. Rebote com Will Costa, que encaçapou de três. Fim de segundo período, derrota por 28 a 19. A arrancada no Brasileirão da CBB repetia a sina santa-cruzensense no século 21. Athos foi para o vestiário disposto a reagir.



Comandada por Ary Vidal, Pitt/Corinthians foi campeã brasileira em 1994



Ginásio Poliesportivo foi construído durante a fase áurea do Corinthians



*Lorenzo foi o norte-americano do Corinthians
na despedida da Liga*



Gaúcho no Unisc/Corinthians/A.Zimmer durante a Liga Nacional de 2002



*Justin foi o principal reforço corintiano
para disputar a Nossa Liga*



Athos (11) integrou o elenco do IPR/Corinthians



Projeto de retomada recolocou Santa Cruz no Estadual



Lucas Brito (10) se destacou nas equipes de base do União Corinthians

Capítulo 2

4 de novembro de 2020



Talento formado em casa, Ícaro retornou às quadras

Estamos de volta

“É hoje! O momento mais aguardado há muitos anos”. A mensagem no vídeo publicado pelo União Corinthians às 11h20 nas redes sociais, com o áudio da torcida a cantar “está chegando a hora” nas finais da Liga Nacional de 1994, deu a pista sobre o anúncio previsto para a tarde da quarta-feira, 4 de novembro de 2020. Às 16h20, um segundo vídeo postado no Facebook e Instagram desfez o mistério. “Do passado vem a nossa inspiração! Vêm nossa coragem e nossa força! A paixão pelo basquete nunca morrerá!”. A frase saltou no vídeo seguida da palavra “confirmado” e das logomarcas do UniCo e do Campeonato Brasileiro da CBB. A hashtag foi mais direta: #voltamos.

– É uma grande alegria ver concretizado um projeto de base que se iniciou em 2017. Voltar ao cenário nacional em 2021 nos enche de expectativa e de otimismo – afirmou Diego Puntel no material de imprensa disparado pela Four Comunicação.

A CBB anunciou na mesma tarde os 12 participantes do torneio com início previsto para 13 de fevereiro de 2021. A confederação incentivou a presença do União Corinthians, confirmada graças à ousadia de Diego. Disposto a aproveitar a base do time que disputava o Estadual, o dirigente reuniu dias antes os atletas no centro da quadra e sacou uma folha de um envelope. Era a ficha de inscrição no Brasileirão da CBB. Encerrada a vibração, prosseguiu o treino e o cartola confidenciou à comissão técnica:

– Tenho metade do dinheiro. Tenho de ir atrás da outra metade.

Diego estimou investimento na faixa de R\$ 500 mil para cinco meses de jogos. O presidente Marco Jardim frisou em nota a busca por patrocinadores e citou o exemplo da Pitt, indústria local de confecções, que eternizou sua marca no dueto Pitt/Corinthians.

– Temos certeza de que, assim como empresas são lembradas até hoje pelo título brasileiro, quem aliar sua marca ao retorno da equipe também será lembrado de uma forma positiva pela comunidade, independente do resultado. É hora de unir esforços.

Jardim, um corretor de imóveis de 56 anos de idade, falava por experiência própria. Jamais apagou a Pitt/Corinthians da memória. Acompanhou no Tesourinha, em Porto Alegre, os três jogos das finais contra Franca. Testemunhou a absolvição dos 12 condenados. Um dos fiadores

da fusão entre União e Corinthians, ele assumiu a presidência do novo clube ao suceder Renato Teixeira, cujo mandato abriu as portas ao projeto de retomada do basquete. Teixeira e Jardim acertaram que a nova gestão manteria esse apoio, posição reforçada pelo novo mandatário a Athos, Paulinho e Diego.

– Não muda nada. Toquem o projeto do basquete.

Jardim criou o gosto pela bola laranja em Cachoeira do Sul (RS), onde nasceu e viveu até os 23 anos. Na cidade, trabalhou na tradicional rádio Fandango e na TV Pampa, experiências que o levaram a Santa Cruz. Mudou-se para o município no final dos anos 1980 como parte da equipe que abriu a sucursal da RBS TV, afiliada à TV Globo. Ele colocava comerciais no ar e passou à produção comercial. Na RBS, conheceu sua esposa, a então apresentadora Marla Hansen. Também estreitou a amizade com Régis Rösing, repórter em início de carreira, que poucos anos depois fez fama no Brasil pelo estilo “profeta”, ao narrar nas reportagens os gols do futebol em tempo real.

Régis tornou-se amigo de Ary Vidal e acompanhou a saga da Pitt/Corinthians. Jardim, Marla e Régis estavam no Tesourinha juntos com outro amigo, o narrador da RBS TV Paulo Brito, famoso pelo grito de “feito” nos gols da dupla Gre-Nal. A parceria rendeu o especial Basquetchê, apresentado por Marla e Paulo, com detalhes da façanha tricolor. Jardim, duas décadas e meia depois, sonhava em reviver aquela emoção. Um sentimento compartilhado por jovens que só viram os dias de glórias em vídeos e recortes de jornais.

Da arquibancada à quadra

Athos evitou broncas no intervalo da estreia do Stock Med/União Corinthians no Brasileirão da CBB. Seu time errou 17 chutes de três pontos e perdia por 28 a 19 para o Joinville. O técnico administrava os desfalques de três titulares, diagnosticados com Covid-19, e a confiança em baixa de um elenco jovem.

– Voltar com calma, mantendo o sistema. Vamos tirar a diferença aos poucos.

O retorno seguiu sem pontaria. Bernardo errou a 18ª tentativa de fora do perímetro, enquanto o pivô Murilo Becker anotou três pontos com a bandeja seguida de falta. Carioca ampliou para 33 a 19. Os co-

rintianos levaram dois minutos para fazer uma cesta na bandeja de Nicão. Carioca respondeu, e Paulichi acertou dois chutes – 35 a 25. O time retomou a posse e no contragolpe Léo Assmann chutou de três. Erado de novo.

– Estamos amassando o aro – resmungou o ala.

O jovem considerava um presente a disputa do Campeonato Brasileiro da CBB. Ala-armador veloz e aguerrido, sujeito de sorriso largo e fácil, Leonardo Azambuja Assmann era um torcedor que jogou pelo time do coração. Nasceu em 1996, no apogeu tricolor, mas quando fez as primeiras cestas na escola Educar-se, aos oito anos, Santa Cruz já vivia de saudades. A exemplo de muitos garotos da cidade, Léo cresceu ouvindo histórias sobre os grandes jogos, técnicos e craques. Tentava imaginar como foi viver aquela época, exercício facilitado pelo olhar do avô, Inor, e do pai, Rodrigo, fotógrafos que documentaram ascensão e queda do Corinthians nas páginas do jornal Gazeta do Sul. O inverno do basquete local não impediu o florescer da paixão. Léo inclusive participou da tentativa de regresso da Tô-Tri, torcida organizada que regia o Poli-esportivo.



Torcedor na infância, Léo Assmann participou da retomada

O torcedor magrelo de 1m85, cabelo batido nas laterais e topete para o lado, sonhava em ser jogador. Formado no dueto Cestinha-Corinthians, foi treinar com Athos aos 15 anos. Seguiu o técnico no Guarani, jogou no Rio Claro (SP), defendeu o Corinthians e atuou pelo Sojão. Campeão gaúcho de 2019 em Santa Rosa, estava prestes a renovar. Até receber a mensagem de Diego Puntel. O diretor criou um grupo no WhatsApp com os santa-cruzenses do Sojão. Explicou o projeto do Estadual de 2000 e pediu que os interessados permanecessem no grupo. Somente Léo ficou.

O salário oferecido ficou abaixo do acenado em Santa Rosa, porém o UniCo complementou a renda com parte das mensalidades da faculdade de Nutrição na Unisc. Ainda pesou para Léo o fato de ficar próximo da família. O lateral, então, juntou-se a outro prata da casa, o ala-pivô Camilo Gonzatti, 20 anos, 1m90 e 95 quilos. Campeão estadual do sub-14 ao adulto, o jogador parrudo e de cabelos arrepiados acompanhou toda evolução do projeto de retomada. Léo e Camilo integraram o elenco que novamente mesclava base e reforços mais rodados, no caso, o pivô Erik, 31 anos, e o ala Márcio Dornelles, 45, ex-seleção, com passagens por Franca, Vasco, Rio Claro e Uberlândia.

A construtora ALM, parceria em Venâncio Aires, assumiu o patrocínio principal do União Corinthians, que também repatriou os talentos gaúchos Lucas Brito, Tobias e Geovane Teixeira. Outro retorno foi o do ala-pivô João Marcos Ramos, 21 anos, 2m01 e 110 quilos. Natural de Bauru (SP) e radicado em Piratininga (SP), João jogou pelo UniCo em 2019, após atuar na base de Bauru e Pinheiros. O pivô de olhos escuros, barba por fazer e cabelo raspado disputou LDB, Brasileiro de Clubes e Estadual em Santa Cruz. No início de 2020, transferiu-se para o Uberlândia. Em março, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a pandemia de Covid-19, medidas de restrição de circulação foram adotadas em todo o país, o que incluiu a suspensão de competições esportivas.

A temporada mineira de João durou três meses. O Uberlândia dispensou os atletas, e ele retornou ao interior paulista. Em outubro, Athos reabriu as portas do basquete ao pivô, que aceitou disputar o Estadual. Encontrou outro jovem disposto a retomar a carreira. Vinicius Gabriel Malachias, nascido em São Carlos (SP), ficou três anos em Cravinhos (SP) e uma temporada em Bauru. De volta a Cravinhos, o pivô jogou a decisão do Brasileiro da CBB em 2019, vencida pelo Ponta Grossa por

109 a 99 na terceira prorrogação. O bom desempenho valeu novo contrato com o Bauru e chances no NBB.

Mas veio a pandemia. Malachias regressou a São Carlos e ficou quatro meses parado. Não desistiu da bola laranja por incentivo dos pais Valter e Nilsa. Durante três meses, correu na rua e bateu bola em um parque com ajuda da mãe. Quando os campeonatos retornaram, seu agente agilizou a ponte com Athos. Encarou o Estadual em outubro já de olho na LDB de 2021. As boas referências do clube e da cidade repassadas por Lucas Brito, ex-colega de Bauru, reforçaram a convicção do jovem para rumar a Santa Cruz.

O retorno de um campeão

Uma caminhada desprezível pavimentou o retorno de um campeão. Luciano Hillesheim, mordomo e massagista corintiano nos tempos de Liga Nacional, estava de volta a Santa Cruz após quatro anos em Caxias do Sul e matutava qual rumo daria à carreira paralisada pela pandemia. Aos 53 anos, era personagem e testemunha da história. Ele trabalhava no Corinthians em 1990 quando chegaram Ary, Alvin, Parker, Marcel, Rolando e Mauro. Deixava material pronto no vestiário, preparava bandagens e aliviava as dores dos atletas. Vivenciou um título brasileiro, dois vices, a saída de Ary e o declínio.

– Raras pessoas têm tantas horas de vestiário como o Lu – repetia Athos.

Athos avistou Luciano na Avenida do Imigrante, via plana utilizada à noite por quem busca diversão e durante o dia por quem deseja manter a saúde com exercícios físicos. O treinador saía da empresa de Diego, localizada na avenida, e encontrou o antigo colega durante uma caminhada. Luciano ouviu um convite:

– Lu, vamos jogar o Estadual. Seria legal contar contigo.



***Campeão em 1994,
Luciano voltou
ao clube***

Athos explicou que o campeonato gaúcho teria quatro equipes – ALM/União Corinthians, Clube Comercial/Caimans de Passo Fundo, Sojão de Santa Rosa e KTO/Caxias, o representante gaúcho no NBB – e seria disputado em três fins de semana a partir do final de outubro. A ideia era contar com Luciano e, mais à frente, tê-lo de forma permanente na comissão técnica. O dinheiro era contado, mas poderia melhorar.

– Athos, é um prazer. Não é nem pelo valor. Só de ajudar e de voltar já fico feliz – respondeu Luciano, que acertou com Diego o pagamento pelo Estadual.

O mordomo retornava para o seu lar. Luciano trocou o Corinthians em 2002 pelo futebol do Santa Cruz. Em 2006, voltou ao basquete na Nossa Liga. Trabalhou no Bira, de Lajeado, por dois anos. Após, iniciou longa temporada nos gramados. Fechou com o Avenida, rival do Santa Cruz. Migrou com o técnico Beto Campos para dois Gauchões no Passo Fundo. Em 2016, fechou com o Juventude de Caxias do Sul para quatro temporadas. Em 2020, com a suspensão dos jogos, Luciano foi liberado. Voltou a morar em Santa Cruz com a mãe, Laura, e pensou no futuro. Tinha sondagens, mas cogitou abrir um estúdio na cidade. O convite de Athos facilitou a permanência em casa.

O experiente e vencedor mordomo reforçou a comissão técnica de Athos, que abriu espaço para Fernando Sisnande, Rodolfo Thomas, Thiago Rauber e Ricardo Ellwanger, profissionais à imagem e semelhança do treinador, contagiados desde garotos pela vocação local para o basquete. O quarteto foi anunciado em fevereiro, antes da pandemia, para liderar a reformulação do departamento de basquete feminino do Unico. A Covid-19 congelou o projeto, mas os auxiliares puderam ajudar no Estadual. Para Fernando, prestes a completar 40 anos, também se tratava de uma retomada.

Santa-cruzense, o assistente começou a jogar basquete em uma quadra do Serviço Social da Indústria (Sesi), onde a mãe trabalhava. Um vizinho tinha uma bola e os amigos começaram a praticar. A contratação de Ary transformou o esporte em paixão. Fernando guardou na memória o aquecimento do ala Alexey, que lançava a bola na tabela e corria para ele mesmo enterrar. O garoto assistiu pela TV, em casa, o título de 1994 e nas temporadas de 1996 e 1997 não perdia jogos no Poliesportivo. Chegava duas horas antes da partida para sentar-se no mesmo lugar. Fernando treinou no colégio São Luís e formou-se em Educação Física na Unisc. No segundo ano do curso entrou no Projeto Cestinha,

financiado pelo Sesi, e ajudou a formar atletas de 2001 a 2007. Passou por Lajeado e saiu da área ao perder o emprego. O Sesi reapareceu em 2013. O professor atuou com eventos e parou outra vez no Cestinha. “É o destino, voltei ao ponto onde tudo começou”, pensou.

Herdeiro da raça

Diagnosticado com Covid-19 na véspera da estreia no Brasileirão, o ala-pivô Leonardo Jacón Oliveira, o Lelê, sofria solitário no apartamento em Santa Cruz. Acompanhava pelo computador a transmissão do jogo contra o Joinville, feita pela TV NSports, inconformado com o excesso de erros. Até que vibrou com Cafferata. Na 20ª tentativa, caiu a primeira bola de três pontos do Stock Med/União Corinthians.

– Caaaaaiu! Para tudo! Caiu a bola de três! Um milagre argentino em Ponta Grossa – vibrou o narrador Napoleão de Almeida.

O arremesso marcou 37 a 28 no placar, que passou a 40 a 28 com o chute de Will. Cafferata garantiu mais dois pontos, e Carioca anotou outros dois. Confiante, o gringo pegou pela direita, armou o braço e guardou outra de três – 42 a 33.

– Agora ele achou o caminho, pegou o traçado da pista – disse Napoleão.

As cestas aceleraram o UniCo e desestabilizaram o Joinville. Léo arrancou por dentro e saltou para mais dois pontos. Bernardo também converteu seu arremesso e Cafferata, no ganchinho, deixou o placar em 42 a 39. “Entramos de vez no jogo”, vibrou Lelê. Paulista, ele compreendeu rápido o que a volta ao cenário nacional representava. Nascido e criado em Limeira (SP), o ala conheceu a 1,3 mil quilômetros de casa outra cidade que respirava basquete. Logo viu que um diálogo se repetia no comércio ou nas ruas. Reconhecido o forasteiro com pinta de jogador, o papo surgiu:

– Joga no Corinthians? O time foi campeão brasileiro em 94. Era um timaço.

Lelê desembarcou em Santa Cruz para disputar o Estadual e seguir com a carreira que tinha no pai, o ex-pivô Telmo, a inspiração e o principal incentivador. O menino que cresceu em ginásios chegou a treinar como goleiro, mas optou pelo basquete. Ganhou conselhos em casa e fez a base na cidade que admirava a entrega do pai. Chamado de “Deus

da Raça” pela torcida do Nosso Clube de Limeira, Telmo se destacou pela vibração a cada cesta ou bola interceptada. Lelê, 1m97 de altura, herdou o talento, mas sem o estilo efusivo. Olhar e sorriso serenos, cabelo curto e barba cheia no bigode e cavanhaque, era aplicado, porém discreto. A característica gerou longas conversas com Telmo.

– Não adianta tentar ser igual a você, pai. Não vou conseguir. Meu jeito de vibrar é mais contido. Se grito muito, foco mais no grito do que no jogo – resumiu Lelê.

O lateral jogou dos seis aos 18 anos em Limeira. Fã de Marquinhos, pivô da seleção e multicampeão pelo Flamengo, e do astro da NBA Kevin Durant, Lelê vivenciou o basquete norte-americano durante a temporada em Iowa pela Southeastern Community College. De volta ao Brasil, atuou no Flamengo, com chances no time adulto. Ainda defendeu Minas Tênis, Osasco, Paysandu (campeão paraense de 2018), Sorocaba e fechou com o Ponta Grossa para o Brasileirão da CBB de 2020, cancelado por conta da pandemia. Quando recebeu a sondagem do UniCo para o Estadual, teve o endosso do pai.

– Acho que vou jogar para não ficar parado – disse.

– Vale a pena você jogar – incentivou Telmo.

Lelê ouviu do pai relatos sobre as jornadas no Poliesportivo lotado e buscou em textos, fotos e vídeos registros daquela fase. Antes de viajar, prometeu à família:

– Estou indo para o Sul para ganhar campeonato. Não estou indo para ficar em terceiro, quarto, quinto. Voltarei campeão.

Laboratório

As carreiras paralisadas pela pandemia foram retomadas oficialmente no sábado, 31 de outubro de 2020, em Santa Rosa. O ALM/União Corinthians estreou no Estadual diante do Sojão. No papel, o UniCo era a terceira força, à frente somente do Caimans de Passo Fundo. Para defender o título, o Sojão recorreu a talentos santa-cruzenses e a veteranos que se destacaram no cenário nacional. O técnico Dudu Garcia teve à disposição o ala-armador Duda Machado, ex-seleção e campeão brasileiro por Flamengo e Brasília; o pivô gaúcho Leozão, 2m11, também ex-seleção e com passagens por Franca, Minas e Valladolid da Espanha; e o ala-armador Guilherme Schneider, ex-Franca, Corinthians Paulista e

Basquete Cearense. Além do treinador, a cota santa-cruzensense teve Digo, Gustavo Lawisch, Giuliano Mazui, Matheus Agnes e os irmãos Audrei e Ícaro, mais Samuel Fengler e Leandro Buboltz. O elenco poderia beliscar o bicampeonato.

O ALM/União Corinthians usou o Estadual como laboratório. Estreou com derrota por 87 a 74 para o Sojão e venceu o Caimans por 123 a 56. No fim de semana seguinte, rodada em Santa Cruz. E o UniCo voltou a ser derrotado pelo Sojão e a vencer o Caimans. A etapa derradeira, em Caxias do Sul, teve mais um revés diante do Sojão – 98 a 80. Com outro triunfo sobre o Caimans, o time de Athos encerrou o Estadual com o terceiro lugar, enquanto o Caxias recuperou o título ao bater o Sojão por 75 a 68.

Encerrado o Estadual, Athos e Diego se concentraram na montagem da equipe para o Brasileirão da CBB. Um dos reforços ficou fora de quadra. O técnico convidou para integrar sua comissão um pivô da casa, formado nos EUA, estudante de Educação Física, campeão gaúcho com o UniCo e vice com o Sojão. Aos 37 anos, Leandro Buboltz parecia jogador de alguma seleção do leste europeu. Cabelos e barba ruivos, que lhe renderam o apelido de Vermelho, era um paredão de 2 metros de altura, olhos azuis claros e raros sorrisos em quadra. Nascido na zona rural da cidade de Sinimbu, mudou-se para Santa Cruz aos seis anos em razão da separação dos pais. O menino ficou com a mãe, Marlize Neitzke. Empregada doméstica, ela viu que o filho crescia acima da média e pediu para a patroa viabilizar um teste no Corinthians. Foi um amor imediato.

Em 1996, Leandro começou a treinar com os técnicos Sergio Einloft, Mario Saraiva e Bola. Eram tempos de Pony/Corinthians, dos norte-americanos Alvin Frederick e Marc Brown e dos gigantes Josuel e Pipoka. Vermelho ficava encantado. Queria ser jogador, sonhava atuar para 7 mil torcedores no Poliesportivo. O desejo não se realizou, mas o pivô virou profissional. Aos 16 anos, junto com o colega Guilherme Teichmann, ele partiu para São Paulo e atuou por Monte Líbano, Guarulhos e Pinheiros. Aos 20, trocou de país. Aplicado e competitivo, Vermelho ficou dois anos em um college no Texas e outros dois na University of South Alabama. Retornou ao Brasil formado em Administração e disposto a seguir em quadra. Disputou a Liga Nacional, o NBB e campeonatos regionais por Lajeado, Caxias, Santos (SP), Assis (SP), Macapá (AP), UniCo, Guarani e Sojão. A trajetória teve altos e baixos e foi pro-

longada além dos 30 anos por causa do apoio da mãe. Nos períodos sem clube, Leandro trabalhou com dona Marlize na banca de lanches da família, conhecida pelos pastéis feitos na hora, muitos, fritados pelo próprio jogador. Assim, ele conseguiu atuar nas equipes adultas de Athos.



Leandro, o Vermelho, trocou o garrafão pela comissão técnica corintiana

Vermelho seguia à risca as orientações dos técnicos e treinava à exaustão. Contudo, ele não entendia como que alguns colegas que se esforçavam menos tinham mais sucesso. Por vezes explosivo no trato, não mandava recados. Até que por volta dos 30 anos decidiu mudar. Procurou psicólogo e livros de meditação para entender e domar seus demônios. Descobriu o peso do trauma da separação dos pais e a mudança de Sinimbu para Santa Cruz. A criança que corria pela roça, brincava com cachorros e tinha mesa farta, de repente morava com a mãe e dois irmãos na garagem da casa dos avós. O baque encaramujou o menino, cujo escape foi o basquete.

A jornada fez Leandro se cobrar menos. Manter o esforço, porém, curtir o momento sem vergonha de errar. Com postura mais zen, ele en-

controu novos significados para a vida no esporte e no amor. Iniciou a segunda graduação aos 35 anos. E, em seguida, conheceu a esposa Cristiane de Bastos, com quem teve em 2019 o filho Lucas, um bebezão de olhos claros à semelhança do pai. Vida se encaminhando, Leandro aproveitou a parceria com Athos e Diego para pedir um estágio. Queria aprender e ensinar. Em janeiro de 2021, recebeu o convite. Assumiu a função de destrinchar estatísticas e de aprimorar os fundamentos dos atletas. O UniCo ganhou um compenetrado e compreensível auxiliar.

Farofa e Tuba

Léo Assmann recebeu pela diagonal e executou a bandeja. Murilo Becker anotou um lance livre antes do término do terceiro período. Após ficar 14 pontos atrás do Joinville, o Stock Med/União Corinthians deixou a diferença em dois – 43 a 41. A virada se aproximava. O último quarto abriu, e Cafferata empatou o jogo. O argentino errou a bola da virada, que se confirmou com Malachias. Bernardo fintou pela direita, atacando a cesta, e serviu o pivô que levou a bola até a rede com o gancho curto.

– Dois pontos e a virada – narrou Napoleão de Almeida.

No banco, o fisioterapeuta Gustavo Kniphoff aplaudiu. Em Santa Cruz, o preparador físico Alexandre Kessler Vieira, também de fora da estreia por causa da Covid-19, vibrava diante da tela. Os dois, conhecidos pelos apelidos de Farofa e Tuba, eram parceiros de longa data de Athos. Farofa ilustrava a presença do basquete nas famílias. Ele era a terceira geração dos Kniphoff na modalidade. O avô Luiz Abel foi o “queridinho da torcida” da Ginástica nos anos 1950, conforme recortes de jornais guardados pelos herdeiros. O pai, Gerson, repassou o gosto pelo esporte aos filhos Tiago, Gustavo, Eduardo e Bruno. Os quatro vestiram a regata corintiana.

Gustavo batia bola desde os seis anos com irmãos e primos. Jogou na escola Ernesto Alves e seguiu para o Cestinha. Foi no projeto que ganhou o apelido. Havia três Gustavos na turma, logo, dois teriam de buscar outras alcunhas. O Kniphoff teve o codinome escolhido rápido. Ele vestia a regata branca número oito do RBM/Corinthians (1999 e 2000) com “Farofa” às costas. Tratava-se do nome de guerra de Alexan-

dre Bueno, ala campeão brasileiro pelo Corinthians Paulista, que depois defendeu o Corinthians gaúcho. A camisa foi um presente do jogador ao torcedor e ficou guardada no armário. O guri apanhou a peça e partiu para o treino. Saiu de casa Gustavo e retornou como Farofa.



Gustavo (Farofa) e Alexandre (Tuba): fisioterapeuta e preparador físico da retomada

Ala-pivô, Farofa conheceu Athos no Cestinha. Seguiu com o técnico no Corinthians dos 15 aos 19 anos e reforçou as equipes do Cosseno e do Guarani em 2013 e 2014, enquanto cursou a faculdade de Fisioterapia na Unisc. Em 2015, fraturou o tornozelo esquerdo, concluiu estágios de muleta e decidiu focar na nova profissão. Recuperado, conversou com Athos e Rogério Klafke e tornou-se o fisioterapeuta do Guarani em 2016. O jovem parrudo e de cabelos cacheados e curtos vestia a camiseta da comissão técnica. Permaneceu na função no UniCo também como forma de incentivar os irmãos mais novos. Trabalhou nos principais feitos nas categorias inferiores e comemorou a reconquista do título gaúcho. Mesma trajetória de Alexandre Kessler Vieira.

O preparador físico também ganhou o apelido de Tuba nos bate-bolas da juventude. Nascido em 1978 em Santa Cruz, treinou futebol no Santa Cruz e basquete no Corinthians. Armador contagiado pela febre

tricolor da década de 1990, jogou ao lado de Diogo Boettcher e Bimba, colegas que chegaram ao time profissional. O esporte guiou Alexandre à Educação Física. Concluiu o curso na Unisc em 2003 e especializou-se em nutrição desportiva pela Universidade Gama Filho. Começou a carreira no tênis e na assessoria de corrida e musculação. A agenda lotada, contudo, não bastou. Tuba desejava ser referência no treinamento de alta performance. E decidiu ir à fonte dos ensinamentos.

Alexandre buscou inspiração no preparador Thiago Ferragut de Passos. Analisou o currículo do colega e seguiu o roteiro no Exterior. Em 2013, guardou dinheiro e vendeu carro e academia para financiar seis meses de estudos nos EUA. Passou por Nova York, Phoenix, São Francisco, Los Angeles, Miami, Orlando e Tampa. Aprendeu o método da Exos, empresa especializada em alto rendimento, criada pelo norte-americano Mark Verstegen, preparador da seleção alemã campeã da Copa do Mundo de 2014. Os alemães adotaram em 2005 o sistema, também usado na NBA, que foca em mentalidade, nutrição, movimento e recuperação. O Exos prega treinamentos com movimentos mais próximos dos executados pelo atleta nas competições e com atividades individualizadas. O sistema trabalha com pré-treinos, ou seja, uma preparação dos músculos com massagens, exercícios ou ativação neural. Já a recuperação privilegia alimentação e descanso.

Tuba aprendeu nas aulas com Verstegen que, antes de tornar o atleta rápido e explosivo, é fundamental mantê-lo saudável e forte. Ele cursou as fases 1 e 2 do Exos na sede da companhia, em Phoenix. Na ocasião, estava no local Kobe Bryant, em recuperação do rompimento do tendão de Aquiles da perna esquerda, lesão que quase abreviou a carreira do craque dos Los Angeles Lakers. O aprendiz fez com que Tuba mantivesse o hábito de viajar em busca de formação. Realizou cursos nos EUA, Noruega, Alemanha, Canadá e Rússia. Foram dois diplomas de especialista em treinamento desportivo conquistados em Moscou, na Russian State Universit, em 2017 e 2019.

Tuba estudou os treinamentos em bloco (força, explosão, resistência, etc.) de autores como Yuri Verkhoshansky e Vladimir Platonov. Também foi iniciado no modelo biológico integrado assinado pelo ucraniano Anatoliy Bondarchuk, campeão olímpico do lançamento de martelo em 1972 (Munique) e renomado técnico. O brasileiro se encantou pelo sistema que prevê práticas integradas que trabalham força, explosão e resistência ao mesmo tempo, com predominâncias a cada etapa da

preparação. O modelo, com pitadas dos conceitos aprendidos nos EUA, passou a ser adotado nos times de Athos no Guarani e seguiu no projeto de retomada do basquete santa-cruzense.

O consultor

– O primeiro reforço tem que ser o Ícaro.

Athos externou a Diego que pensou o time a partir de uma contratação acessível: um ala-armador com nível de NBB, perfil de liderança, leitura rápida de jogo, precisão nos arremessos e que morava em Santa Cruz. Para o técnico, Ícaro Parisotto, 28 anos, seria um pilar na volta ao cenário nacional. Faltava saber se o rapaz desejava mergulhar nos treinos, pois já não ganhava a vida nas quadras, mas sim, como consultor de investimentos imobiliários. Dúvida sanada em uma reunião entre Ícaro, Athos e Diego.

– Ícaro, tu és o primeiro jogador que gostaríamos de contar para o CBB – disse Diego em seu escritório, no segundo andar da loja da família.

Dirigente e técnico tinham convicção na escolha pelo que já conheciam de Ícaro, atleta de Athos desde o Projeto Cestinha. O técnico viu o menino franzino e de cabelos loiros se converter em um parrudo ala de 1m85 e 88 quilos. Sorriso de covinhas nas bochechas, Ícaro sabia ser sério e pragmático. Separava diversão de trabalho. Em quadra, não sofria com desvantagens e tinha frieza para decisões. Seu desempenho no Estadual, com a camisa do Sojão, reforçou a certeza de Athos e Diego: o ala-armador tinha plenas condições de liderar o jovem elenco. A dupla detalhou o projeto, e Ícaro respondeu:

– Tenho outra profissão, outra carreira, que é minha prioridade. Não aceitaria o convite de outro clube. Só aceito treinar e jogar neste nível pelo time da minha cidade.

Ícaro acertou salário e regime diferenciado de treinos, pois manteria as visitas a imóveis com clientes. Decidiu contribuir com a retomada que ele há muito desejava. Santa-cruzense, o lateral nasceu em 1992 em uma família de basqueteiros. Caçula de quatro filhos (uma menina e três meninos), batia bola com os irmãos Murilo e Audrei na tabela instalada no pátio de casa, aos fundos do minimercado dos pais Arlindo e Marilene, torcedores do Corinthians. Em 1994, os Parisotto foram ao

Tesourinha para as finais da Liga Nacional. Ícaro era bebê quando a Pitt/Corinthians conquistou o Brasil e, mais velho, viu Oscar Schmidt em ação no Poli. O Mão Santa estampava um quadro no quarto dos irmãos, que também tinha fotos de Michael Jordan e Shaquille O'Neal.

Ícaro começou a jogar no Corinthians e na escola Ernesto Alves. Chamou atenção pelo controle de bola. Armador, aos nove anos entrou no Cestinha para treinar com meninos mais velhos. Ficou no projeto até os 15 anos, período em que era o único menino em casa – Audrei e Murilo foram para Rio de Janeiro e São Paulo jogar basquete. Fã de Manu Ginóbili, campeão olímpico pela Argentina e tetracampeão da NBA pelo San Antonio Spurs, Ícaro também se inspirou em Audrei. Viu que o irmão, lateral talentoso, colhia os frutos da rotina regrada que lhe rendeu mais de uma década na elite do basquete por Vasco, São José, Basquete Cearense, Joinville, Uberlândia, Minas e Unifacisa (PB).

Ícaro ganhou fama de papa-títulos na base e criou relação de confiança com Athos. O garoto teve sua chance como profissional em Lajeado pelo Univates/Bira na primeira edição do NBB (2008-2009). Tinha 16 anos quando entrou em uma partida contra o Flamengo e acertou arremesso de três sendo marcado por Marcelinho, um dos maiores cestinhas do país. De Lajeado, o caçula dos Parisotto voou para San Diego. Ficou por dois anos na Christian High School e foi convocado para a seleção brasileira sub-18. A experiência nos EUA, contudo, não teve somente bons momentos. Uma lesão no joelho direito quase custou a carreira. De volta de viagem ao Brasil, o armador decidiu disputar um torneio na manhã seguinte ao voo. Bom primeiro quarto, 15 pontos marcados, mas um contragolpe fácil se transformou em drama. Ícaro tentou cavar a falta, travou o pé e machucou o joelho direito. Rompeu o ligamento cruzado anterior (LCA).

A lesão exigiu cirurgia e um ano de recuperação. As 15 ofertas de bolsas em universidades, maior parte de primeira divisão, sumiram. Ícaro concluiu o tratamento no Brasil sem duvidar que voltaria a jogar. Retornou pelo Bira. Esteve com Athos no Santa Cruz/Corinthians e, depois, fechou com o São José, onde disputou o NBB e venceu o campeonato paulista. Nas duas temporadas seguintes, defendeu o Uberlândia ao lado de Audrei. Nas férias, durante torneio amador, rompeu outra vez o ligamento do joelho.

À época, Ícaro amadurecia a ideia de parar de jogar como profissional. Ele já não sentia a mesma motivação, desejava ficar mais próximo

de amigos e familiares. A lesão acelerou a decisão e o processo de busca de outro ofício. Em 2017, enquanto cursava Engenharia Civil, descobriu o trabalho de consultor e corretor de imóveis. O ala-armador passou a se dedicar ao ramo imobiliário e a disputar torneios de basquete nas horas vagas. Somente o convite de Athos e Diego o fez mudar de ideia. Ciente de que o bom desempenho poderia abrir o caminho até o NBB, Ícaro aceitou ser um dos líderes corintianos. E ainda ajudou a escolher o futuro capitão do time.

El capitán

Após a virada, o time de Athos cresceu no jogo com o Joinville. Carioca empatou, Caferrata acertou um lance livre e uma bola de dois, Will igualou outra vez e Paulichi marcou 51 a 48. Léo aproveitou a roubada de bola de Bernardo e ampliou. Murilo descontou, João Marcos marcou de três e Bernardo converteu dois arremessos. Cafferata girou pela esquerda e encontrou Léo, sozinho, que matou outra bola de três.

O Stock Med/União Corinthians bateu 63 a 51, abriu 12 pontos. O esteio dessa virada era o capitão do time, uma aposta certa de Athos e Diego. Para a retomada, os dois decidiram contratar um estrangeiro, mas ficaram entre um jovem lateral norte-americano com fama de bom chutador e o experiente armador argentino Enzo Cafferata. O técnico ouviu Ícaro. A sintonia entre brasileiro e gringo seria determinante para o sucesso do time.

– Traz o Enzo – sugeriu Ícaro.

O ala-armador foi pragmático. Entre um norte-americano recém-egresso do basquete universitário e o argentino, com 32 anos de idade e quatro temporadas de NBB no currículo, Ícaro preferiu não apostar. “Americano nunca se sabe, pode ser um fenômeno ou pode ser um pe-ladeiro, pode ser bom de grupo ou pode ser um problema”, raciocinou. O gaúcho enfrentou Cafferata em anos anteriores e tinha amigos que atuaram com ele. Sabia que se tratava de atleta hábil, firme na defesa e tranquilo. A contratação do armador também permitiria a Ícaro jogar na função de ala-armador, mais solto para definir lances. O UniCo teria uma dupla experiente e eficiente para executar o sistema do triângulo usado por Athos. O técnico concordou com a avaliação de Ícaro.

– Só queria ouvir a tua opinião. Também prefiro o Enzo.

O Stock Med/União Corinthians teve de vencer a concorrência de Botafogo e Osasco, também inscritos no campeonato da CBB, para fechar com Cafferata, armador clássico de 1m86 de altura, braços longos e inteligente ao cadenciar ou acelerar o jogo. O agente do atleta buscava clubes após uma temporada difícil. O gringo disputou a primeira divisão de seu país pelo Estudantes de Concordia, porém, uma lesão muscular na perna direita lhe custou quatro meses de recuperação. O regresso ao Brasil entrou no radar do argentino, natural de Lincoln, na província de Buenos Aires. Um sujeito de fala tranquila, leitor de filosofia e de obras de liderança, sempre acompanhado do chimarrão.

Foi em Lincoln, cidade de cerca de 40 mil habitantes e conhecida pelos carnavais, que Cafferata começou a jogar basquete aos cinco anos. Até a adolescência se dividiu entre ser armador ou atacante, mas o talento com a bola laranja pesou. Inspirado no armador Marcelo Milanesio, nome histórico da seleção argentina, Cafferata fez a primeiras cestas pelo Linqueño, passou pelo Cavul e se profissionalizou aos 16 anos pelo Argentino, clube da cidade vizinha de Junín. Defendeu o River Plate, retornou a Junín, passou por times de divisões inferiores, teve uma experiência na Colômbia e descobriu as quadras brasileiras em 2014 ao ser contratado pelo Minas para o NBB.

O gringo de cabelos lisos e barba, com rosto que lembrava o ator Keanu Reeves, fez 23 jogos em Belo Horizonte, com média de 4,9 pontos, 2,1 assistências e 15 minutos em quadra. Disputou dois campeonatos paulistas em Osasco, voltou à primeira divisão argentina pelo San Martín e acertou com a Liga Sorocabana para o NBB 2016-2017, quando teve seu melhor desempenho: média de 13 pontos e 4,4 assistências em 28 jogos, que lhe rendeu a vaga no Jogo das Estrelas. Nos dois NBBs seguintes, o gringo jogou por Caxias e Mogi e decidiu regressar outra vez à Argentina pelo Estudantes, onde se lesionou. Recuperado, entrou no radar das equipes do CBB. O armador buscou informações sobre o União Corinthians e se deparou no YouTube com uma entrevista de Athos. Gostou do que ouviu, reuniu referências da cidade e topou o contrato.

Da terra de Pepe Sánchez

A fotografia do time tomou forma com os reforços. Do quinteto inicial, Athos tinha três titulares: Cafferata, Ícaro e Lelê. Havia espaço para um lateral e um pivô, de preferência, dois jovens. A primeira vaga foi preenchida por um ala com passagem por quadras argentinas. Lateral de 2m de altura, o paulista Rafael Paulichi estava em busca de clube ao final de 2020, e seus agentes o ofereceram ao União Corinthians.

O sorridente ala de cabeça raspada e barba, com um risco na sobrancelha esquerda ao estilo usado por boleiros e funkeiros, retornou ao Brasil após encerrar, em razão da pandemia, dois anos no Weber Bahía Blanca Basket, equipe da cidade de Bahía Blanca, terra de Alejandro Montecchia, Pepe Sánchez y Manu Ginóbili, três nomes da Geração de Ouro, a seleção argentina vice-campeã mundial (2002) e campeã olímpica em Atenas (2004), vencendo um selecionado dos EUA formado por jogadores da NBA.

Criado em Porto Feliz, cidade de 53 mil habitantes a 400 quilômetros de São Paulo, Paulichi começou a jogar basquete com 15 anos no município vizinho de Itu e, logo, mudou-se para a capital a fim de atuar na base do Círculo Militar. Seguiu para o Palmeiras e partiu, em 2018, para terras hermanas com Caio Pacheco, colega no Verdão e que se tornou armador da seleção brasileira graças ao sucesso em Bahía Blanca.

Paulichi jogava pelo time sub-23 e treinava com os profissionais do Bahía Basket. Conheceu um basquete rápido e técnico, bem como a mentalidade da geração dourada na figura de Juan Ignacio *Pepe* Sánchez, presidente do clube e idealizador do ambicioso projeto de formação. Primeiro argentino a jogar na NBA, o armador ergueu o Dow Center, centro de alto rendimento, inspirado em campi universitários, espaços da NBA e vilas olímpicas. Uma estrutura de 10 mil m² com três quadras, alojamentos, restaurante, centro médico, academia, laboratório e salas de meditação, estudos e diversões. Paulichi desfrutou do local até março de 2020. Após uma partida em Buenos Aires, Sánchez comunicou que os atletas estavam liberados, já que as fronteiras seriam fechadas por causa da Covid-19. O ala fez as malas e regressou à casa dos pais Francisco e Sandra, em Porto Feliz. Assinou a rescisão e saiu atrás de clubes. Deu prioridade ao NBB, contudo, o fato de ser pouco conhecido no Brasil influenciou.

O campeonato da CBB virou a vitrine ideal. Seus empresários contataram Athos, que pediu vídeos, gostou e fez o acerto. Paulichi não conhecia o novo clube. Palmeirense, achou curioso um Corinthians que vestia verde. Conversou com Athos e Tuba e pegou uma lista de exercícios para fazer até a apresentação, em janeiro. A contratação encaminhou o elenco, que ganhou mais jovens com experiência no basquete paulista: o pivô Nicão e os laterais Bernardo, Fi e André Luis. Nicolas Rodrigo de Souza Oliveira, o Nicão, 21 anos, decidiu retomar a carreira mesmo com os temores da pandemia.

O motivo do receio era a avó Vanda, 88 anos, que vivia com ele em Pirituba, bairro de São Paulo. Pivô de 2m05 e 110 quilos, Nicão temia voltar a jogar e, ao visitar a família, contaminar a avó. Foi dona Vanda que apresentou o basquete ao neto, ao improvisar um balde furado como cesta. O pai, Roberto, que atuou no Pinheiros, também incentivou. Ele via no herdeiro a continuidade do sonho.

Cabelos negros, sobrancelhas espessas e bochechas fartas, Nicão passou pela base do Palmeiras e do Pinheiros, onde conquistou a LDB. Estreou entre os adultos pelo Sorocaba e defenderia o BlackStar no Brasileiro da CBB de 2020. Só que veio a pandemia. Sem clube, arremessava no quintal de casa, fazia abdominais e flexões e corria pelos escadões de Pirituba. Chegou a cogitar encerrar a carreira, mas o UniCo apareceu.

– Arrisca, vai – incentivou Roberto.

– Pai, essa oportunidade não vou perder – respondeu Nicão.



***Paulichi retornou da Argentina
e reforçou o UniCo***

Reencontros

Em Santa Cruz, Nicão reencontrou André Luís, João Marcos, Malachias, Bernardo e Fi, contemporâneos no basquete paulista. O ala Filipe Lopes de Oliveira, o Fi, festejava o recomeço. O jovem de 1m90, cabelo militar, bigode e cavanhaque, fechou o primeiro contrato depois de superar duas cirurgias no joelho esquerdo para tratar rupturas do ligamento cruzado anterior (LCA). Criado em Guarulhos (SP), Fi conheceu o basquete no Corinthians Paulista e, aos 14 anos, foi para o Pinheiros. Conquistou títulos paulista e da LDB, porém, sofreu as lesões. Em 2019, um adversário caiu em cima do seu joelho. Cirurgia, setes meses de recuperação, mas o joelho não suportou. Nova ruptura do ligamento, nova cirurgia e mais um ano de tratamento. Deprimido, Fi pensou em desistir. A família foi seu esteio. Havia exemplos de superação em casa. Pai, mãe e avô trataram cânceres com sucesso. Ele poderia vencer. Desde os sete anos, vivia para o basquete. Não fazia ideia do que fazer longe das quadras. Repetiu o tratamento e se recuperou. Aos 21 anos, conseguiu um clube graças ao técnico David Pelosini, amigo de Athos.

– Você está recuperado? Está pronto? Vou te indicar lá no Sul – disse David a Fi.

O pupilo quis continuar. Fi chegou em janeiro a Santa Cruz junto com o ala André Luis dos Santos, 22 anos. Natural de Parapuã (SP), o lateral de 1m97, olhos claros, nariz arrebitado e cabelo batido era um garoto pacato, que gostava de corridas de Fórmula-1 e criou gosto pelo basquete ao ver a irmã Ana Maria jogar. Rodou por Tupã, Barueri e ficou por quatro anos em Bauru, seguindo para Araraquara e Praia Grande (MG), última parada antes da pandemia. O convite de Athos e Diego permitiu voltar a jogar.

Outro jovem atleta que ouviu o chamado de Athos foi o ala-armador Bernardo Moller. Porto-alegrense, o lateral loiro e de olhos azuis jogou muitas vezes em Santa Cruz contra o Projeto Cestinha por Grêmio Náutico União e Sogipa. Depois, defendeu o UniCo em torneios de base e na conquista do título gaúcho de 2018. Entusiasmou-se por retornar. Aos 22 anos, o ala de 1m90 e 82 quilos queria reencontrar o ânimo pelo basquete que herdou do pai, Alexandre. Bernardo cresceu em uma família de esportistas. O pai jogou basquete e competia em provas de motocicletas, enquanto o irmão Nicolas integrou a seleção brasileira de natação. Esse es-

pelho serviu de incentivo para o jovem, que aprendeu o que é ser competitivo após atuar pela Christian Academy, na Carolina do Norte.

– Aqui a turma joga para não estudar. Lá, eles estudam para jogar e jogam para estudar. O esporte é a forma de pagar a universidade – repetia.



Bernardo também viveu sua retomada no basquete

Nos EUA, o lateral enfrentou mais de uma vez Miles Bridges, futuro jogador do Charlotte Hornets na NBA. Em outro torneio, encarou La-Melo Ball, que também jogou no Charlotte. O gaúcho visitou campi e conheceu técnicos antes de regressar ao Brasil em 2018 com propostas de universidades. A bolsa integral não saiu, e o sonho nos EUA foi abortado. Bernardo, então, acertou com o UniCo pela primeira vez. Em 2019, atuou pelo Pato Branco (PR) na Liga Ouro. Ainda passou pelo Pinheiros e faturou a LDB. Sem clube, pensou em virar a página. Mas Athos lhe telefonou:

– Tá a fim de voltar a jogar?

Bernardo gostava de Santa Cruz e aceitou o recomeço. Na estreia no Brasileirão da CBB, ficou em quadra 28 dos 40 minutos da partida. Colaborou com quatro roubadas de bola, três assistências e 11 pontos na vitória por 70 a 56. Depois de ficar 14 pontos atrás, o Stock Med/ União Corinthians venceu por 14 de diferença. Léo Assmann e Athos vibraram com o sonho que se realizava. O basquete de Santa Cruz voltou ao cenário nacional. Olhos marejados, Léo tinha o coração acelerado pela virada sem três titulares. O ala mirou os colegas e disse:

– Dá para chegar!



União Corinthians teve bom desempenho em torneios de categorias de base



UniCo usou o Estadual de 2020 como laboratório para o Brasileirão da CBB



Ícaro se tornou um dos líderes do Stock/Med União Corinthians



Cafferata liderou o time na estreia do Brasileirão da CBB



Malachias (31) retornou ao basquete no Brasileirão da CBB



*Paulichi (13) e Lele (11) formaram dupla entrosada
no Brasileirão da CBB*



Athos orienta o time na volta de Santa Cruz ao cenário nacional do basquete

Capítulo 3

15 de janeiro de 2021



Dominante no Brasileirão. Ansaloni, o dono do garrafão

O Stock Med/União Corinthians

Máscara branca no rosto, bola na mão direita e punho esquerdo erigido, o armador Enzo Cafferata posou para fotos com a camisa 5 como novo capitão corinthiano. O elenco formado para a volta do basquete santa-cruzeiro ao cenário nacional foi apresentado na tarde da sexta-feira, 15 de janeiro de 2021, no Ginásio Poliesportivo. Inaugurado em dezembro de 1992 no Parque da Oktoberfest para comportar a paixão pelo Corinthians do Ary Vidal, o Poli recebeu novo momento emblemático. Um evento restrito, com medidas de prevenção à Covid-19, que reuniu atletas, comissão, patrocinadores e imprensa. Na abertura, o telão mostrou um vídeo gravado pelo presidente da CBB, Guy Peixoto.

– O União Corinthians tem títulos, ídolos e muita tradição. Ter a sua participação no campeonato será um orgulho – saudou o dirigente.

Outro vídeo, com um minuto e 13 segundos de duração, apresentou os patrocinadores. A peça começou com Rafael Paulichi e Cafferata chegando ao ginásio com roupas casuais. O argentino, de mochila nas costas, quicou a bola entre as pernas, alcançou-a para Paulichi, que rodou a esfera no dedo e a passou. A edição fez a bola percorrer as mãos de representantes dos patrocinadores. Troca de passes entre Ricardo Henz (Cristallux), Rafael Henn (Unisc), Neori Gusson (Unimed Vale do Rio Pardo e Taquari), Cássio Filter (KTO), Celso Müller (Miller Supermercados), Flávio Monteiro (ALM), Milton Junior Mainardi (Stock Med) e Fernando Mossmann (Stock Med). A bola voltou ao Poli e encontrou Paulichi para completar a ponte aérea. Uma cesta que não ocorreria sem essa força. Para efetivar o retorno anunciado em novembro, Diego Puntel bateu à porta de empresários e executivos para formar um pool, que teve o acréscimo da Oktoberfest e os apoios da prefeitura, SS Sports, Sublime Academia, Cedil, Mercoplast, Santa Cruz Serviços, Karnopp Imóveis e Restaurante Centenário.

– Um passo importante no planejamento iniciado em 2017. Estamos confiantes e agradecidos pelo apoio recebido da comunidade e patrocinadores – afirmou Diego.

O executivo demonstrou essa confiança enquanto captava patrocínios. Recebido por Ricardo Henz, foi questionado sobre o que esperar do time em formação.

– Todo mundo que vem tentar patrocínio diz que vai ganhar. Qual é a real?

– Pode confiar. Esse time vai ser campeão – asseverou Diego.

O diretor também conquistou o apoio do jornalista santa-cruzeiro Cássio Filter, à frente da operação no Brasil do site de apostas KTO. Filter se converteu em torcedor-patrocinador. Parrudo, cabeça raspada na zero, olhos puxados e sorriso franco, era adolescente na chegada de Ary. Aluno e vizinho do colégio Mauá, passava as tardes no ginásio da escola, palco dos treinos e jogos da equipe em 1990 e 1991, junto com o irmão Bruno e o amigo Gustavo Dreyer. O trio conferia os treinos e passava bola para os atletas.

O contato com o basquete ajudou Cássio a optar pela carreira de jornalista, com trabalhos na rádio Gazeta e na RBS TV. Em 2019, ele migrou para Malta. No país, um arquipélago no mar Mediterrâneo, conheceu o sueco Andreas Bardun, CEO da KTO. Com presença na Europa, Ásia e América Latina, a casa de apostas esportivas online encontrou em Cássio a ponte para o mercado brasileiro. Após 11 meses, o jornalista retornou a Santa Cruz com a missão de tornar a KTO conhecida. Patrocinou diferentes modalidades, programas esportivos e influencers ligados ao esporte, como o ex-jogador Sandro Sotilli, fenômeno nas redes sociais. Cinco meses antes da abertura da temporada corintiana, Cássio fechou com o Caxias, representante gaúcho no NBB. O clube estava prestes a perder a vaga na competição quando bateu à porta do santa-cruzeiro, que expôs a situação a Bardun.

– Vamos ajudar a salvar o basquete do Rio Grande do Sul – disse o sueco.

Cássio teve conversa similar com o CEO depois de ser procurado por Diego. Esperava-se do torcedor um empurrão financeiro. O jornalista explicou a Bardun o que representava aquela retomada para a cidade e para ele próprio. E recebeu novo sinal verde para ir em frente e bancar uma das cotas de patrocínio.

O patrocinador master

No vídeo de apresentação, os últimos passes partiram das mãos dos farmacêuticos Milton Mainardi e Fernando Mossmann. A empresa de distribuição de produtos médico-hospitalares, com cerca de 145 funcionários, tornou-se a patrocinadora master, formou o dueto Stock Med/ União Corinthians. Um casamento apadrinhado pelo casal de jornalistas Ana Cristina Santos e Sandro Viana. Proprietários da Four Comunicação, eles levaram até Mainardi e Mossmann, seus clientes, a ideia de apoiar o UniCo. Naturais de Arroio de Tigre, a cerca de 100 quilômetros de Santa Cruz, os sócios da Stock Med conheciam a história do clube. Mainardi, 35 anos, guardava memórias do período. Mossmann, 57 anos, se estabeleceu em Santa Cruz em 1992 e acompanhou o auge da era Ary Vidal.

Fãs de pescarias, Mainardi e Mossmann foguearam uma oportunidade ao ouvir a proposta. Os dois haviam adquirido a Stock Med em 2014 e iniciaram 2021 com planos ambiciosos. A empresa fechou 2020 com clientes em mais de 800 municípios e faturamento de R\$ 77 milhões. A expectativa era dobrar a cifra e tornar-se mais conhecida. Por isso, a parceria com o União Corinthians. Na apresentação do elenco, 11 dos 12 atletas – a exceção foi Nicão – vestiram os uniformes que estampavam a marca da Stock Med.



Fernando e Milton colocaram a Stock Med no manto corintiano

Cinegrafistas e fotógrafos registraram as novas caras do time com os uniformes assinados pela agência Empório Adamantis e confeccionados pela SS Sports. Regatas e calções tricolores, mas com o azul no lugar do vermelho. Por vídeo, o publicitário Samuel Heidermann apresentou dois modelos com o mesmo desenho, mas com diferenças na ordem das cores. O modelo número um era branco até a altura do peito, com “U.Corinthians” na horizontal e o número abaixo, ambos em verde-escuro. O limite do branco tinha a silhueta da catedral São João Batista. Acima, uma fina faixa verde com o desenho do Parque da Cruz, ponto turístico da cidade. Por fim, gola, contornos laterais e ombros em tom de azul-escuro. Já o segundo modelo tinha predominância do verde. Ombros em branco; golas, contornos e faixa central em azul; e restante em verde-escuro.

A empolgação refletia nos rostos da comissão técnica composta por Athos (técnico), Tuba (preparador físico), Farofa (fisioterapeuta), Fernando Sisnande (auxiliar), Leandro Buboltz (auxiliar) e Luciano Hillesheim (mordomo). Athos confiava no elenco formado por quatro gaúchos, sete paulistas e um argentino, grupo com média de idade de 23 anos e de altura de 1m94. Dos 12 nomes, oito tinham entre 20 e 22 anos. Os mais experientes eram Ícaro, 28, e Cafferata, 32. A equipe ainda teria o acréscimo em treinamentos dos garotos Rafael, Lucão, Luís Gustavo, Gabriel e Serginho Montipó.

A empolgação se mostrou nos discursos. Vice-prefeito de Santa Cruz, Elstor Desbessel lembrou que ia ao Poliesportivo torcer em jogos memoráveis e que sonhava com o retorno, um feito que seria impressionante em meio aos impactos da pandemia. A prefeitura auxiliou a retomada por meio de ações como a reforma do ginásio.

– É uma tarde histórica para nós. Em período de pandemia nós voltamos em grande estilo com o basquete de Santa Cruz – derreteu-se.

Presidente do clube, Marco Jardim lembrou o projeto e fez sua previsão:

– Não tenho dúvidas de que esse time que a comunidade conheceu hoje vai escrever novos capítulos da história do basquete no município e no Estado.

A cartilha

Athos entregou a cada atleta a cartilha da temporada. O caderno de folhas brancas tinha na capa o símbolo colorido do União Corinthians e uma frase do técnico Phil Jackson traduzida para o português: "O jogo revela o jogador. O triângulo revela o jogo". O comandante corintiano compilou regras de conduta e orientações de defesa e ataque no sistema conhecido por triângulo. Ele dedicou anos de estudo ao modelo usado por Jackson, 11 vezes campeão da NBA, no qual jogadores formam triângulos na quadra a fim de movimentar a bola com velocidade para abrir espaços de arremesso ou infiltração. O sistema é criticado por adeptos de esquemas mais rígidos, de jogadas ensaiadas.

Athos via no triângulo o caminho para conseguir o jogo de defesa forte, transição rápida e ataque envolvente, modelo defendido por Marcel, um dos gurus do técnico. Tanto Athos quanto Marcel herdaram de Ary o gosto por dar aos atletas maior protagonismo nas decisões. Cafferrata aprovou. Gostava de jogar por função, de jamais ficar parado, de evitar dribles inúteis e de ser agressivo na marcação. "Uma defesa forte será o fato de estabilização em nosso jogo. A defesa vai nos manter vivos nos jogos em que o nosso ataque fraquejar. Uma boa defesa evita desorganização. DEFESA VENCE!", frisou Athos no caderno, que também estabeleceu o código de conduta. Nada de atrasos; veto a palavras de baixo calão ou agressões; transparência com a comissão em caso de lesão; e cuidado com as declarações. Regras resumidas em uma linha: "Seja um exemplo para outros jogadores e para a comunidade". Athos e Diego estavam preocupados com a disciplina, em especial porque no Estadual houve casos de quebra de regras.

– Diego, vou formar um time de bons moços. Vão ser aguerridos em quadra, mas vão ser disciplinados. O time tem que ser uma família – assegurou Athos.

Léo Assmann, remanescente do campeonato gaúcho, compartilhava o temor da repetição de atrasos e treinos sem a devida entrega. O Brasileiro da CBB exigia grupo mais fechado, aviso grifado na cartilha de Athos, que citou o escritor britânico Rudyard Kipling (1865-1936), prêmio Nobel de Literatura, que legou ao mundo em *Os Livros da Selva* a saga do menino-lobo Mowgli (ou Mogli), eternizada mais tarde nos fil-

mes da Disney. O técnico recorreu à ideia de que “a força da alcateia está no lobo, e a força do lobo é a alcateia”, para pedir aos atletas a união expressa no próprio nome do clube.

A cereja mineira

O Stock Med/União Corinthians iniciou a preparação sem a clareza do potencial do time. Cafferata vinha de lesão, Ícaro ficou afastado de torneios profissionais e Paulichi era pouco conhecido. Dentre os 12 clubes, havia ao menos seis em condições de serem o campeão. Elencos reformulados ou recém-montados e a dificuldade de se realizar amistosos, provocada pela pandemia, dificultavam os prognósticos, segundo Athos.

– A gente pode ser campeão ou pode ficar em quinto ou sexto.

A conferência Gérson Victalino reuniu três candidatos ao título – Flamengo Blumenau (SC), Botafogo (RJ) e Osasco (SP) – e três coadjuvantes – Anápolis Vultures (GO), Vila Nova (GO) e Blackstar (SC). A Conferência Hélio Rubens ficou com equilíbrio similar: Ponta Grossa (campeão em 2019), Joinville e UniCo, acompanhados de Maringá, Londrina e Brusque. Athos via Ponta Grossa como principal força, seguida do experiente time do Botafogo, liderado por Duda Machado e Paulinho Boracini.

A disputa do torneio em bolhas, com jogos sem público, concentrados em poucos dias na mesma cidade, era outro fator que impedia projeções. Lesões e afastamentos por Covid-19 nas datas das bolhas poderiam resultar em derrotas de favoritos, custar classificações ou antecipar confrontos de maior peso. Por isso, seria prudente mais opções no elenco. E um negócio de ocasião trouxe o que direção e comissão técnica chamaram de “cereja do bolo”. Uma cereja de 2m11 e 113 quilos. Aos 33 anos, com 11 temporadas no NBB, o pivô Ralfi Ansaloni disputava a segunda divisão portuguesa pelo Clube Desportivo da Póvoa, de Póvoa de Varzim, mas teve de voltar ao Brasil por causa da pandemia. Com futuro incerto, tentou clubes no NBB, mas a saída foi mirar o Brasileirão da CBB. Assim, o telefone de Athos tocou. O técnico foi informado do retorno de Ralfi e pediu prioridade ao representante do atleta. Pela manhã, procurou Diego.



Ansaloni retornou de Portugal para reforçar o UniCo

– Diego, pintou um pivô que está voltando de Portugal, nível de NBB, que vai cair como uma luva. Pivô grande, forte, experiente – disse o treinador.

– Vamos conversar com o cara e fazer nossas contas.

O diretor entrou em contato com o estafe de Ralfi no mesmo dia. O salário na faixa de R\$ 8 mil ficou acima do patamar corintiano. O aceno de R\$ 6 mil não sensibilizou Diego, que deixou claro que não pagaria mais do que R\$ 4 mil mensais.

– Aqui ele terá hotel, alimentação, ginásio e estará em um time de camisa. É tudo o que ele precisa para voltar ao Brasil – argumentou.

Ansaloni topou. Fechado o negócio, Diego informou Athos por mensagem. Liberado do CD da Póvoa em 21 de janeiro, o pivô chegou a Santa Cruz 10 dias depois. Cabelo raspado em *dégradé* e barba cerrada, ambos pretos, o gigante tinha um leão tatuado no braço direito e du-

as mãos com um rosário no esquerdo. De cara, conquistou os colegas com o estilo brincalhão e o sotaque mineiro, contraponto à voz grave e ao porte físico de clássico pivô de força. O elenco também se entusiasmou com a contratação.

– Aceitei o convite porque acredito na história do clube, no novo projeto e nas pessoas que estão envolvidas – declarou o pivô ao ser apresentado.

Natural de Belo Horizonte, fã de Anderson Varejão, Ansaloni começou a jogar aos 15 anos e profissionalizou-se em Uberlândia (MG). Aos 21, debutou no NBB pelo Vila Velha (ES). Passou por Liga Sorocabana, Minas, Pinheiros, Botafogo e Rio Claro. Com o basquete viveu alegrias – um título pan-americano universitário com a seleção – e superou dramas – a morte do irmão caçula, Jeferson. A três semanas da estreia, Athos ganhou um atleta calejado pela quadra e pela vida, com 326 jogos no NBB, 2,6 mil pontos (média de oito por partida) e 1,6 mil rebotes (média de cinco).

– O time ganha em altura, força e habilidade. Agora é treinar para ganhar entrosamento – projetou o técnico.

A preparação

O Stock Med/União Corinthians teve quase seis semanas de treinos até a estreia no Campeonato Brasileiro da CBB. Período utilizado pelo preparador físico Alexandre Kessler Vieira. Athos, que rascunhou o time com Cafferata, Ícaro, Paulichi, Lelê e Ansaloni, desejava utilizar o quinteto no máximo possível dos 40 minutos de cada partida.

– Quais titulares podem jogar o tempo que eu precisar?

– Se me deres de quatro a cinco semanas de pré-temporada, podes usar todos por mais de 30 minutos – respondeu Alexandre.

O preparador utilizou estudos russos e norte-americanos para estabelecer o programa de treinos, que apostou na periodização biológica integrada. Em vez de atividades separadas (musculação, corridas longas, piques e saltos), o modelo trabalhou força na musculação, a fim de evitar lesões, e executou o restante da preparação (explosão, agilidade, velocidade, reatividade e resistência) em atividades com bola.

– Quanto mais o corpo receber o estresse vinculado à atividade competitiva real, executando o movimento que o atleta faz nos jogos,

melhor. O organismo entende que precisa ser veloz, reativo e resistente para jogar basquete – ensinava Tuba.

Atividades táticas e técnicas também preparam o físico, como por exemplo, jogos de quadra reduzida nos quais os atletas faziam cestas e trocavam passes em máxima intensidade. Tudo em um programa intenso, com descansos mais longos e muito volume.

– Basquete tem tiro curto, caminhada de alguns segundos, outro tiro curto, marcação, parada de dez segundos, mais um tiro, parada de pedido de tempo. São tiros curtos com períodos curtos, médios e longos de descanso. Por isso, eu preciso aumentar o tempo que demora para o meu atleta entrar em fadiga – explicava o preparador.

Alexandre dividiu os dias em três turnos. Os atletas sentiam as pernas pesadas, sofriam com o volume e só tiveram redução de carga na semana final da pré-temporada, que teve ênfase na parte tática. Pré-temporada executada à perfeição, na visão da comissão técnica, que teve de lidar com um baque a cinco dias da estreia.

Desfalques

Diego Puntel entrou apressado na quadra do Ginásio Poliesportivo em meio ao último treino do Stock Med/União Corinthians antes da viagem para Ponta Grossa, sede do primeiro turno dos jogos da Conferência Hélio Rubens. Sem rodeios, determinou:

– Ralfi, sai. Lelê, sai. Luciano, sai. Alexandre, sai.

O diretor comunicou os casos de Covid-19 diagnosticados nos testes obrigatórios, exigidos antes de partidas, e determinou o isolamento do quarteto. Pivô, ala-pivô, mordomo e preparador físico se somaram a Ícaro, cujo teste positivo saiu antes. O ala teve dor de garganta e fez o teste de farmácia, que confirmou a doença. Avisou o clube e isolou-se com dor de cabeça e cansaço. Ele vivia o drama de um país. O coronavírus o deixou de fora dos jogos e na semana seguinte tirou-lhe o avô Fiorelo, aos 87 anos.

A pandemia recrudesceu em fevereiro de 2021 com o surgimento de uma nova variante do vírus. O Brasil superou 10 milhões de casos e 243 mil mortes, com média superior a mil óbitos confirmados por dia. A vacinação andava devagar. Nesse cenário, Athos passou a semana com o temor de desfalques. A bateria de exames RT-PCR feita na

quinta-feira resultou nas baixas anunciadas no treino antes da estreia. Atônito com a notícia, Lelê se afastou dos colegas e ficou a andar de um lado para o outro da quadra do Poli.

– Não é possível que a gente vai perder os jogos – repetia em voz baixa.

João Marcos, alçado à titularidade, tentou se tranquilizar. Pensou que seriam cinco jogos, com boas chances de vitória em três (Maringá, Brusque e Londrina), resultados que dariam posição razoável na tabela. Athos usou raciocínio similar para motivar o grupo. Lamentou as ausências, mas confiava no triângulo. Chamou o restante do elenco para conversar, lembrou que sempre exigiu dos reservas dedicação e frisou que o time tinha um jogo coletivo, com chances para todos definirem os lances. Poderiam vencer.

– A força é o conjunto. Vamos com esse time. Estejam preparados.

Ponta Grossa

O Stock Med/União Corinthians chegou no domingo a Ponta Grossa para estrear na terça-feira, 23 de fevereiro, no Campeonato Brasileiro da CBB. Com Luciano e Tuba afastados, coube aos auxiliares Leandro Buboltz e Fernando Sisnande dividirem as tarefas. Já os garotos Lucão, Serginho Montipó e Gabriel Gonzatti viajaram nas vagas de Ícaro, Lelê e Ansaloni. Athos repetiu o discurso de confiança e definiu o quinteto Cafferata, Léo Assmann, Paulichi, João Marcos e Malachias. O capitão e quatro jovens.

Às 17h, a 750 quilômetros de Ponta Grossa, Ansaloni parou em frente ao computador no quarto em que morava no Hotel Santa Cruz. Lelê e Ícaro, cada um em sua residência, fizeram o mesmo. Os colegas trocavam mensagens pelo WhatsApp enquanto se desenrolava o primeiro tempo contra o Joinville. Ícaro também conversou com Lucas Larralde, colega dos tempos de Cestinha e Corinthians e filho de Fernando Larralde, o escudeiro de Ary Vidal. A derrota por 28 a 19 que se converteu em vitória por 70 a 56 deixou os amigos animados. Cafferata justificou o investimento. Ficou 37 minutos em quadra, marcou 19 pontos, deu sete assistências e pegou oito rebotes. Paulichi apresentou suas credenciais com 15 pontos, seguido pelos 12 de Léo e os 11 de Bernardo.

A virada aumentou a expectativa para a segunda rodada, na noite seguinte, contra o Ponta Grossa, que também estreou com vitória – 77 a 61 sobre o Maringá. Anfitriões e atuais campeões, os paranaenses executavam projeto sólido, com o jovem técnico Miloslav Haslberger, o Milos, à frente da equipe pela quinta temporada. Cabelo curto com topete, barba e porte atlético, Milos apostava na intensidade.

– A cada ano nós conseguimos implantar a filosofia de buscar jovens, com o objetivo de ter uma rotação com muita intensidade defensiva e ofensiva. É a nossa cara.

O clube manteve três campeões de 2019 (o ala Barata e os armadores Paulinho Bahia e Wilsinho) e outros três nomes da temporada de 2020 (os pivôs Junior e Léo Bispo e o ala Nathal). Ainda buscou seis reforços, com destaque para os alas Pará, ex-Bauru, e Dida, ex-Cerrado (DF). Elenco forte que Athos enfrentou com nova baixa. Ao final da estreia, Malachias teve dor de cabeça. O pivô realizou o teste rápido. Positivo. O Stock Med/União Corinthians passou a ter quatro desfalques. Os atletas afastados voltaram a conferir nos computadores a transmissão da TV NSports e da CBB TV.

Ainda no aquecimento, o comentarista Renatinho Santos, árbitro de duas finais olímpicas (2000 e 2004), apontou que o UniCo precisava tirar o controle do jogo do rival. O Ponta Grossa abriu sete pontos graças a Dida, Léo Bispo e Samuel, mas, a cinco segundos do fim do primeiro período, Andre Luis acertou o chute de três e deixou o Stock Med/União Corinthians quatro atrás – 20 a 16. Samuel retornou aceso, com cinco pontos imediatos. O Ponta Grossa abriu 25 a 16. André Luis foi acionado e novamente deu resposta. O time encostou após bandeja de Léo. Os anfitriões reagiram, abriram sete pontos, que caíram para cinco no intervalo com dois lances livres de Cafferata – 39 a 34.

Léo virou na bandeja, e André Luis abriu. Um erro do ataque rival permitiu ao lateral marcar mais três pontos ao atacar o garrafão, fazer a bandeja, sofrer a falta e converter o lance livre – 48 a 44.

A exemplo da estreia, o UniCo acelerava na volta do intervalo. André Luis outra vez, já no último quarto, abriu oito pontos de vantagem com dois lances livres, mas um apagão permitiu a virada paranaense. A partir daí, sobrou emoção. A um minuto do fim, o placar era de 77 a 77. Cafferata segurou a bola, encarou a marcação, pulou para bandeja e sofreu a falta. Fez os dois pontos faltando 34 segundos. O ataque rival deu aro, e o argentino sofreu outra falta. Acertou um lance. Léo Bispo en-

custou, 80 a 79. A sete segundos, Léo teve dois lances para abrir três pontos.

– Meu, vamos ganhar mesmo com o time todo quebrado – disse a André Luis.

Chorado, Léo converteu o primeiro lance livre, 81 a 79. Bastava acertar o arremesso. Mas ele errou. O entrevero do rebote terminou com posse de Ponta Grossa após revisão por vídeo da arbitragem. Batata puxou o lance, cortou, quase perdeu e encontrou Wilsinho. Chute da zona morta no estouro do cronômetro. Cesta. O técnico Milos Haslberger invadiu a quadra a comemorar. Léo baixou a cabeça decepcionado, já com lágrimas nos olhos. Mas o placar eletrônico deu a sobrevida. O arremesso foi dentro do perímetro, rendeu dois pontos – 81 a 81 e prorrogação.



Desfalcado, UniCo fez um jogo equilibrado com o Ponta Grossa

Apesar da frustração, o Ponta Grossa não reduziu o ritmo. Pará abriu 86 a 81, e João Marcos reduziu para 86 a 84. No minuto final, o UniCo perdia por 91 a 89. Pará acertou três lances livres e o Ponta Grossa ficou com 94 a 89. Cafferata girou na marcação, porém escorregou. Caiu sentado e bateu o pé na bola. Os paranaenses gastaram a posse e venceram a segunda no Brasileirão com grande atuação de Léo

Bispo, responsável por 21 pontos e 15 rebotes. Cafferata, que atuou por 42 minutos, saiu extenuado com 23 pontos e 10 rebotes. Léo entrou no vestiário arrasado pelo erro no quarto período. Athos parabenizou o jogo taco a taco contra um dos favoritos ao título. Nada de se abater. Na noite seguinte, no mesmo ginásio, o Londrina aguardava o Stock Med/União Corinthians.

Desígnios superiores

Athos ganhou reforço inesperado para a terceira rodada do Brasileirão da CBB. Ao recuperar olfato e paladar, Lelê procurou Diego para repetir o teste de Covid-19.

– Estou bem. Se der negativo, quero ir para o jogo.

Lelê fez o teste na quarta-feira, dia do segundo jogo. Ansioso, sorriu ao ler “não detectado” no laudo. Foi o começo da operação para colocá-lo em quadra. Na quinta, seguiu de carro de Santa Cruz até Porto Alegre e voou para Curitiba. Mais uma hora e meia de carro até Ponta Grossa e, no final da tarde, o ala-pivô estava à disposição de Athos. O reforço ajudou a compensar as ausências de Bernardo, cortado por agravar uma contratura na panturrilha esquerda, e de Malachias, infectado pelo coronavírus.

O Stock Med/União Corinthians encarou o Londrina, equipe com média de idade de 21 anos, treinada por João Victor Freitas, que apostava na juventude contra um rival cansado. A partida começou com bandeja de Paulichi, que marcou os sete primeiros pontos tricolores. Dois lances de João Marcos e outros dois de Cafferata garantiram quatro pontos à frente – 19 a 15. Com 15 pontos de reservas, o Londrina empatou em 21 a 21, virou na bandeja de Rafael Bibiano e ampliou com o hábil e veloz Pedrinho. O descanso do intervalo fez bem ao UniCo, que, após três minutos, vencia por 42 a 38. Léo evitou a saída da bola com salto acrobático, esforço recompensado pela cravada com uma mão de André Luis. O passe de Lelê para Léo resultou no chute certo de três – 56 a 51. O último quarto prosseguiu equilibrado. A um minuto e meio do fim, o placar marcava 66 a 60. Era o momento da tranquilidade que faltou contra o Ponta Grossa. O pivô Jackson acertou um lance livre com mais 36 segundos a serem jogados. Caio Guilherme enterrou no

rebote, após Lelê errar a bandeja – 66 a 63. Cafferata guardou dois lances. Célio Vitor também aproveitou seus lances – 68 a 65 a oito segundos do fim. Cafferata converteu um lance, perdeu o segundo, porém Paulichi agarrou o rebote. Levou a falta, matou um lance e o jogo. Vitória por 70 a 65 com atuação de gala do ala – 23 pontos e 14 rebotes.

O sentimento de superação pela segunda vitória em três partidas anestesiou as dores de jogadores esgotados. Que logo ficaram aliviados. Enquanto duelavam no ginásio Borell Du Vernay, a prefeitura de Ponta Grossa publicou decreto com medidas restritivas para tentar frear a alta de casos de Covid-19, entre as quais, a proibição de atividades esportivas coletivas. A CBB transferiu as duas últimas rodadas do primeiro turno para Brusque, que já era a sede do retorno. A comissão técnica corintiana aprovou. A pandemia se impôs. Com Malachias no hotel e outros atletas a reclamar dos primeiros sintomas, jogar aumentaria o risco de contágio de uma doença que lotava hospitais no país.

– É mais seguro e vai nos permitir recuperar todo mundo. Foi melhor assim – avaliou Athos que, por ser profissional de Educação Física, já estava vacinado.

Luciano Hillesheim pensava igual. Com tosse, dores no corpo e sem olfato e paladar, acompanhou as três rodadas pelo celular, isolado no quarto da casa em que morava com a mãe. Octogenária, no grupo de risco da Covid-19, dona Laura cuidou do filho à distância e driblou o coronavírus. Deixava as refeições na porta do quarto de Luciano, que devolvia o prato vazio após se alimentar. O mordomo voltou ao trabalho otimista com a vida e com o time. Se desfalcado o UniCo obteve duas vitórias e uma derrota, com a formação completa chegaria às finais do Brasileirão. Luciano, que contava aos atletas casos da Era Ary Vidal, passou a lembrar que o professor citava os “desígnios superiores”, um empurrão do destino a favor de quem trabalhava e estava preparado.

– Quando um lance de sorte ajudava em uma vitória, Ary dizia que desígnios superiores agiram em prol do melhor – repetia.

Para o mordomo, foi o que aconteceu em Ponta Grossa.

Time da resenha

Athos precisou de duas semanas para ter o elenco completo à disposição. Quase todos os atletas e integrantes da comissão tiveram Covid-19. Fernando Sisnande viveu dias tensos. Asmático, grupo de risco, optou por viajar a Ponta Grossa. “Luciano e Alexandre estão fora, paciência, vou no amor”, pensou. Organizou uniformes e lanches, além de esmiuçar em tempo real estatísticas das partidas e de preparar vídeos com pontos fortes dos rivais. Infectado, perdeu olfato e teve dificuldade para respirar. A tomografia mostrou o pulmão comprometido. Superou a doença com descanso, medicamentos e exercícios respiratórios sugeridos pelo fisioterapeuta Gustavo Kniphoff.

A pandemia também pegou Rafael Paulichi. Como dividia apartamento com Bernardo e Lelê, infectados anteriormente, ele se isolou no quarto e recebia marmitas dos colegas. O companheirismo aproximou um elenco leve fora de quadra e dedicado nos treinos. Ícaro, Cafferata e Ralfi davam exemplo. Saíam à frente nas atividades físicas e aproveitavam, junto com os jovens, os treinos individuais de Leandro Buboltz. O auxiliar insistia na ideia de dar o máximo todos os dias. Essa prática, somada ao jogo mais solto de Athos, desenvolveu os atletas. Malachias, um cão de guarda no garrafão, aprendeu a chutar de três. Esse crescimento animou o grupo. Lelê expôs o otimismo para Léo:

– A gente vai ganhar esse campeonato.

– Calma, rapaz.

– Fica tranquilo, a gente vai ganhar.

Léo garantia o astral nas horas vagas. Sorridente, brincalhão e ativo nas redes sociais, puxava as rodas de conversa presenciais ou no grupo de WhatsApp da equipe, o “time da resenha”. Antes e depois dos treinos no Poliesportivo, Luciano passava café e levava bolos e cucas para tornar essa resenha mais saborosa. Vez ou outra, citava frases de Ary e mostrava fotos e vídeos da época. Enterradas e cestas plásticas em um ginásio tomado por 7 mil pessoas eram vistas no YouTube e despertavam em todos o desejo de reviver aquela saga. Buboltz, garoto nos anos de vitória, aguçava essa vontade.

– Vocês não fazem ideia do que é o Poli lotado. Treme a alma da gente.

A pandemia impedia a experiência e, nos dias 9 e 10 de abril, os atletas disputaram dois jogos-treinos contra o Flamengo Blumenau com as arquibancadas do ginásio vazias. Em busca de ritmo, os técnicos Athos e André Germano, amigos e ex-colegas de seleção de base, acertaram os confrontos em Santa Cruz. As equipes não divulgaram os placares, apenas informaram que o UniCo venceu. Foram os primeiros testes sem desfalques, com Cafferata, Ícaro, Lelê, Paulichi e Ansaloni como titulares.



***André Germano,
amigo de Athos e
técnico do
Flamengo
Blumenau***

– Foi muito importante para dar ritmo de jogo à equipe, considerando que temos poucas oportunidades de jogos neste período de pandemia – avaliou Athos.

O Stock Med/União Corinthians treinou com um dos postulantes ao título, fruto da parceria entre a Associação de Pais e Amigos do Basquetebol de Blumenau (Apab) e o Clube de Regatas do Flamengo, anunciada em janeiro. Campeão do NBB e principal força do país, o rubro-negro queria desenvolver atletas. O time catarinense mudou o nome e adotou cores, uniforme e escudo da matriz famosa, que emprestou os jovens João Prado, Lucas Santos, Rafael Passoni, Cristhyã e Matheus. Os garotos se juntaram a uma base experiente, com destaque para o armador Jefferson Socas, o ala Gabriel Henrique, os pivôs Andrezão e João Pedro e o armador norte-americano Deonta Stocks.

Os jogos-treinos renderam boas impressões para Athos e uma rivalidade entre Lelê e Gabriel. Formado em Blumenau, o ala de 2m02 e 95 quilos se enroscou mais de uma vez com o corintiano e ficou inconformado com a arbitragem considerada caseira. Lelê ouviu o rival falar para colegas que nas finais do Brasileirão da CBB os times se reencontrariam, com vitória catarinense. Foi o suficiente para um lateral peitar o outro.

- Relaxa, a gente vai se ver na lá frente – provocou Gabriel.
- Demorou. A gente se vê lá na frente – respondeu Lelê.

Segunda bolha

A segunda onda da pandemia, quando o Brasil chegou a registrar mais de 3 mil mortes decorrentes da Covid-19 por dia, adiou para o final de abril a retomada do Campeonato Brasileiro. Athos aproveitou os dois meses para preparar o time, que rumou a Brusque, a 680 quilômetros de distância, para a maratona de sete jogos em nove dias. Partidas na Arena Multiuso, ginásio para 4,2 mil pessoas, com fachada que reproduz o estilo alemão enxaimel, conhecido pelas casas com suportes de madeira à mostra e telhados inclinados e pontiagudos. Foi a caminho da arena que nasceu um ritual. No ônibus, Paulichi acionou a caixa de som. A empolgação subiu até culminar na cantoria em coro da música *Tapão na Raba*, sucesso nas baladas na voz de Raí Saia Rodada.

O time chegou ao ginásio com astral alto. Às 17h da quinta-feira, 22 de abril, Stock Med/União Corinthians e Maringá estavam em quadra para a quarta rodada do primeiro turno da Conferência Hélio Rubens. Pela primeira vez, Athos escalou o quinteto ideal: Cafferata camisa 5; Ícaro 7; Paulichi 13; Lelê 11; e Ansaloni 10. Formação que não tomou conhecimento do adversário, comandado pelo técnico Jamison Silva, ex-jogador da seleção, Vasco, Fluminense e Botafogo. Ícaro, Cafferata e Ansaloni marcaram 14 pontos cada. A intensidade transformou a partida em treino: 71 a 41, resultado que deixou o UniCo em segundo lugar na chave, atrás do invicto Ponta Grossa.

Na tarde seguinte, foi a vez de encarar o Brusque, anfitrião embalado depois de bater o Joinville por 89 a 69, com 48 pontos de fora do périmetro, em uma jornada de luxo de Matheus Bernardo, Gabriel e Dur-

val. O UniCo pegou outro elenco jovem, treinado por Abdala Salomão, ex-atleta do Monte Líbano. Trajado de amarelo ouro e com o marreco, símbolo da cidade, de mascote, o Brusque abriu 5 a 0. Após dois minutos zerado no placar, o time de Athos acordou. A bola de três de Paulichi marcou 10 a 6 para os santa-cruzenses, que ao final do período venciam por 27 a 15. O segundo quarto manteve a dinâmica, encerrado com chute certo de Malachias de longa distância – 41 a 30.

O terceiro período foi marcado pelo bate-boca entre Cafferata e o pivô Durval. Os dois caíram, estranharam-se e só não trocaram sopapos graças aos colegas. A confusão despertou o Brusque, que reduziu a desvantagem para seis pontos no rebote aproveitado por Jefferson – 65 a 59. A tranquilidade retornou nos minutos finais. A partida se encerrou amarrada, com troca de lances livres. Ícaro converteu os últimos arremessos e definiu a vitória por 87 a 78. Destaque para Cafferata, com 20 pontos, e Ansaloni, com 19 pontos e 10 rebotes. O triunfo manteve a segunda posição na conferência, com quatro vitórias e uma derrota, mesma campanha do líder Ponta Grossa, derrotado na rodada pelo Joinville.

Encontro de líderes

Como o regulamento previa que os dois primeiros da conferência passariam direto às quartas de final, virar o turno em segundo agradou Athos, que no domingo enfrentou o Joinville. Jogo estratégico no xadrez da classificação. A vitória sobre o terceiro colocado, na abertura do retorno, encaminharia a vaga direta no playoff. Sem o pivô Murilo Becker, lesionado, o time catarinense oscilou na segunda bolha. Perdeu para o Brusque, mas venceu o Ponta Grossa. E encarou um Stock Med/União Corinthians embalado, com a defesa agressiva e a transição rápida. O UniCo abriu 21 a 14 no primeiro quarto. O Joinville reagiu, contudo, foi para o intervalo perdendo por 40 a 24.

A dobradinha Ícaro-Cafferata se mostrou precisa. Peito aberto e cabeça erguida ao quicar a bola, Ícaro dava, ao lado do argentino, o ritmo da equipe. Quando o capitão estava marcado, ele encontrava os espaços. Essa toada manteve o placar confortável e permitiu a Athos usar o banco. João Marcos e Léo Assmann acertaram chutes de três, Malachias deixou sua cesta, André Luis pontuou no lance livre e Nicão encer-

rou a partida com bandeja – 86 a 57. A vitória do Ponta Grossa sobre o Londrina transformou o jogo da segunda-feira, entre líder e vice-líder, na final antecipada pela liderança da conferência.

– Jogo-chave, jogo-chave. Concentração – alertou Athos.

O Ponta Grossa, que venceu na prorrogação o encontro do primeiro turno, começou melhor. Wilsinho acertou o arremesso da cabeça do garrafão e abriu 2 a 0. Ícaro respondeu de três e ampliou para 5 a 2 ao interceptar passe, atravessar a quadra e guardar de bandeja. Os paranaenses viraram em dois arremessos de Leo Bispo. Wilsinho costurou e marcou mais dois. Uma falta técnica, que permitiu a Pará acertar o chute e a Wilsinho converter de três, levou o placar a 21 a 13. A enterrada de Max encerrou o quarto em 27 a 18 para o Ponta Grossa. O Stock Med/União Corinthians teve 27% de aproveitamento nos arremessos de quadra, contra 67% do adversário. Athos pediu mais tranquilidade, o que Bernardo mostrou de saída. A tabela com Malachias abriu espaço para o chute preciso de três. Cafferata e Ansaloni, com duas cestas cada, reduziram a desvantagem. Ícaro pediu a bola, tomou o toco, recuperou a posse e sofreu a falta. Os dois lances encostaram o marcador em 35 a 32. Pará desviou do toco e ampliou. Paulichi achou João Marcos, que errou a mira. Na transmissão da TV NSports, o comentarista Renatinho Santos elogiou as defesas agressivas, bem como as atuações de Léo Bispo, Cafferata, Ícaro e Ansaloni.

A partida ficou eletrizante no terceiro período. Lelê empatou em 39 a 39. A marcação forte fez Max errar o chute. Ícaro tramou com Cafferata, que encontrou Léo, que achou Malachias, que levou a bola até Ícaro. Chuá de três e virada – 50 a 48. Nathal retomou a dianteira do placar com outra bola de três, e Dida ampliou. A bandeja de Malachias cravou 54 a 54. Wilsinho ameaçou, trouxe para esquerda, girou e mandou da zona morta – 56 a 54 para o Ponta Grossa. Auxiliado pelo bloqueio, Ícaro voltou a empatar no primeiro lance do último quarto. Léo Bispo e Dida desperdiçaram ataques. Ícaro tabelou com Ansaloni, disparou de três, errou, mas recuperou a posse. Malachias recebeu e virou o jogo. Nova bola puxada por Ícaro que, desta vez, lançou Ansaloni para fazer a bandeja. O pivô ainda sofreu falta e guardou mais dois – 62 a 56. A diferença a três minutos do fim caiu a zero com 66 a 66 no placar. Ansaloni, com cesta e falta, abriu três, mas Pará respondeu na mesma moeda restando um minuto e meio.

A tensão tomou conta da Arena Multiuso. Ícaro acionou Lelê, que cravou com uma mão – 71 a 69 para o UniCo. Ícaro teve a paciência para articular com Cafferata. O argentino bateu pelo meio, enquanto o ala-armador disparou na direita para receber e arremessar de fora do perímetro. Chute rápido e marcado. Chuá e punho erguido para comemorar. Quatro pontos atrás a 22 segundos do fim, o Ponta Grossa se desesperou. O chute de Nathal deu aro, e Ícaro sofreu a falta. Acertou o primeiro arremesso e ampliou para cinco a vantagem. O ala errou o segundo chute, mas ficou com a sobra e sofreu outra falta. Repetiu o roteiro, marcou outro ponto e selou a vitória por 76 a 70. Contudo, no último lance, Dida caiu ao tentar apanhar a bola e ficou aos prantos segurando o pé direito. Ele deixou a quadra, sob aplausos, de cadeira de rodas. A lesão esfriou a comemoração do novo líder da Conferência Hélio Rubens, com seis vitórias e uma derrota em sete jogos.

– Encontramos muitas dificuldades no começo, mas somos um time experiente, a gente conseguiu ir melhorando pouco a pouco para conseguir essa vitória – saudou Ícaro.

Segue a maratona

O tripé corintiano com Cafferata, Ícaro e Ansaloni mostrou ser decisivo diante do Ponta Grossa. O argentino marcou 15 pontos, o ala-armador 19 e o pivô, 16. Foi a quarta partida do trio em cinco dias. E na tarde seguinte já tinha a quinta peleia, desta vez contra o Londrina. Apesar do favoritismo, Athos sentia que o desgaste físico poderia desequilibrar a favor do jovem time paranaense. O técnico contava com o trabalho do fisioterapeuta Gustavo Kniphoff, o Farofa, para superar mais esse desafio.

Farofa vivia maratona particular na bolha, com poucos espaços de descanso. Se o time não estava na quadra, parte dos 12 atletas tentava curar alguma dor. O fisioterapeuta apostava no uso de botas pneumáticas para ajudar na drenagem e acelerar a recuperação. Também combinava massagens, alongamentos e exercícios. Ele sentia o grupo em perfeitas condições no início da segunda bolha, mas viu sua demanda de trabalho crescer. Temia lesões, em especial de Cafferata, Ícaro e Ansaloni, que atuavam mais de 30 minutos por jogo. A orientação era, na

medida do possível, descansá-los. Por isso, Athos poupou o pivô diante do Londrina. Malachias ganhou a vaga. Como nos treinos marcava Ansaloni, sentia-se mais do que preparado. O próprio titular dava confiança ao jovem.

– Vai firme que a gente vai precisar de você – incentivou.



Ansaloni se tornou um dos destaques do Brasileirão da CBB

O Londrina colocou em quadra uma equipe baixa e veloz, que surpreendeu. Abriu 8 a 2. Ícaro e Malachias viraram, mas em seguida Jackson empatou. A bandeja de João Marcos anotou 22 a 20 para o UniCo, porém Jean guardou de três. O Londrina ainda acertou dois lances livres com Robson para fechar o quarto vencendo por 25 a 22. O segundo período foi similar. O garoto Tarek, com 2m08, dava trabalho no garrafão para um time que sentia a ausência de Ansaloni. Os paranaenses chegaram a abrir 10 pontos de frente, mas encerraram o período com vantagem de três – 45 a 42.

Athos buscou ajustar a defesa. Não teve sucesso. Pedrinho, Jackson e Tarek sobraram. O Londrina disparou para 72 a 59, diferença que só caiu nos minutos finais. O erro de ataque permitiu a Cafferata a bandeja – 84 a 81 com 19 segundos a serem jogados. O Londrina abriu mais um

no lance livre de Bibiano. Paulichi arriscou de três, deu aro e pegou o próprio rebote – 85 a 83 a três segundos do fim. O Stock Med/União Corinthians cometeu a falta, John acertou um arremesso e a bola do empate se tornou improvável, porém possível. Cafferata tabelou com Ícaro e arremessou do meio da quadra. Longe do alvo. A zebra deus as caras. Derrota por 86 a 83, que embolou a disputa pela liderança da chave. O UniCo manteve a dianteira graças ao saldo no confronto direto com Ponta Grossa. Venceu por seis e perdeu por cinco. Um mísero ponto fazia a diferença.

Não houve tempo para abatimento porque a bolha prosseguiu. O time perdeu na terça-feira, folgou na quarta e entrou novamente na Arena Multiuso na quinta contra o lanterna Maringá. Com a vitória do Ponta Grossa sobre o Londrina, a equipe de Athos precisava ganhar para retomar a liderança. Mais uma vez sem Ansaloni, o técnico apostou em Malachias, mas logo no primeiro período do jogo teve outra baixa. Ícaro sentiu uma fisgada próxima ao glúteo direito e deixou a quadra, substituído por Léo Assmann. O ala-armador iniciou o tratamento no banco. Mesmo com as ausências, o Stock Med/União Corinthians não teve dificuldades para ir ao intervalo vencendo por 36 a 28.

Athos administrou a vantagem e o desgaste. Cafferata ficou 22 minutos em quadra, mesma faixa de Paulichi, Lelê, Malachias e André Luis. O time abriu 17 pontos, com 55 a 38, e transformou o último quarto em treino. Com momento marcante. A dois minutos do fim, o lateral Fi, recuperado de duas rupturas de ligamento do joelho, ganhou chance na vaga de Paulichi. Um minuto depois, André Luis avançou até o fundo e lançou para trás. Encontrou Fi de frente para a cesta e de fora do perímetro. O chute morreu na rede. A primeira cesta do ala em dois anos. Comemorada com olhos marejados e com os colegas do banco em pé. O lance coroou a tarde tranquila, encerrada com a vitória por 79 a 58.

Na sexta-feira, enfim, a última rodada da bolha, o último jogo do retorno. Bastava superar o Brusque para assegurar o primeiro lugar na Conferência Hélio Rubens. A liderança dava folga maior na fase final, por evitar a repescagem e garantir um adversário mais fraco nas quartas de final. Athos ficou sem Ícaro, porém contou com o retorno de Ansaloni. Rodando o elenco, dando tempo de quadra aos garotos, o técnico viu sua equipe voar. Ao final do primeiro quarto já vencia por 31 a 12, dife-

rença que cresceu para 53 a 25 no intervalo. O Brusque desanimou. Fi teve nova chance e aproveitou com chute de três pontos. A cesta de Le-
lê, no rebote, sacramentou o triunfo por 100 a 69 com destaque para o
próprio ala-pivô, que marcou 14 pontos, pegou 11 rebotes e deu seis as-
sistências.



***André Luis deu boa resposta nas oportunidades
que recebeu de Athos***

O Stock Med/União Corinthians encerrou como líder da chave com 18 pontos, oito vitórias e duas derrotas, mesmo desempenho do vice-líder Ponta Grossa. Joinville (16 pontos), Londrina (14), Brusque (10) e Maringá (10) seguiram para a repescagem. Na outra conferência, Osasco (18) e Flamengo Blumenau (18) ficaram nas primeiras posições, com Botafogo (16), Anápolis (14), Blackstar (13) e Vila Nova (11) na repescagem.

– Fizemos um trabalho muito bom, conseguimos ter a melhor campanha. Isso nos dá vantagem lá na frente – comentou Lelê, já de olho na fase decisiva.



Elenco do Stock Med/União Corinthians que disputou o Brasileirão da CBB



UniCo retornou ao cenário do basquete nacional em meio à pandemia de Covid-19



Malachias durante partida contra o Ponta Grossa



Lelê se destacou como um dos principais reboteiros do time



Ícaro foi um dos cestinhas corintianos em 2021



Paulichi distribuiu enterradas ao longo do Brasileirão da CBB



Cafferata na marcação diante do Londrina

Capítulo 4

22 de maio de 2021



*Os senhores dos anéis. Athos e Diego,
protagonistas da retomada*

Objetivo maior

– Estamos em busca de um objetivo maior, quem sabe trazer um novo título nacional para a cidade.

Ao vivo na rádio Gazeta, Athos Calderaro resumiu o espírito do Stock Med/União Corinthians em maio de 2021, quatro anos depois do início do projeto de retomada do basquete santa-cruzensense. O técnico voltou a Brusque, sede da terceira bolha do Brasileirão com repescagem, quartas de final e Final Four. Em uma semana, seria conhecido o campeão do torneio, visto como a segunda divisão da modalidade no país.

Líder da fase classificatória, o UniCo ganhou duas semanas para repousar e treinar. Período de tratamento intensivo para Ícaro e Ansaloni, que retornaram a Brusque aptos a disputar as quartas de final contra os anfitriões. O certame foi retomado no sábado, 15 de maio, com quatro jogos de repescagem em partida única. O Londrina venceu o Blackstar (83 a 79), o Botafogo passou pelo Maringá (71 a 63), o Joinville bateu o Vila Nova (80 a 74) e o Brusque classificou com a desistência do Anápolis. Dois dias depois, teve início a série melhor de três das quartas de final – Flamengo Blumenau x Joinville, Botafogo x Ponta Grossa, Osasco x Londrina e Stock Med/União Corinthians x Brusque.

Ícaro se sentia inseguro em razão do estiramento na coxa direita. No aquecimento, passou no teste. Ansaloni, sem dores, inaugurou o placar com um gancho. O confronto marcado por erros de ataque teve o Brusque à frente nos primeiros sete minutos. O chute chorado de Lelê, que bateu no aro, na tabela e caiu, colocou o UniCo em vantagem – 11 a 10. Foi a única bola de três convertida em seis tentativas no quarto. Athos colocou João Marcos, Bernardo, Léo Assmann, Malachias e André Luis. A diferença subiu para sete pontos após Malachias enterrar. De volta, Paulichi protagonizou lance de festival ao cravar de costas. Ícaro tirou o zero da sua contagem na bola de fora do perímetro, que estabeleceu 38 a 27 no intervalo. Athos cobrou mais atenção e coesão.

– Ganham todos juntos, perdem todos juntos. A força é do coletivo.

O terceiro período teve defesa mais agressiva e ataque mais consistente. Ansaloni pegou o rebote, lançou Ícaro, que fintou ao ameaçar o chute de longe e disparou para fazer a bandeja. Lelê enterrou com uma mão e deixou o placar em 55 a 29. A bandeja de João Marcos encerrou o quarto com vitória por 65 a 39. A diferença de 26 pontos permitiu a Athos poupar jogadores. Os cinco titulares terminaram a partida, vencida por 88 a 58, com média de 23 minutos em quadra. Já os garotos do banco deram boa resposta.

– Foram 30 pontos de jogadores que saíram do banco e que deram outra dinâmica para o time – registrou o comentarista Renatinho Santos na TV NSports.

Ícaro, superado o começo inseguro, registrou 13 pontos, sete rebotes e quatro assistências. Ansaloni, por sua vez, fez 18 pontos e pegou 13 rebotes. Os dois receberam atenção do fisioterapeuta Farofa no pós-jogo, ritual que se repetiria pelas noites e madrugadas. O primeiro confronto do playoff começou às 20h da segunda-feira, 17 de maio. Por volta das 23h, a delegação voltou ao Tri Hotel, onde se hospedou. Os atletas foram dormir, e a comissão técnica seguiu o trabalho. Os auxiliares Fernando Sisnande e Leandro Buboltz entregaram estatísticas e vídeos dos rivais a Athos, que invadiu a madrugada para apresentar relatórios ao elenco logo cedo. O técnico contou com estatísticas mais detalhadas, além dos dados fornecidos pela CBB. Os atletas também recebiam números individualizados para avaliarem o próprio desempenho.

O material do jogo com Brusque foi dissecado durante a manhã da terça-feira, finalizada com treino leve na Arena Multiuso. Às 20h, times perfilados. Vitória corintiana daria a vaga no Final Four. Vitória catarinense forçaria o terceiro confronto. O Brusque deu trabalho no primeiro quarto. O Stock Med/União Corinthians passou à frente após três minutos na bola de três de Cafferata – 10 a 9. A pontaria calibrada de fora do perímetro, com Ícaro e Lelê, abriu 19 a 11, mas a vantagem caiu a 23 a 20. Ansaloni errou o chute, e o Brusque não empatou porque Cafferata deu um toco em Durval. Os catarinenses passaram à frente no começo do segundo período com Kevin, porém Malachias, usando a tabela, empatou. João Marcos, de longa distância, abriu 33 a 28. O chuá de Cafferata marcou 47 a 35, e Ícaro, no estouro do cronômetro, definiu 50 a 35 no intervalo.

O jogo, que se encaminhava tranquilo, mudou. Ansaloni recebeu pela esquerda, protegeu e bateu em diagonal. Ao saltar para tentar o

passe, sentiu a fisgada na altura da virilha direita. Ensaiei disputar o rebote, mas desistiu. Tentou correr, mas pediu para deixar a quadra. Caminhou até o banco com a mão no músculo adutor da perna. Sabia que estava fora do jogo e, talvez, das finais. Substituído por Malachias, o pivô deu força para o jovem.

– Vai lá que eu não estou legal.

Liderado por Gabriel, Kevin e Durval, o Brusque encostou. A diferença que era de 15 pontos ficou em quatro no início do último quarto – 61 a 57. Os gaúchos reconheceram a queda e se cobraram. Brusque desperdiçou três ataques e deixou de passar à frente. Até a metade do quarto, a parcial ficou em 2 a 2. Ícaro, com cesta e falta, abriu a porteira, escancarada após a falta antidesportiva de André em Cafferata. O argentino guardou os dois lances livres, e Ícaro matou de três. Outra antidesportiva em Cafferata pavimentou a vitória. Dois lances do gringo e um gancho de Paulichi. Ao soar da campainha, o placar marcou 84 a 67. Dois a zero na série. Stock Med/União Corinthians no Final Four. A vibração no centro da quadra seguiu para o vestiário. Faltavam dois jogos para alcançar o “objetivo maior”. Partidas ao vivo pela CBB TV, TV NSports e BandSports. A transmissão no canal esportivo do Grupo Bandeirantes empolgou. No ônibus a caminho do hotel, Léo Assmann gravou vídeo, publicado no Instagram.

– Alô, é do BandSports? – indagou o lateral. – Estamos no Final Four!

João Batista

Ansaloni iniciou ainda no vestiário da Arena Multiuso, na terça-feira, o tratamento para tentar estar em quadra na sexta e no sábado. Farofa avaliou que se tratava de um estiramento no músculo adutor da coxa direita. Ele foi sincero com o pivô ao dizer que não poderia garantir sua presença na semifinal e eventual final, ambas em jogo único. Faria o possível. Farofa e Ansaloni dormiram em prestações. A cada duas ou três horas, o tratamento do pivô consistia em massagens, drenagem manual, sessões de laser para cicatrizar e movimentos para soltar a musculatura no entorno da lesão.

– Não posso ficar de fora. É a melhor hora do campeonato – dizia Ansaloni.

A classificação com duas vitórias garantiu a quarta e a quinta-feira para descansar. O Osasco também avançou após bater duas vezes o Londrina, enquanto os outros finalistas saíram no terceiro duelo. O Flamengo Blumenau venceu o Joinville por 85 a 58, foi derrotado por 67 a 60 e se classificou ao ganhar por 80 a 68. O Botafogo perdeu para o Ponta Grossa por 80 a 76 e foi salvo no segundo jogo pelo ala Wallison, que acertou arremesso de três a 16 segundos do fim – 73 a 72. A vitória por 75 a 67 classificou o alvinegro carioca. Os resultados definiram o Final Four: Flamengo Blumenau x Osasco e Botafogo x Stock Med/ União Corinthians. Semifinais em jogo único na sexta-feira e final no sábado. Dois jogos em dois dias. As 48 horas mais importantes da carreira de Athos. A cultura de só valorizar campeões seria cruel para o projeto de retomada em caso de tropeço. O reconhecimento pelo esforço para devolver Santa Cruz ao cenário nacional seria substituído pelas críticas. O sonho de disputar o NBB dependia daqueles dois jogos.

– Se eu fosse de outro lugar, ficaria triste por ficar em terceiro ou quarto, iria embora e pronto. Para mim é diferente. Sou da cidade, faço parte do projeto, sei da dificuldade para ter estrutura profissional de basquete, sei a trabalhadeira que deu chegar até aqui – argumentava o treinador com as pessoas mais próximas.

A semifinal com “peso dobrado”, como o próprio Athos definiu, também era especial para o técnico do Botafogo. João Batista dos Santos Guia, capitão da Pitt/Corinthians no título brasileiro de 1994, reencontrou o clube pelo qual obteve seus maiores êxitos. Aos 58 anos de idade, cabelo raspado ao estilo Will Smith e óculos de armação fina, João Batista mantinha a forma dos tempos de armador. Encerrou nos anos 2000 a carreira, que teve passagem pela seleção com Ary Vidal, e investiu no ofício de técnico. Foi auxiliar no Flamengo, onde conquistou o NBB, e técnico do Uberlândia. Voltou a morar em Santa Cruz com a família e regressou ao Rio de Janeiro para trabalhar no basquete do Glorioso, famoso no futebol por craques como Garrincha, Didi, Nilton Santos, Heleno de Freitas, Jairzinho, Carlos Alberto Torres e Túlio Maravilha.

Auxiliar do time adulto do Botafogo no título da Liga Ouro de 2017 (antiga segunda divisão) e na disputa do NBB, João Batista treinava os garotos da base ao ser escolhido para assumir o time principal no Brasileirão da CBB. O projeto vivia momento de retomada após ir

da euforia à decepção. Campeão da Taça Brasil de 1967, o Glorioso retornou ao basquete em 2015. Dois anos depois venceu a Liga Ouro. Subiu ao NBB e fez boas campanhas, alcançando as semifinais em 2019, ano em que o time do técnico Léo Figueiró conquistou o inédito título da Liga Sul-Americana. O êxtase deu lugar à tristeza. Sem recursos para bancar o orçamento anual de R\$ 4 milhões, a diretoria fechou o basquete e concentrou atenções no futebol e na transição para se tornar clube-empresa.



Capitão corintiano em 1994, João Batista treinou o Botafogo

Indignados, torcedores criaram o grupo Juntos pelo Basquete. A Associação Botafogo Olímpico, um CNPJ apto a receber recursos de leis de incentivo, pôde usar a marca do Botafogo de Futebol e Regatas. Líder do movimento, Carlos Salomão virou diretor de basquete e tentou reunir dinheiro para seguir no NBB, mas a participação foi negada por causa de dívidas com atletas. O dirigente remodelou o projeto e apostou no campeonato da CBB. O contexto deu a João Batista a oportunidade que ele tanto desejava.

– Foco total. Acreditando piamente que possamos fazer uma grande competição e, oxalá me ouça, que sairemos campeões – disse o técnico no começo da preparação.

O novo elenco do Fogão foi apresentado em janeiro no Ginásio Oscar Zelaya, em General Severiano, sede do clube. A exemplo de outras equipes do campeonato, o Glorioso formou um grupo de jovens, com

atletas abaixo de 23 anos de idade e garotos do sub-19, reforçados por nomes experientes. Na ala jovem estavam o armador Adler Ribeiro e o ala-pivô Salatiel, ambos ex-Liga Sorocabana; o pivô Rafael Araújo, ex-Paulistano; o ala Wallisson Guilherme, que vinha de duas temporadas na Argentina pelo Quimsa; e o ala Tiago Zibecchi, ex-Universidade de Seattle (EUA).

Com 25 anos, o pivô Victor Demétrio, irmão do ex-flamenguista Léo Demétrio, ficava na faixa intermediária do time de João Batista, que também formou um trio de confiança: Douglas Corrêa, Paulinho Boracini e Duda Machado. Ala-pivô de 30 anos, 2m04 e 110 quilos, Douglas poderia bater de frente com Ansaloni. Bicampeão do NBB no Flamengo, ele se destacou pelo Botafogo no título da Liga Ouro, disputou uma edição do NBB e retornou ao clube. Já Boracini e Duda eram nomes badalados no basquete.

Pilar do time campeão da Liga Sul-Americana, Paulo Heitor Boracini, 36 anos, também voltou ao Botafogo. Armador de 1m83, olhos esverdeados e cabelo preto, primava pela precisão – mais de 3,1 mil pontos em 11 edições do NBB (45,5% de aproveitamento). Cria da base do Mogi, passou pela seleção, atuou na China e na Itália e se destacou em diferentes clubes brasileiros, em especial o Paulistano, onde foi campeão paulista, melhor sexto homem do NBB (2011-2012), campeão da Liga das Américas (2013) e vice da Copa Intercontinental (2013). Boracini também defendeu o Basquete Cearense e virou notícia por um lance antológico. Em 2018, a dois segundos do fim, o time perdia em casa por 80 a 77 para o Bauru. O armador fez um lance livre, mas precisava de dois pontos para empatar ou de três para virar. Decidiu arriscar. Arremessou de propósito no aro, a bola quicou até a quina da quadra e ele pegou o rebote. Da zona morta, chutou e caiu sentado no chão. Cesta. Vitória por 81 a 80 e uma explosão de torcedores.

No mês seguinte à façanha, Boracini rompeu o ligamento do joelho direito. Retomou a carreira no Botafogo, ganhou a Liga Sul-Americana e estava no elenco dispensado em 2020. Voltou ao Glorioso para atuar com o ala-armador Eduardo Magalhães Machado, o Duda Machado, 1m93 de altura e 38 anos. Duda defendia o Bauru derrotado pela bola mágica de Boracini e, um mês depois, executou o mesmo lance. O Bauru perdia por 103 a 100 para o Vasco faltando seis segundos. O lateral acertou o primeiro lance, mandou o segundo no aro, pegou o rebote e guardou a cesta vencedora.



Ex-seleção, o cestinha Duda Machado reforçou o Botafogo

Irmão de Marcelinho Machado, um dos maiores ídolos do Flamengo, o ala magro, de cabelo raspado nas laterais, barba e braço tatuado do ombro ao punho, consagrou-se pela frieza para decidir partidas e pela capacidade de acertar arremessos improváveis. Revelado pelo Fluminense, atuou na Gávea ao lado do irmão e chegou à seleção brasileira. Ao longo da carreira, foi tetracampeão brasileiro – duas Ligas (Brasília e Flamengo) e dois NBBs (Flamengo) – e campeão da Liga Sul-Americana (Flamengo).

Veterano, Duda não pensava em parar. Aceitou o convite do Botafogo para disputar o Brasileirão da CBB após 12 temporadas consecutivas no NBB, com média de 11 pontos, 2,5 rebotes e 2,9 assistências. Também pesou na decisão o histórico familiar. O pai de Duda, Renê Machado, o tio Sérgio Macarrão (bronze olímpico com o Brasil em 1964 e prata no Mundial de 1970) e os irmãos Marcelinho e Ricardo vestiram a regata do Glorioso. Só faltava o lateral, procurado por Carlos Galvão para dar experiência ao time.

– Acredito que uma das funções nesse time é direcionar essa molecada que vem com fome de bola e tentar ajudar nesta evolução e afirmação no cenário nacional – disse Duda em entrevista ao jornalista Pedro Albuquerque, especializado em basquete.

O ala deixou claro que o projeto botafoguense mirava o título e a volta ao NBB.

– O Botafogo entra para ser campeão. Qualquer coisa diferente vai ser considerada uma decepção.

Comparações

O Stock Med/União Corinthians entrou como favorito diante do Botafogo em razão da melhor campanha (10 vitórias e duas derrotas contra oito vitórias e seis derrotas). Em 12 jogos, o UniCo marcou 983 pontos (média de 81,9) e sofreu 799 (média de 66,5). O Glorioso, em 14 partidas, marcou 1.076 pontos (média de 76,8) e sofreu 1.044 (média de 74,5). Os gaúchos ainda estavam mais descansados por terem feito, na terceira bolha, dois jogos a menos do que o rival, que precisou encarar a repescagem e avançou às finais no terceiro confronto das quartas de final.

Athos e os auxiliares Buboltz e Fernando assistiram ao vivo e em vídeos ao esquadrão de João Batista. Os três consideravam a equipe mais consistente e atlética. A mesma avaliação fez o supervisor corinthiano, o uruguaio Fernando Larralde. Aos 74 anos de idade, o elegante senhor de tez bronzeada e cabelos brancos interrompeu a aposentadoria para ser o elo entre os anos de glórias e a nova geração. Técnico do Corinthians em 1987, Larralde foi escudeiro de Ary Vidal no título brasileiro de 1994 e nos vices de 1996 e 1997. Ainda treinou o clube em Ligas Nacionais antes de ser levado por Ary como supervisor do Unitri/Uberlândia. Em Minas Gerais, já com Hélio Rubens de treinador, o gringo conquistou o campeonato brasileiro de 2004.

Larralde dedicou 40 anos ao basquete e decidiu, em 2016, encerrar a carreira para retornar a Santa Cruz e ficar mais próximo do filho Lucas e dos amigos da velha guarda tricolor. A retomada do UniCo o animou de tal forma que aceitou o convite de Diego Puntel para reforçar o projeto e viajar com a delegação a Brusque. Contador de causos e dono de um humor irônico, o uruguaio sabia aliviar a tensão do elenco nos momentos certos e, por sua história no clube, arrefecia críticas de cartolas e torcedores mais antigos. Athos e Diego valorizavam essa blindagem e o olhar clínico de Larralde, cuja vivência rendia conselhos ao técnico e aos atletas em meio ao calor dos jogos.

– O time vai precisar de concentração. É jogo único, jogo de poucos erros. Os mais velhos vão ter que tranquilizar os mais novos – orientou antes da semifinal.

Larralde considerava fundamental a presença de Ansaloni para assegurar a vantagem no garrafão. O pivô chegou ao Final Four com média de 14,1 pontos, 2,9 assistências e 9,4 rebotes. Seu rival alvinegro, Douglas, registrava 13,7 pontos de média, 1,3 assistência e 4,6 rebotes. Um pivô experiente também ajudaria a manter os nervos do time em dia. Nesse contexto, o Glorioso apostava em Boracini e Duda, acostumados à atmosfera de decisão. Athos planejou marcação forte na dupla, que respondia por 37,5% dos pontos do Fogão. Boracini era o cestinha do torneio com 271 pontos em 14 jogos (média 19,3). A estratégia corintiana era apertar os dois destaques para evitar os chutes e forçá-los a deixar o arremesso com atletas que não tinham a mesma precisão e frieza.

Menos badalados, Cafferata e Ícaro tinham números próximos aos de Boracini e Duda, com a vantagem de serem mais jovens e de estarem mais descansados. O dueto corintiano também tinha confiança em alta. Colegas de quarto, os dois gostavam de conversar sobre liderança. Concentração, lucidez e vontade de vencer.

– É normal errar no basquete, ter medo de perder. Na verdade, tem que ter mais vontade de ganhar do que medo de perder – repetia Ícaro.

Cafferata, quatro meses após o início dos treinos, mantinha no gaveteiro ao lado da cama a cartilha de Athos. Relia para memorizar jogadas. Na véspera da semifinal, além das orientações do manual, entrou no papo a comparação com Boracini e Duda.

– Ícaro, fica tranquilo. Antes vão falar deles, mas depois do jogo vão falar de nós.

Superação

Ao entardecer da sexta-feira, 21 de maio de 2021, o Botafogo, trajado de branco e cinza, e o Stock Med/União Corinthians, com uniforme de predomínio verde, aqueciam cientes de que o vencedor enfrentaria o Flamengo Blumenau, que bateu o Osasco por 79 a 74. Antes, a preparação corintiana teve momento de solidariedade no vestiário. Durante o playoff contra Brusque, Malachias recebeu chamada de vídeo inesperada da irmã Gabriela, que o informou da morte do primo Fernando, aos

34 anos, vítima da Covid-19. Fernando ensinou Malachias a dirigir, e os dois dividiam a paixão por carros. Os colegas ajudaram o pivô a lidar com a dor. Léo Assmann e Ícaro, na corrente pré-jogo, pediram para que todos se doassem também em homenagem a Fernando.

Malachias partiu emocionado e motivado para o aquecimento na Arena Multiuso. Ainda sem público, por causa da pandemia, a CBB preparou estrutura especial para o Final Four. À beira da quadra, o narrador Guilherme Maia e o comentarista Renatinho Santos, dupla da TV NSports, apostava em uma semifinal sem favoritos ao lembrar que o UniCo tinha melhor campanha, mas que o Glorioso contava com Boracini e Duda.

– Uma equipe mais organizada taticamente, e o Botafogo com muita força de ataque, jogadores com características ofensivas, artilharia pesada na bola de três pontos. Com certeza vai ser um grande jogo, mais uma grande semifinal – previu Renatinho.

O ex-árbitro citou a qualidade de Boracini e o campeonato de Ansaloni para embasar a tese. O tratamento intensivo de Farofa colocou o pivô na quadra. Ele aqueceu e, mesmo com dores na coxa direita, decidiu jogar. Devidamente recomendado pelo fisioterapeuta.

– Tu estás numa faixa de 70% a 80%. Se vai dar um sprint, não dá o máximo, segura um pouco. Joga se cuidando – orientou Gustavo.

Athos escalou o quinteto de sempre. João Batista deixou Duda no banco. Apostou no revezamento dos veteranos e iniciou com Adler, Wallison, Boracini, Rafael e Douglas. No momento em que a bola laranja subiu, para não se desgastar, Ansaloni delegou a Lelê, com chamativo tênis verde-limão, a missão de saltar com Rafael, um pivô de 2m08, braços longos e cavanhaque. Athos observou sentado, com os cotovelos apoiados nas coxas, Rafael garantir para o Botafogo a primeira posse. O técnico permaneceu estático. Só se moveu para aplaudir Lelê por apanhar o rebote defensivo. E vibrou com Cafferata. O capitão bateu três vezes entre as pernas, ignorou a marcação e acertou o arremesso de média distância. A resposta carioca foi atrapalhada pela quadra. Rafael recebeu no garrafão e escorregou. Na chance seguinte, Boracini converteu de fora do perímetro.

– Caaaaaiiu. Pode se preparar, hoje vem um show de Paulinho Boracini. Um showman... – disse o narrador Guilherme Maia, que antes de terminar a frase, viu o veterano acertar outra bola de três.

***Exímio
arremessador,
Paulinho foi um
dos destaques do
Botafogo***



Implacável na defesa, o Glorioso abriu 10 a 2 em três minutos com a enterrada de Rafael. Athos pediu tempo. Cobrou mais tranquilidade no ataque e mais apetite na defesa. Paulichi, mais alto do que Cafferata e Ícaro, marcou Boracini. Deu certo. Ansaloni descontou, e Paulichi brecou com um toco o chute de Boracini. Ansaloni e Ícaro encostaram em 10 a 7, mas Adler ampliou para 13 a 7. João Batista lançou Duda e Salatiel para Boracini e Douglas descansarem. Athos tirou Paulichi e Lelê para as entradas de Léo Assmann e Malachias.

O final do primeiro quarto foi de pontaria sofrível. O Botafogo congestionou o garrafão e ofereceu a linha de três, mas o UniCo errou sete tentativas. Só descontou quando Ícaro, embaixo da cesta, fez a bandeja. Adler, Léo, Duda e Ícaro ainda tentaram pontuar, sem sucesso. Ao final do período, com 13 a 9 a favor do Botafogo, o ala-armador gaúcho saiu com semblante fechado, insatisfeito com a própria atuação.

– A pontuação está baixa porque as defesas estão agressivas – disse Renatinho.

O Stock Med/União Corinthians voltou concentrado. Malachias deu toco em Duda, e Ícaro descontou ao invadir o garrafão pelo meio e soltar a bola na cesta. Ansaloni empatou no giro, seguido do chute que deu aro e caiu. O Fogão abriu com dois chutes de três de Duda e o gancho de Victor Demétrio – 21 a 13. Athos pediu tempo. Paulichi, que corria por ele e Ansaloni na defesa, fez a primeira cesta após giro

rápido e bandeja. Ansaloni encurtou a distância com dois lances livres, e Paulichi guardou mais uma. Cafferata encontrou Ícaro, que usou a tabela para empatar a quatro minutos e meio do intervalo. Rafael recolocou o Botafogo à frente, porém Ansaloni virou com três lances livres. Duda Machado respondeu de três.

Então, o Botafogo se descontrolou. Caferrata fintou Duda, sofreu a falta ao tentar a bandeja. Ao pular, foi empurrado por Douglas na altura do peito. O capitão teve direito a quatro lances livres, guardou três e deixou o UniCo um ponto à frente. O gringo, que não acertava a mão de fora do perímetro, tirou a zica. A 41 segundos do intervalo, saiu rápido, tabelou com Ícaro e disparou. Chuá – 30 a 26. A primeira bola de três em 16 tentativas. O Botafogo tentou o último ataque. Duda chutou, deu aro, Rafael apanhou a sobra e fez a cesta no estouro do cronômetro. O replay mostrou que o segundo quarto já havia terminado. O UniCo abriu quatro pontos.

Athos não contava, na pausa, com as estatísticas do assistente Fernando Sisnande. O auxiliar sentiu o coração disparar e buscou um hospital às pressas. Ao ficar sem bateria no telefone, não fazia ideia de andamento do jogo. A pressão arterial de Fernando marcou 16 por 12, acima do 12 por 8 recomendado por especialistas. Ele foi medicado e liberado no começo da noite. Ao chegar ao Tri Hotel, plugou o celular no carregador e encontrou a transmissão da semifinal, que continuou equilibrada no começo do terceiro período.

O Botafogo encostou com Rafael, Ícaro respondeu de dois e Wallison da zona morta converteu de três – 32 a 31. A partir daí, caíram os chutes de longa distância do UniCo. Lelê apanhou o rebote defensivo e recuou para Cafferata garantir o chuá. Boracini acertou o aro e possibilitou o contragolpe que terminou no passe de costas de Ansaloni por baixo, enganando dois marcadores, para Lelê surgir pela esquerda e enterrar com uma mão.

– O Lelê deixou todo mundo lelê na defesa do Botafogo. Que jogada fantástica – vibrou o comentarista Renatinho.

Boracini encarou Paulichi, escorregou, tentou controlar a bola, escorregou de novo e perdeu a posse. Lelê ganhou confiança, recebeu pela esquerda e mandou de três. Chuá. João Batista solicitou tempo, já irritado pela quadra úmida. Ficou difícil jogar. Quem recebia a bola precisava dosar na velocidade para não terminar no chão. Lelê caiu com as mãos espalmadas. Cafferata invadiu o garrafão, quase ficou sentado,

recuou até Paulichi, que encostou para Lelê. Pela diagonal, outra bola de três – 43 a 31. Athos vibrou de braços erguidos. Seu time galopava para a classificação. Mas o jogo parou.

A paralisação

Por volta das 19h45, com seis minutos a serem jogados no terceiro período, os árbitros interromperam a partida para que a organização tentasse secar a quadra, cada vez mais escorregadia. Não havia goteiras no ginásio. A sexta-feira em Brusque, de calor e céu encoberto, com pancadas de chuva e queda da temperatura à noite, aumentou a umidade e deixou o piso liso. Os jogadores deram lugar a quatro funcionários munidos de rodos e panos. O quarteto percorreu por 25 minutos, indo e vindo, os 28 metros de comprimento por 15 de largura da quadra. Atletas, comissões, diretorias, árbitros e representantes da CBB testavam a aderência do piso. Era possível patinar de tênis.

A paralisação pegou a CBB de surpresa. A semifinal entre Flamengo Blumenau e Osasco, disputada na própria sexta-feira, terminou sem reclamações sobre escorregões. Diego lamentou a parada justamente no melhor momento do UniCo, que abriu 12 pontos de vantagem. Se em dois quartos o time acertou um arremesso de três em 16 tentativas, no terceiro período converteu três em quatro disparos. Ansaloni, apesar da lesão, sobrava com 11 pontos e 11 rebotes. Cafferata tinha os mesmos 11 pontos e Ícaro, nove. A pausa dava ao Botafogo a chance de reequilibrar as ações.

– Talvez essa parada até vá favorecer um pouco o Botafogo porque vai quebrar um pouco o ritmo da equipe do União Corinthians – comentou Renatinho.

As duas equipes dividiam essa análise, mas aos poucos a opinião mudou. Os rodos não davam conta. O delegado da partida, Enaldo Batista de Souza, chamou Athos e João Batista. Informou que seria feita outra tentativa de secagem do piso para retomar a partida ainda naquela noite, a fim de disputar a final no sábado, conforme o programado.

– Vamos repetir o processo de limpeza, passar novamente produto, uma Coca-Cola, sei lá, um álcool, repetir o processo até que a quadra fique em condição. Não adianta a gente recomeçar o jogo e alguém se

machucar. Quem é que vai segurar essa onda? – disse Enaldo, que também respondia pela coordenação de arbitragem da CBB.

– Isso fica feio, horrroso isso – rebateu João Batista.

Enaldo explicou que a espera constava no regulamento e que havia preocupação com a integridade dos atletas e árbitros. Ele pediu para que todos deixassem a quadra e avisou que voltariam a conversar em uma hora. João Batista não gostou.

– Pela minha experiência, eu acho que não vai ter jeito, a gente vai esperar esse tempo, mas quando retomar vai estar do mesmo jeito ou talvez pior.



Paralisação tornou a semifinal ainda mais tensa para UniCo e Botafogo

Mãos para trás e atento ao diálogo, Athos perguntou o que aconteceria caso não fosse possível concluir o jogo na mesma noite. Enaldo respondeu que havia essa possibilidade, mas que de qualquer forma a semifinal retornaria do ponto em que parou.

– O jogo está interrompido. Recomeça de onde parou, de onde está. Faltam seis minutos e 12 (segundos) e está 43 a 31, beleza?

Stock Med/União Corinthians e Botafogo retornaram aos vestiários com sentimentos distintos. Athos queria terminar o confronto na sexta-feira. João Batista preferia voltar ao hotel, dormir, repensar a estratégia e concluir a partida no sábado. O diretor de basquete alvinegro, Carlos Salomão, compartilhava dessa opinião.

– Desde o início da partida, a quadra não tinha condições de jogo e os atletas estavam escorregando demais. Não houve sol em Brusque hoje, e a região é muito úmida. Temos que preservar a saúde e segurança dos atletas. O regulamento diz que é uma decisão que cabe à CBB, então vamos esperar que haja bom-senso – declarou.

Os funcionários insistiram nos rodos e, como se soltassem pitadas de sal, espalharam pó de magnésio pela quadra, que ficou esbranquiçada. Utilizada em outros esportes, a substância reduz a umidade das superfícies e aumenta o atrito. No caso da quadra, os pés deixariam de deslizar a cada passo.

Em Santa Cruz, o presidente corintiano, Marco Jardim, não conseguia permanecer sentado no sofá de casa, onde assistia ao jogo pela TV e com o rádio ligado. O auge da pandemia deixava as pessoas reclusas, impedindo encontros para torcer. A angústia corria em grupos de WhatsApp. Nervoso, Jardim trocava mensagens com Diego. “Como está aí? Resume a situação, por favor”. Ele temia ver a classificação se esfarelar com a parada. O time voltaria no mesmo ritmo? Ou o Botafogo retomaria o controle do placar? O diretor assegurou que faria o possível para que o jogo voltasse ainda na sexta.

Encerrado o período combinado, Enaldo chamou diretores e técnicos para nova conversa. O Glorioso mantinha a posição de jogar no sábado, e o UniCo defendia retomar a partida o quanto antes. O delegado ressaltou a importância de concluir as semifinais em razão do formato do Final Four, com jogos em dois dias.

– Volta que horas, então? – indagou Diego.

– A decisão é retomar o jogo às 22h30 – anunciou Enaldo.

– Beleza, dez e meia eu estou na quadra – emendou Diego, que saiu sem ouvir as reclamações dos botafoguenses.

Salomão e João Batista optaram por levar o elenco para jantar no Tri Hotel, a cerca de 1,6 quilômetro da arena, e retornar na sequência.

– A decisão foi unilateral da CBB. Infelizmente todo o planejamento para o jogo foi prejudicado, mas o Botafogo vai voltar à quadra disposto a dar o seu melhor e a sair com essa classificação – declarou o diretor alvinegro.

Athos adotou outra estratégia. Diego chamou Buboltz e os dois correram por cerca de 10 quadras até um supermercado. Compraram pães, frios, bolachas, chocolates, isotônicos, refrigerantes e água. Carregando as sacolas, voltaram ao ginásio e ofereceram no vestiário. Farofa tratou Cafferata e Ansaloni. A paralisação beneficiou o pivô, que domava as fisgadas na coxa direita. O fisioterapeuta usou as mais de duas horas de interrupção para recuperá-lo com massagens e laser. Já o assistente Fernando rumou à arena e se juntou aos colegas. Aproveitou a ambulância para medir a pressão arterial. Que seguia muito alta. Precisou retornar ao hospital e sofrer de lá com a indefinição.

No vestiário, enquanto se alimentavam, os jogadores conversavam sobre o jogo. Athos reviu lances no celular e pediu ajustes na marcação. O técnico bateu a porta, a fim de despertar a equipe. Repetiu que no basquete o controle emocional é decisivo.

– São 15 minutos, temos que voltar focados, não podemos voltar desatentos. Eles querem cancelar, mas nós vamos jogar. Nós vamos ganhar dos caras – bradou.

O mordomo Luciano, que em mais de 30 anos de carreira jamais vivenciara algo similar, alertou para a necessidade de aquecer na quadra tomada por pó de magnésio que, apesar de aumentar a aderência do piso, deixa a bola escorregadia. Por volta das 22h, o UniCo assimilava as novas condições com bandejas, arremessos, passes e corridas curtas. O Glorioso, por ter ido ao hotel jantar, demorou mais tempo para se adaptar à quadra.

Às 22h30, a semifinal, enfim, recomeçou. Wallison repôs a bola até Adler, que encontrou Rafael no garrafão. O giro do pivô, completado com a bandeja, ainda rendeu a falta. Douglas ameaçou, bateu para dentro e concluiu no gancho. A vantagem de 12 pontos do UniCo caiu para oito, mas, na bola de mão em mão, subiu a 11 com o disparo de três de Ícaro. Arremesso caindo para trás e comemoração de punho cerrado – 46 a 36.

– É um jogo de 16 minutos. Vamos ver se o União Corinthians consegue manter o ritmo. O União Corinthians estava muito bem no jogo – opinou Renatinho.

A partida entrou em momento de defesas fortes e de erros ofensivos. Rafael levou toco de Paulichi; Cafferata e Duda pararam no aro; Malachias errou o gancho; Victor Demétrio desperdiçou dois lances. A bola resvalava nas mãos. Depois de quase quatro minutos sem cestas, André Luis mandou alto e guardou. Duda fez o lance livre e fechou o terceiro período – 49 a 40. O UniCo começou o quarto final com Ícaro liderando a trama para Ansaloni fintar e acertar a mão. Duda puxou a resposta em velocidade, arriscou de três sem sucesso. Ícaro encostou na direita para Léo Assmann marcar de três. Lelê seguiu o exemplo. De braços abertos esperou a bola descer na rede – 57 a 43 a seis minutos do fim.

O UniCo acelerou e abriu 65 a 50. Boracini perdeu o ímpeto. Duda sofreu a falta e acertou três lances. Foram os últimos pontos do Glorioso, liquidado pela sequência de lances livres de Lelê e Ícaro – 73 a 57. Às 23h15, após quase cinco horas de semifinal, o Stock Med/União Corinthians estava na decisão do Campeonato Brasileiro da CBB.

– A equipe de Santa Cruz do Sul está na grande final, vai enfrentar o Flamengo Blumenau, Renatinho – vibrou o narrador Guilherme Maia, que ouviu a resposta:

– É muito bacana a gente ver o União Corinthians, que teve uma história vencedora linda no basquete nos anos 90, voltando a ser grande no basquetebol.

Formados em Santa Cruz, Ícaro e Léo se abraçaram no meio da quadra. Ansaloni sorria aliviado. Suportou as dores na perna direita e ficou 38 minutos em quadra, com 15 pontos e 13 rebotes. O pivô agradeceu aos colegas no microfone da TV NSports.

– Estou com uma lesão na coxa, eles defenderam por mim. Não consegui defender nada, senti dor o jogo inteiro. Eles foram guerreiros, suprimam minha ausência defensiva.

Athos abraçou Diego. Em 2017, ser finalista de um torneio nacional parecia delírio para os dois. Em maio de 2021, era realidade. Respirando fundo, o técnico se aproximou de Maia e Renatinho. Lembrou o peso de Santa Cruz no basquete e saudou a classificação.

– A gente fica feliz de poder chegar a uma final depois de tantos anos. Tenho certeza de que a comunidade de Santa Cruz deve estar muito orgulhosa da gente.

Em busca dos anéis

Ainda na Arena Multiuso, os jogadores já direcionavam as atenções ao Flamengo Blumenau. Em menos de 24 horas, às 18h45 do sábado, 22 de maio, voltariam à mesma quadra em busca dos inéditos anéis do Brasileiro. A CBB importou da NBA a tradição de premiar os campeões com anéis. Prateada, feita em aço escovado e ornada por brilhantes pedras decorativas, a versão brasileira da peça ganhou as inscrições “Brasileiro” e “Campeão”, com o logo da competição ao centro: a silhueta de um atleta com braços erguidos e a bola entre as mãos, prestes a arremessar. Os anéis foram acomodados em elegantes caixas pretas para a entrega após a final, junto com o troféu. Faltava um jogo para ornar a mão com o símbolo da vitória. Cafferata, 13 pontos, cinco rebotes e cinco assistências contra o Botafogo, compreendia a importância do momento. O torcedor que ficou 15 anos longe de torneios nacionais poderia voltar a comemorar.

– Vamos para amanhã agora. O clube tem uma grande história, cidade respira muito basquete – disse o capitão na saída do ginásio.

Craque da semifinal com 16 pontos, seis rebotes e cinco assistências, Lelê recebeu o troféu Wlamir Marques, entregue ao melhor jogador de cada partida.

Voltou ao hotel realizado e sem esquecer do atrito com o ala Gabriel em Santa Cruz. O jogador catarinense assegurou aos colegas que venceriam o UniCo no Final Four.

– A gente não pode perder para esses caras – advertiu Lelê ainda na sexta.

Vencer “esses caras” exigia superar uma equipe de campanha similar à corintiana. O time catarinense chegou à final com 11 vitórias e três derrotas em 14 partidas, com média de 78,1 pontos marcados e 68 sofridos. O UniCo contabilizou 11 vi-



CBB importou dos EUA a tradição do anel de campeão

tórias e duas derrotas em 13 confrontos, com média de 81,2 pontos a favor e 65,8 contrários. O técnico André Germano preparou um time equilibrado, jovem e sem grifes. Com quase três décadas de carreira, o treinador de cabelos grisalhos e bochechas salientes assumiu o projeto de Blumenau por saber que trabalharia com garotos e por ter experiência em torneios adultos. Ex-coordenador da base na seleção brasileira, rodou por clubes paulistas até ser auxiliar do time principal do Bauru, campeão da Liga Sul-Americana, da Liga das Américas e do NBB. A principal chance como técnico foi em 2019 à frente do Brasília no NBB.

A final reuniu times de cidades com semelhanças. Blumenau e Santa Cruz cultivam o orgulho pela cultura alemã nas próprias versões da Oktoberfest, têm vocação basqueteira e tentavam chegar ao NBB. Blumenau beliscava há mais tempo. Por isso, o elenco de Germano reuniu jogadores que já atuavam na cidade na Liga Ouro, como o pivô Lazzaris e o armador Vinícius Gobor; promessas rubro-negras, com destaque para o armador Cristhyã; e reforços experimentados. O pivô Andrezão, 2m e 114 quilos, vinha de 11 temporadas no NBB. O ala Gabriel, 2m02 e 95 quilos, passou por Botafogo, Pinheiros, Pato Branco e Unifacisa, e registrava 15 pontos de média no Brasileirão.

Outra referência era o norte-americano Deonta Stocks, 32 anos, com média de 14,4 pontos e 4,4 assistências. Eficiente no um contra um, ele era um cigano do basquete. Ex-universidade de West Georgia, o armador de 1m88 foi escolhido pelo Sioux Falls Skyforce na D-League, atuou na terceira divisão da Itália, na segunda divisão da Finlândia, na Suécia e no Uruguai. Chegou ao Brasil em 2017 pelo próprio Blumenau. Destacou-se pelo Joinville no NBB, passou por Vasco e foi vice da Liga Ouro com o São Paulo.

A dobradinha com o Flamengo permitiu a Germano compensar a saída do armador Jefferson Socas com a chegada de Adyel Borges, 19 anos, ex-Franca. O garoto estreou na terceira bolha e marcou 13,2 pontos de média em quatro partidas. Todos esses nomes eram liderados em quadra por um parrudo pivô de 26 anos, 2m06 e 111 quilos. Ex-Franca, Mogi e Bauru, João Pedro obteve média de 14,1 pontos e 8,6 rebotes por jogo, números quase idênticos aos de Ansaloni. Germano apostava que seu pivô poderia vencer o duelo com o pivô corintiano, que encarou outra madrugada de sono picado aos cuidados de Farofa. O

fisioterapeuta repetiu as sessões de massagem e laser a cada duas ou três horas.

A mistura de cansaço com ansiedade dificultou o sono da delegação do Stock Med/União Corinthians, que chegou ao Tri Hotel depois da meia-noite, no início da madrugada de sábado. Athos adiou o sono para analisar os vídeos do Flamengo Blumenau preparados pelos auxiliares. Buboltz e Fernando identificaram três pontos fortes: os chutes de Gabriel, os cortes rápidos para esquerda de Stocks e o jogo embaixo do garrafão de João Pedro. Os jogos-treino antes da segunda bolha facilitaram o trabalho. Por isso, a chegada de Adyel, que não estava nos testes e deu mais vitalidade ao time, preocupava.

Athos pouco dormiu e, por volta das 7h40, recebeu uma mensagem de Diego. Abriu o WhatsApp e assistiu a um vídeo da esposa e do filho. O diretor contatou ao longo da semana as famílias dos atletas e comissão técnica e editou os vídeos com votos de boa sorte. Paulichi ainda esfregava os olhos quando viu a surpresa com falas da tia Beth, do tio Jonas, do cunhado Felipe, da irmã Beatriz e dos pais Francisco e Sandra.

– Rafinha, força, alegria. É aquilo que você sempre fez, vocês merecem tudo que está acontecendo. Amamos você e esse time todo – disse Sandra.

O ala-pivô terminou de assistir ao vídeo de 55 segundos aos prantos. Desceu para o café da manhã e viu que outros colegas também tinham olhos inchados por causa do choro. As mensagens ajudaram a atenuar as saudades e aditivaram a motivação do grupo, que no final da manhã bateu bola na Arena Multiuso. A um jogo do título nacional, Luciano Hillesheim aproveitou para tentar afastar a pressão.

– Moçada, é o momento mais esperado. Olhem o que passamos, agora é hora de ser feliz. Juguem com alegria. Não se preocupem com mais nada, só joguem.

O sábado foi de clima mais leve do que a sexta-feira. Pairava o sentimento de dever cumprido por alcançar a final. Matando tempo no lobby do hotel, Léo Assmann avistou Diego a empurrar um carrinho de malas carregado de fardos de cerveja.

– E se a gente não ganhar? – indagou o ala-armador.

– Vocês merecem, chegamos na final – respondeu Diego

Léo contou para os colegas que havia cerveja para festejar ou afoagar as mágoas. Essa leveza garantiu um time tranquilo e consciente no vestiário antes da decisão. Ícaro pediu a palavra e insistiu na tese sobre ter mais vontade de ganhar do que medo de perder.

– Final não se joga. Final se ganha – encerrou.

Jogo de detalhes

O Stock Med/União Corinthians, com uniforme de predomínio branco, perfilou-se na quadra da Arena Multiuso para o 15º e último jogo do Brasileirão da CBB. O Flamengo Blumenau entrou com tradicional uniforme de calções pretos e regatas rubro-negras. O combo de transmissão em redes sociais e BandSport se repetiu. A dupla Guilherme Maia e Renatinho Santos ganhou o reforço do repórter Alex Junior, que colocou os técnicos para falar. Ambos frisaram a batalha psicológica da partida única. Mata ou morre. Título ou vice. Anel no dedo ou mãos vazias.

– A gente espera tranquilidade, paciência para exercer nossa defesa, nosso jogo de transição e, quem sabe, sair com o anel – afirmou Athos, que repetiu o quinteto titular.

André Germano iniciou com Stocks e Vinícius, dois armadores que se revezavam na criação; o lateral Gabriel, forte na defesa e no ataque; e Andrezão e João Pedro, dois pivôs de imposição. Adyel, com fôlego e agilidade de sobra, aguardou no banco.

– É jogo de decisão, os detalhes são importantes – comentou Germano.

Um dos detalhes beneficiava as equipes. A quadra estava seca, conforme foi possível verificar no próprio sábado na vitória do Osasco sobre o Botafogo, na disputa do terceiro lugar, e no aquecimento dos finalistas. Já outro detalhe favorecia os catarinenses. O Flamengo Blumenau teve mais de 24 horas de descanso, encerrou a semifinal no meio da tarde, enquanto o UniCo duelou com o Botafogo até quase meia-noite. Às 18h45, o árbitro Guilherme Locatelli parou com a bola embaixo do braço diante de Lelê e João Pedro, enquanto Ramiro Marques Inchauspe e Maria Claudia Comodaro Moraes, que completavam a arbitragem, posicionaram-se nas laterais da quadra. A bola subiu, e ficou com Cafferata. Em 15 segundos, a trama corintiana

terminou com Paulichi embaixo da cesta recuando para Ícaro surgir no espaço vazio e voar na bandeja.

– Soooooobe a bola. E a primeira já é tricolor. Ícaro na primeira bola, tá lá dentro – vibrou o narrador Leandro Siqueira.

O saudosismo dos santa-cruzenses foi amplificado pela rádio Gazeta, presente nas façanhas e derrotas corinthianas. Repórter que ensaiava ser narrador nos anos 1990, Siqueira se consolidou no microfone e ganhou cabelos prateados em três décadas. Comandava a transmissão com o repórter Leandro Porto, criança na era Ary Vidal, e o comentarista Alexandre Cruxen, campeão brasileiro de 1994 e técnico na despedida da Liga Nacional. Desfalcado do topete, mas em forma, Cruxen trocou a quadra pela cabine.

– Postura excelente do União Corinthians no começo do jogo – elogiou.

Cruxen tinha razão. Stocks mandou a bola no aro, Lelê agarrou a sobra, Cafferata passou para trás ao saltar em direção ao garrafão. Paulichi acomodou a bola na cesta. Ansaloni recebeu na esquerda e fez de três – 7 a 0. Defesa agressiva e movimentação. O time de Athos ditava o ritmo. Stocks na bandeja descontou; Paulichi converteu dois lances livres; Andreção respondeu; Ansaloni acertou mais uma; Vinícius foi na bandeja; Ansaloni acertou o gancho; e Ícaro pela direita chutou de fora do perímetro – 16 a 6.



Deonta, norte-americano da parceria entre Fla e Blumenau

O UniCo manteve a pressão, enquanto Germano procurava um quinteto. Paulichi acionou Cafferata, que encontrou Ansaloni, que escorou para Paulichi engatilhar. Mais três pontos, 25 a 11 no placar. Mais de 70% de aproveitamento nos arremessos.

– Linda boooooola. Que ataque é esse, ein? – espantou-se Guilherme Maia.

Adyel em ziguezague buscou a tabela e encontrou a mão espalmada de Lelê. Toco. O lance inaugurou minutos de seca corintiana. Stocks e Gabriel trouxeram a diferença para nove pontos, encerrando o período em 25 a 16. Essa reação se consolidou no segundo quarto. João Pedro marcou após se desvencilhar de Malachias. Cafferata recebeu de Ícaro e guardou. De costas para a cesta, João Pedro passou sem olhar para André Gonçalves, que cravou. Cafferata e Ícaro erraram, mas Cristhyã e Adyel acertaram de fora do perímetro – 28 a 26.

Athos, que descansou Cafferata e Ansaloni, pediu tempo. Precisava esfriar o rival. Que embalou. Gabriel trombou com Ícaro e disparou de três. Ainda sofreu a falta e aproveitou o lance livre. Ícaro foi desarmado e o chute fraco de Cristhyã virou passe, e João Pedro anotou. A cinco minutos do intervalo, o Flamengo Blumenau virou – 32 a 28. Cafferata e Ansaloni voltaram. O pivô girou e descontou. João Pedro respondeu de média distância, e André Luis marcou usando a tabela. Paulichi saltou embalado para bandeja. Mas surgiu João Pedro. Toco que deixou os dois no chão. Adyel pontuou no contra-ataque. O chuá de Ícaro e o míssil de Cafferata colocaram o UniCo à frente.

– Cafferata, boooooomba – comemorou Leandro Siqueira na Gazeta.

Ansaloni ampliou com dois lances livres, abrindo quatro pontos a 25 segundos do fim do período. Stocks correu, mudou a direção e pifou João Pedro, que enterrou. O quarto terminou com vitória parcial do Stock Med/União Corinthians por 40 a 38. Na briga por ser o craque do Brasileiro, o MVP do torneio, João Pedro saiu satisfeito pela reação.

– A gente precisa contestar melhor os arremessos deles e ter tranquilidade no ataque – disse o pivô ao repórter Alex Junior da TV NSports.

Ansaloni tratou o adutor da perna direita no intervalo e voltou ao jogo marcando mais dois pontos com um gancho na diagonal. Ícaro correu até a zona morta pela esquerda e, marcado, recebeu saltando para o arremesso de fora do perímetro. A bola caiu suave – 45 a 38. A marcação breiou o Flamengo Blumenau, que só conseguiu sua primeira cesta após três minutos, com Gabriel. Ansaloni aproveitou dois lances livres, Bruno Lazzaris acertou de três, mas o pivô corintiano garantiu

outra cesta. Léo Assmann deu passe pelas costas, quicado, *à la* Globetrotters, para Cafferata. O gringo fintou e guardou – 51 a 43.

– O jogo está pra gente. A gente vai fazer história – vibrou Bernar do no banco.

Stocks com dois pontos e Adyel na bandeja diminuíram a diferença, mas Cafferata aproveitou três lances livres e Ícaro, com ajuda da tabela e do aro, anotou mais dois. André Luis bateu da zona morta em direção à tabela e só parou na cesta. Cafferata quicou sem pressa, tabelou com os colegas e pifou Lelê, que errou. Com 11 rebotes, o ala-pivô seguia zerado em pontos.

No último lance do quarto, Adyel disparou em linha reta e mandou de três. Caiu de pernas abertas e joelhos flexionados. Ficou olhando a bola cair. O Flamengo Blumenau foi para o período derradeiro cinco pontos atrás, porém o bate-boca com a arbitragem rendeu falta técnica e o chute convertido por Ícaro. Os últimos 10 minutos do Brasileirão da CBB começaram com vitória do UniCo por 59 a 53.

– Um último período que promete muito. (Ganha) a equipe que tiver mais controle, que executar aquilo que o técnico pede. Agora é a hora – resumiu Renatinho.

Andrezão inaugurou o quarto período com um gancho pelo meio. Adyel estourou o tempo de posse. Ícaro, frio e preciso, recebeu de Paulichi de fora do perímetro e garantiu o chuá – 62 a 55. Stocks venceu o um contra um e garantiu a bandeja. Malachias só largou a bola na cesta. Adyel chutou da zona morta, a bola beijou o aro e subiu. Lelê se antecipou, apanhou a sobra e escorou para Cafferata. O argentino galopou até a cesta – 66 a 57. O banco corintiano vivia o misto de confiança e de nervosismo pela proximidade do título. Prestes a ser campeão outra vez, Luciano Hillesheim tranquilizava os demais.

– Estamos mantendo a distância. O tempo está passando e estamos na frente.

André Germano pediu tempo e organizou o time mais aberto na quadra. Diego Puntel aproveitou a pausa para repassar a Lelê um conselho do pai. Por WhatsApp, Telmo disse ao diretor que o filho deveria ir mais à cesta. Havia uma avenida para pontuar.

– Teu pai disse para atacar a cesta porque não estão te marcando – avisou.

O recado clareou a visão de Lelê, que cumpria jornada soberba no garrafão, com 12 rebotes. Cafferata arrancou pelo meio e, antes do

salto, passou a Lelê na esquerda. Lelê, seguindo a dica do pai, fintou o marcador e soltou a bola com a mão direita na cesta – 70 a 57. O banco corintiano vibrou. A exceção era Fernando Larralde, sentado de pernas cruzadas com um sorriso sereno. Ele via a partida definida diante da consistência do time e do nervosismo do Flamengo Blumenau. Na rádio Gazeta, Cruxen secava as lágrimas. Leandro Siqueira chamava o torcedor, trazia a memória do Corinthians de Ary Vidal.

– Volta tudo, acende tudo com mais um título nacional. É hora de se arrepiar de novo. É hora de viver tudo de novo – emocionou-se.

Cafferata colocou a partida no bolso. O maestro, honrando a tradição dos armadores argentinos, quicava sem pressa e encontrava espaços. Foi assim que acionou Lelê. O ala-pivô encarou dois marcadores e saltou pela esquerda para pontuar. Adyel cavou cesta e falta e acertou o lance livre. Stocks conseguiu outra falta. Mais dois pontos. A um minuto e meio do fim, o Flamengo Blumenau perdia por 72 a 64. À beira da quadra, mãos na cintura, Athos pensava na sua vida no basquete. Nos tempos de armador e de escudeiro de Marcel, nas tentativas frustradas de retomar o basquete profissional em Santa Cruz e no começo do projeto em curso. “Santo de casa também faz milagre”, pensou.

André Germano trocou o pivô Andrezão pelo armador Vinícius, ficando só com João Pedro no garrafão. Queria acelerar as ações e ter chutes de longe. João Pedro buscou o gancho e errou. Ícaro do meio da rua também errou. Germano solicitou tempo faltando um minuto. Ajustou marcação e pediu velocidade.

– É tudo ou nada para o Flamengo Blumenau – sentenciou Guilherme Maia.

Stocks gingou, venceu a marcação e garantiu a cesta rápida que Germano queria. Os catarinenses seguiam vivos, seis pontos atrás. Ícaro sofreu a falta, e Athos parou o jogo. Pediu para arremessar somente nos cinco segundos finais da posse. Se fosse preciso estourar os 24 segundos, sem problemas. Ícaro reforçou a ordem.

– Foi para lateral, os caras treparam em nós, é cinco segundos e morre com a bola na mão. Não tenta dar passe para os caras pegarem para fazer a bandeja.

Cafferata arrancou a 54 segundos da campanha soar. Pressionado, conseguiu passe até Ícaro na esquerda, que quicou para Ansaloni. Gancho girando, com leveza, e 74 a 66. No desespero, Gabriel clareou

de três, ficou no aro e foi salvo por João Pedro no rebote – 74 a 68 a 25 segundos do fim. Restou ao Flamengo Blumenau cometer faltas e torcer pelo erro. Que não veio. Cafferata e Ícaro garantiram mais quatro pontos.

– É campeão de novo! Vibra, Santa Cruz! Vibra, gurizada! – bradou Leandro Siqueira, com Cruxen, ao fundo, gritando “campeão”, “campeão”.

Gabriel, desequilibrado, parou no aro no último suspiro catarinense. Cafferata agarrou o rebote, ergueu a cabeça e avistou Lelê. O passe longo chegou ao ala-pivô, que quicou a bola e, faltando seis segundos, enterrou com as duas mãos, com direito a giro antes de soltar o aro e aterrissar com o braço direito erguido.

– Lelêêêê, craaaava! E é fim de jogo, 80 União Corinthians, 68 Flamengo Blumenau. O Corinthians, o União Corinthians de Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, é campeão brasileiro de basquete 2021 – extravasou Guilherme Maia na TV NSports.

Vinte e sete anos depois da Pitt/Corinthians conquistar o país, o Stock Med/União Corinthians ganhava outro torneio nacional. A retomada veio com taça. Mãos na cabeça, Athos recebeu o abraço do auxiliar Fernando. O técnico personificava a luta de toda uma geração. Em Brusque, na noite do sábado, 22 de maio de 2021, Athos estava absolvido. A condenação de ver o basquete santa-cruzense viver de passado teve fim.

– Santa Cruz merece. Eu tenho uma vida inteira no basquete, sempre lutando. Recebemos muitos não e, hoje, eu posso dizer que nós somos campeões do Brasil. O campeão voltou. Santa Cruz, nós estamos chegando, o campeão voltou!

Os donos dos anéis

Cercado pelos colegas no palco, boné preto de campeão na cabeça, Cafferata recebeu a taça do Campeonato Brasileiro da CBB. Abaixou-se, contou até três com o restante do time e ergueu o troféu dourado, sob a chuva de papel picado prateado.

– Ôôôô, o campeão voltou, o campeão voltou – cantavam os jogadores.

Luciano se juntou ao grupo. Pouco antes, ainda na quadra, o mordomo, remanescente ao lado de Larralde do grupo da

Pitt/Corinthians, sentou-se para chorar. “Obrigado, Deus, por me permitir viver isso mais uma vez”, repetia. O fato de o Brasileirão da CBB não ter o mesmo peso que a Liga Nacional tinha em 1994 não esfriou a festa. Imperava o sentimento de retomada, que se materializou nos anéis entregues aos campeões. Cada integrante da delegação recebeu a caixinha preta com a honraria.

– Não tem nada melhor do que já voltar sendo campeão. Essa cidade está de parabéns. Projeto que abracei de coração – derreteu-se Ansaloni, eleito craque da final.

O tratamento intensivo deu resultado. Mesmo descontado, o pivô dominou o garrafão com 21 pontos, seis rebotes e duas assistências. O trio de ferro desequilibrou. Com 20 pontos de Ícaro e 19 de Cafferata, a trinca somou 60. O desempenho de Ansaloni rendeu-lhe o troféu de MVP do Final Four. Já o MVP do Brasileirão foi João Pedro. Paulichi foi a revelação e Athos, o melhor técnico. Os botafoguenses Boracini e Rafael, cestinha e reboteiro do campeonato, encerraram as premiações.

Para os mais jovens, que chegaram a planejar outros ofícios pelos meses sem trabalho durante a pandemia, a conquista escancarou portas promissoras. Lelê, Paulichi, André Luis, João Marcos, Malachias, Nicão, Léo, Bernardo e Fi comemoraram o título de expressão. Nicão executou o ritual de cortar a rede da cesta, enquanto Fi, recuperado das cirurgias no joelho, procurou Diego para agradecer.

– Obrigado pela oportunidade, só vocês apostaram em mim.

O choro lavou o rosto de Bernardo. Sentado na quadra, relembrou da dificuldade para formar times profissionais no Rio Grande do Sul, conhecido celeiro de atletas, porém com raras equipes competitivas. A taça o encheu de esperança.

O palco da Arena Brusque também teve espaço para o choro dolorido do ala Gabriel, do Flamengo Blumenau. Contendo os soluços, o lateral lidava com a frustração.

– Metade desse time foi formada em Blumenau, inclusive eu. Voltei feliz por jogar no time da minha cidade, que meu pai jogou. Segundo lugar é dolorido, mas saio orgulhoso.

Gabriel sabia do impulso que a conquista poderia dar para levar Blumenau ao NBB. Visibilidade, credibilidade e euforia. Ícaro vislumbrava esse efeito em Santa Cruz.

– Estávamos há muito tempo sem basquete, todo mundo querendo a volta. A gente não imaginava que já nesse primeiro ano de volta ao

cenário nacional iríamos conseguir o título tão importante – declarou o ala-armador à TV NSports.

Para um clube que ficou 15 anos longe de torneios nacionais, que ao final de 2020 figurou de terceira força estadual, o Stock Med/União Corinthians deu um salto surpreendente, porém, digno da tradição escrita por Ary Vidal, Alvin, Brent, João Batista, Cruxen, Joel, Almir, Marc Brown, Marvin, Pipoka, Marcel e Rolando. Ícaro conhecia essa história e ajudou a adicionar um novo e vencedor capítulo. Ele compreendia a importância do basquete para os santa-cruzenses e resumiu o sentimento de cada torcedor.

– Eu amo a minha cidade. A gente quer mais. Próxima temporada tem mais.



UniCo enfrentou o Flamengo/Blumenau na decisão do campeonato da CBB



Paulinho Boracini liderou a pontuação do Botafogo



*União Corinthians superou o Botafogo na
semifinal do Brasileirão*



João foi um dos destaques do Campeonato Brasileiro da CBB



União Corinthians comemorou em Santa Catarina o título nacional



João Marcos com anel e troféu de campeão



Stock Med/União Corinthians retornou ao cenário nacional com título

Capítulo 5

25 de outubro de 2021



A primeira enterrada no NBB. Lelê, o herdeiro da raça

O Luvix/União Corinthians

Cento e vinte e nove dias após a apresentação do elenco do Stock Med/União Corinthians, Diego Puntel retornou à quadra do Poliesportivo. Tinha diante de si a mesa com a taça do Campeonato Brasileiro da CBB. O diretor apanhou o microfone e, ao mirar atletas, comissão e jornalistas, disparou a pergunta que cada santa-cruzensense se fazia.

– Vai ter NBB?

Abrigo azul-marinho e máscara preta, Diego falou sobre o futuro na segunda-feira, 24 de maio de 2021, dois dias depois de vencer o Flamengo Blumenau. O título permitia pleitear a vaga no NBB, equivalente à Liga Nacional vencida por Ary Vidal. Ao responder a própria pergunta, o dirigente revelou que contatou a LNB, liga de clubes que organiza o NBB com o aval da CBB. O UniCo cumpria requisitos, como ter ginásio e participar de torneios adultos e de base, mas precisava de dinheiro. Sem comprovar capacidade mínima de reunir de R\$ 1,5 milhão a R\$ 1,8 milhão no campeonato, o NBB seria uma miragem.

– A gente precisa novamente do apoio da comunidade, do apoio das empresas locais e da região para buscar o recurso para bancar o projeto – sentenciou.

A soma superava em cerca de três vezes o aporte feito no Brasileirão, porém, ficava oito vezes abaixo do valor estimado para conquistar o NBB. Essa comprovação exigida de todos os clubes visava finanças saudáveis. Dívidas com atletas, por exemplo, poderiam barrar a presença no campeonato. As equipes não precisavam do dinheiro na conta de imediato. Bastavam contratos assinados que assegurassem o fluxo de caixa. Assim, disputar o NBB virou uma corrida de três meses. Diego teria de fechar patrocínios e enviar ao conselho da LNB as garantias até meados de agosto para estreiar em outubro. Athos reforçou a urgência. Ciente da empolgação do título nacional, o técnico falou por nove minutos. Saudou os ensinamentos que a paternidade de um filho autista lhe deu, elogiou os campeões, citou a alegria dada a Santa Cruz em meio à pandemia e alertou:

– Falei para o Diego: “se a gente não for agora para o NBB, nós não vamos mais”.

Athos lembrou a trajetória, os altos e baixos na jornada por vezes quixotesca de devolver Santa Cruz ao cenário nacional. Frisou que a cidade “respira basquete” e que ansiava por ver o Poli, um colosso apto a receber 5,7 mil torcedores, novamente lotado.

– Recebi muitos não. Falavam: “não tem estrutura, não tem time competitivo”. Hoje nós temos tudo. Não dá para dizer não. Queremos em novembro, com a pandemia liberada, o ginásio lotado, 5 mil pessoas, nós estreando no NBB. Chegou o momento.

A volta dos campeões

O ônibus com o time do Stock Med/União Corinthians desceu devagar e buzinando a Rua Marechal Floriano, via ornada nas calçadas por centenas de tipuanas cujas copas se encontram e formam o famoso Túnel Verde. Passava das 20h10, e os termômetros marcavam 10 graus. O que não impediu a recepção calorosa. Torcedores e familiares agasalhados com jaquetas, moletons, luvas e toucas aguardavam a delegação. Anel no dedo e máscara no rosto, cada campeão que desceu do ônibus ganhou abraços efusivos, tudo registrado por dezenas de celulares. O elenco desceu em frente à Praça da Bandeira, que tem ao centro o prédio amarelo-creme da prefeitura, o Palacinho. No alto da escadaria da construção de linhas neoclássicas, com colunas e arcos que remetem a templos gregos, a prefeita Helena Hermany e o vice Elstor Desbessel aguardavam com a chave da cidade. Recepcionados aos gritos de “o campeão voltou”, os corintianos ouviram o agradecimento por fazerem a cidade reviver a euforia de um título nacional.

– Vocês são orgulho do nosso município. Eu tinha certeza de que os 134 mil habitantes estariam na torcida. Valeu a pena. Vocês foram guerreiros, vocês lutaram e vocês conseguiram. Santa Cruz está orgulhosa – discursou Helena ao lado do marido Edmar Hermany, que era o prefeito à época do título da Pitt/Corinthians.

Athos, Diego e Enzo Cafferata subiram as escadas do Palacinho, iluminado em tons de verde. O capitão recebeu da prefeita a chave do município e, feito um troféu, ergueu-a. Na sequência, elenco e dirigentes subiram no caminhão do Corpo de Bombeiros, o mesmo utilizado 27 anos antes pelos campeões de 1994. O veículo vermelho contornou a praça para percorrer outra vez as ruas centrais da cidade. Motoristas bu-

zinavam e torcedores acenavam das janelas dos edifícios, enquanto os donos dos anéis entoavam:

– Uh terror, o Corinthians é matadooor. Uh terror, o Corinthians é matadooor.



Elenco corintiano recebeu as chaves de Santa Cruz

O domingo, 23 de maio, teve o segundo ato da festa iniciada na noite anterior em Brusque. Da Arena Multiuso, a comemoração rumou ao Tri Hotel. Música, cantoria, pizzas e cervejas. Folia registrada em tempo real no Instagram por Léo Assmann, que testemunhou raro momento de pânico. Lelê simulou um arremesso perto da janela do quarto e viu o anel de campeão voar. A peça metálica se perdeu no breu da noite.

– Diego, pelo amor de Deus, me arruma outro anel. Eu pago, dou um jeito, mas preciso ter o anel – implorou o ala-pivô ao diretor de basquete.

A situação mobilizou o time, que desceu para procurar o anel com a ajuda das lanternas dos celulares. A busca deu resultado. A peça repousava arranhada e amassada no chão. O incidente sensibilizou Diego. O

diretor providenciou outro anel para Lelê, que encarou sereno as mais de nove horas de viagem até Santa Cruz, onde a comemoração prosseguiu pela semana com o tour da taça. O elenco levou o troféu até os patrocinadores como forma de agradecimento. Já no fim de semana seguinte, Cafferata e Ícaro cumpriram a promessa assumida nas finais. A dupla afirmou que, em caso de título, iria ao topo do Cerro do Botuca-raí, a 569 metros acima do nível do mar, localizado na cidade de Candelária. “Promessa cumprida”, registrou o gringo no Instagram.

Agosto corintiano

Associado pela sabedoria popular a tragédias e azares há milênios, agosto corria para confirmar a Diego Puntel a fama de mês do desgosto. O dirigente colecionava tentativas frustradas de fechar patrocínios. As tratativas para renovar o apoio da Stock Med fracassaram e, a uma semana do prazo final para formalizar o ingresso no NBB, o União Corinthians buscava ao menos dois apoiadores. Do escritório, no segundo andar do prédio da sua empresa, Diego disparava ligações, mensagens de áudio e e-mails para empresas país afora. Lelê, de férias em Limeira, tentava atrair interessados para o projeto.

Se conseguisse o patrocinador máster, o diretor de basquete levaria adiante o sonho do NBB, pois havia outras fontes de receita obtidas por meio de leis de incentivo e de editais do Comitê Brasileiro de Clubes (CBC) – os projetos aprovados foram elaborados sob a batuta do contador Lucas Arêas de Marco a fim de financiar formação de atletas e melhorias no Alçapão. A prefeitura assegurou reformas no Poli, além de ambulância nos dias de jogos e de enfermeiros para realização dos testes RT-PCR obrigatórios. Diego estimava em cerca de R\$ 1 milhão o apoio do município. O conselho da LNB, formado por executivos próprios e representantes dos clubes, pretendia definir na terça-feira, 17 de agosto, os participantes da 14ª edição do NBB.

A dificuldade para conseguir as garantias financeiras empurrou o prazo para sexta. Mais três dias para tentar. Ainda na terça, Diego reforçou o grito por apoio. Na rádio Gazeta, projetou em R\$ 1,8 milhão o investimento mínimo para entrar no campeonato e lembrou o sucesso da parceria entre Pitt e Corinthians. Ainda destacou que quase todos os jo-

gos seriam transmitidos por canais de TV (ESPN e TV Cultura) ou plataformas na internet (YouTube e Facebook).

– Estamos organizados, prontos para voltar à elite. Santa Cruz merece.

A quarta-feira chegou sem novidades. O cartola desabafou com o irmão, Gabriel, e conversou com a jornalista Ana Cristina Santos. Deu a orientação que lutou para evitar.

– Ana, pode preparar o texto informando que nós não vamos para o NBB.

Diego entendia ter feito sua parte com a organização das categorias de base e o título do Campeonato Brasileiro da CBB. Planejava, inclusive, entregar o cargo, para o qual não recebia salário. O diálogo com a esposa, Fabiane, mudou seus planos.

– Vai tentar só uma vez? Tu não é de desistir assim. Se não der este ano, tenta mais um – disse a companheira.

O executivo pediu a Ana Cristina o contato do empresário Geferson Tolotti, fundador e presidente do conselho da Medlive Produtos Médico-Hospitalares. Falou com Roberto Arend, executivo da empresa de logística, e ouviu o pedido para chegar em 10 minutos à sede da companhia, em Vera Cruz, cidade vizinha a Santa Cruz. Avisou Fabiane que ela teria de buscar os filhos na escola, entrou no carro e cumpriu os 11 quilômetros de trajeto. No caminho, ligou para Athos, que comandava treinos no Alçapão.

– Reza, que estou indo agora a Vera Cruz para tentar fechar o patrocínio.

A conversa com Tolotti terminou sem acerto para o patrocínio máster, mas deixou fresta de esperança. Tolotti telefonou para Diego ainda na quarta, quando o diretor saía do supermercado. Repassou o contato de Flávio Simões, proprietário da Luvix, empresa de luvas, máscaras e aventais médicos. O dirigente já havia ouvido um não de Flávio – empresário carioca de 38 anos, braços e pescoço tatuados – e refez o contato. Havia um padrinho. A Medlive era cliente da companhia com sede em São Paulo e filial no Rio de Janeiro. Flávio informou que daria resposta na quinta-feira, véspera do prazo final do NBB. Na manhã seguinte, disse que não teria os R\$ 2 milhões pedidos por Diego. Ao meio-dia, ligou outra vez. Ofereceu um valor inferior para batizar o time.

– É pegar ou largar – disse.

– Pegar. Passa teus dados que vou começar a redigir o contrato.

A cesta de patrocinadores assegurava ao Luvix/União Corinthians mais de R\$ 1 milhão para a temporada. Faltava pouco. Diego deu a cartada final no enésimo pedido à metalúrgica Mor, empresa santacruzense com seis décadas de produção e venda de artigos para casa, camping e lazer, famosa por comercializar espetos, cadeiras de praia e piscinas. Com mais de 2,5 mil funcionários na alta temporada, fábrica na cidade gaúcha e unidades em Pernambuco e no Rio, a Mor faturava acima de R\$ 1 bilhão por ano, porém, evitava patrocínios vultuosos no esporte. O cartola corintiano enviou mensagens por volta das 13h30 a Valmor Konzen, CEO da empresa, e a André Backes Filho, diretor de finanças e um dos filhos do presidente da companhia, André Backes.

– Pegou o seu André no dia certo – respondeu Valmor às 16h.

Diego chamou Athos para dar a boa notícia. O técnico subiu apressado as escadas do escritório, mobiliado com móveis em tom de nogueira, e sentou-se em frente ao parceiro. Observou o vai e vem das minutas com os advogados do clube e das empresas. Contratos prontos e assinados, às 15h40 da sexta-feira os perfis do UniCo nas redes sociais anunciaram: “Aguenta coração! Comprovações enviadas para Liga Nacional!”. A informação correu grupos de WhatsApp. Léo Assmann arregalou os olhos quando leu a publicação. “Meu Deus, vai ter NBB”, pensou o ala, que postou: “Eu vou enfartar”. Sorrisos permanentes nos rostos, Diego e Athos se olhavam incrédulos. Nos segundos finais, prestes a desistirem, conseguiram as garantias de R\$ 1,8 milhão.

– Cara, está acontecendo – emocionou-se o técnico.

Athos recordava dos anos de sonho solitário na quadra do Alçapão, implorando por alguém disposto a organizar ou a investir na retomada. Esse alguém apareceu em 2017 e, às 17h30 do dia 20 de agosto, entrou na reunião virtual do conselho da LNB. Diego espelhou a imagem do encontro em uma TV. Integrante do colegiado, Kouros Monadjemi, ex-atleta e dirigente do Minas Tênis, informou o aceite das garantias e colocou em votação a entrada do clube gaúcho na liga e no NBB. Sem objeções, anunciou:

– Diego, seja bem-vindo à Liga Nacional de Basquete.

Os caminhos da elite

O aval da LNB ao recém-batizado Luvix/União Corinthians ganhou as redes sociais às 19h05 da sexta-feira. “Confirmado!”, estamparam os perfis do clube. “AGORA É NBB! Obtivemos a aprovação pelo conselho da Liga Nacional! Sexxxxxxtouuu!”. Passados 19 anos, o basquete santa-cruzeiro regressava à primeira divisão. Retorno para estreiar no NBB, cuja primeira edição foi disputada em 2009. A notícia deu a largada à corrida da formação do elenco. Outra vez o tempo era curto. A abertura da competição foi marcada para 23 de outubro. Nove semanas para fechar contratações e realizar a pré-temporada, já iniciada pela maior parte dos concorrentes.

A LNB anunciou a 14ª edição do NBB com 17 equipes de sete estados e do Distrito Federal, torneio com patrocínios da Budweiser, SKY, Nike, Penalty, EY, Betmotion, IMG Arena e Genius Sports. Com KTO/Caxias do Sul e UniCo, o Rio Grande do Sul voltou a ter dois representantes na elite depois de 22 anos – Ulbra e Corinthians disputaram a Liga Nacional de 1999.

O regulamento estabeleceu grupo único, com partidas em turno e retorno, classificando-se, após 32 rodadas, os 12 primeiros. O formato previu passagem direta dos quatro melhores às quartas de finais, no aguardo dos vencedores dos primeiros playoffs (5º x 12º, 6º x 11º, 7º x 10º e 8º x 9º). A LNB definiu séries de melhor de três jogos até as quartas e de melhor de cinco nas semifinais e finais. O campeão sairia em maio de 2022.

Para tornar o primeiro turno mais atrativo, a organização confirmou a Copa Super 8, em janeiro de 2022, com a participação dos oito melhores colocados, dando ao campeão vaga na Basketball Champions League Américas, principal competição do continente. Em razão dos investimentos, Flamengo (RJ), Franca (SP), São Paulo (SP) e Minas Tênis (MG) pintaram como favoritos aos dois títulos. No caso do NBB, Bauru Basket (SP), Unifacisa (PB), Pinheiros (SP), Paulistano (SP) e Brasília (DF) deveriam classificar aos playoffs, com as três vagas restantes disputadas por Corinthians Paulista (SP), Fortaleza Basquete Cearense (CE), Mogi das Cruzes (SP), Rio Claro (SP), Pato Branco (PR), Cerrado (DF), Caxias e UniCo.

Athos e Diego assumiram o risco de figurar nas últimas posições, sabiam que dispunham de um dos menores orçamentos do torneio – o salário de um jogador badalado de Flamengo ou Franca pagaria toda a folha mensal dos santa-cruzenses. Contudo, confiavam na simbiose entre time e torcida para ir aos playoffs.

– Vamos perseguir esse objetivo até o final – afiançou Athos.

O técnico projetou de 14 a 17 peças no elenco, mirou a base e os atletas disponíveis no mercado. Como a fase inicial da LDB, torneio sub-22, terminou em agosto com a eliminação corintiana, Athos tinha em forma ao menos cinco jovens. Sabia que o pivô Malachias e o alapivô João Marcos auxiliariam na rotação, bem como o ala Salatiel Dal Bo Hlawatsch, 2m01 e 104 quilos, contratado depois de atuar no Brasileirão da CBB pelo Botafogo. Catarinense, o lateral de vasta cabeleira encaracolada, cavanhaque e nome bíblico, rodou, além do Glorioso, por Praia Clube (MG), São José dos Pinhás (SP), Rio Claro e Liga Sorocabana. Athos também abriu espaço ao uruguaio Rafael Previatti, lateral canhoto de 2m de altura e com passagem por seleção e pelo Mogi. Natural de Artigas, na fronteira com o Brasil, ele tinha dupla nacionalidade por ser filho de brasileiro.

O quinto garoto escolhido foi o armador Sérgio Montipó, que integrou o elenco no Campeonato Brasileiro da CBB. Aos 19 anos, o jovem de 1m83 e cabelos castanhos vivia o sonho de se tornar atleta profissional. Trocou Santa Maria, a 145 quilômetros de distância, por Santa Cruz. Destaque na base, ganhou chance no Brasileirão. O guri telefonou para o pai, o engenheiro Sérgio Augusto Vasquevite Montipó, para contar a novidade. Pediu a sugestão de um número. Ouviu 33, a idade atribuída a Jesus Cristo quando foi crucificado e ressuscitou. Trajando a regata 33, o armador ganhou seu anel de campeão e ainda conquistou o título gaúcho sub-19. Em agosto de 2021, treinava nas quadras do parque da Oktoberfest ao ouvir o novo chamado de Athos.

– Tu vais treinar com o time do NBB. Foca e aprende o máximo que puder.

Mais uma vez o armador apanhou o celular para falar com o pai.

– Vou treinar com o time do NBB. É um sonho de criança, pai.



Destaque na base, Serginho Montipó subiu para o time adulto

Renovações

O dueto entre Luvix e União Corinthians foi apresentado à comunidade em 2 de setembro, no Palacinho. A prefeita Helena Hermany, uma senhora de dourados cabelos curtos e límpidos olhos azuis, empenhava-se para impulsionar a retomada do basquete que, além de visibilidade à cidade e à gestão, ajudava a movimentar a economia local. Helena recebeu secretários municipais, a cúpula corintiana, jornalistas e patrocinadores para o anúncio oficial. Todos devidamente apresentados com caixas de máscaras da nova patrocinadora máster, representada no encontro pela gerente comercial Natália Martins.

– Somos uma empresa de quase cinco anos no mercado de produtos médico-hospitalares e, além de cuidar das pessoas, pensamos em cuidar da saúde, incentivar o esporte e trazer a alegria de volta para a cidade – discursou.

Mor e Medlive também entraram no time de patrocinadores, que seguiu com a participação de KTO, Cristallux e Unisc, além do apoio da prefeitura. A celebração das parcerias teve vídeo com cenas e narrações dos títulos de 1994 e 2021 e as logomarcas das empresas. Athos foi ao evento. À época, dedicava boa parte do dia a contatos com agentes e análise de vídeos e escaltes de atletas. Contava com cinco garotos do sub-22, e viu Diego acertar as permanências de Léo Assmann e Ícaro, que moravam em Santa Cruz. Peça-chave do time, Ícaro definiu salários e horários de treinos a fim de conciliar a rotina de atleta com a de consultor imobiliário. O desejo de disputar a principal competição do país pelo clube da sua cidade facilitou a negociação. O pivô paulista Lelê também renovou sem dificuldade. Diferente de Rafael Paulichi e de Ralfi Ansaloni. Os dois desejavam ficar, porém, a demora para confirmar a presença no NBB inviabilizou os acordos.

– Não temos nada certo. Se tem boa proposta, aceita – aconselhou Athos a Paulichi, que assinou com o Pato Branco. Ansaloni fechou com o Fortaleza.

Enzo Cafferata ouviu proposta do Pinheiros e de um clube argentino, além de sondagens, mas deixou as semanas correrem, enquanto reencontrou a família em Lincoln e Buenos Aires. O capitão sentia-se bem na cidade gaúcha e acreditava que seria titular. Essa convicção acelerou o novo contrato. O armador voltou a Santa Cruz acompanhado do conterrâneo e colega de posição Lucas Machuca. Athos buscou em Córdoba o estrangeiro de 29 anos, 1m81 e 75 quilos, nariz largo, cabelos pretos, sobrancelhas espessas e lábios grossos, criado em uma família de armadores – ele e os irmãos Jonatan e Enzo eram profissionais.

O treinador conhecia o reforço dos torneios de seleções e aprovou a indicação do atleta após boa performance na Liga Nacional da Argentina pelo Atenas de Córdoba. Com média de 8,7 pontos e 2,7 assistências em 39 jogos, foi decisivo para manter a equipe na primeira divisão. Calado e compenetrado, Machuca vivia momento de ascensão. Revelado no clube Barrio Maipú, debutou na categoria principal no Juventud Sionista e encarou 10 anos de périplo pela segunda e terceira divisões até voltar à elite pelo Atenas. Sentia-se pronto para desbravar as quadras brasileiras.

Sonho antigo

Em 1996 e 1997, um menino de canelas finas, braços compridos e cabelos castanhos chegava cedo ao Poliesportivo nos dias de jogos da Pony/Corinthians. Com os pequenos olhos escuros faiscando e acompanhado do radinho de pilha, Guilherme Frantz Teichmann ouvia as jornadas esportivas, enquanto observava o aquecimento de Marc Brown, Alvin Frederick, Marvin Andrews, Pipoka, Josuel, Rolando e João Batista. Prestava atenção nos movimentos. Queria ser igual aos ídolos. O garoto, que colecionava recortes do jornal Gazeta do Sul sobre o time, consolidou o desejo de ser jogador ao presenciar treinos e partidas da geração duas vezes vice-campeã brasileira.

À época, Teichmann chamava atenção nos times de base do próprio Corinthians. Aos 14 anos, deu a primeira enterrada. Durante um jogo em Lajeado, após ver que passou do aro ao fazer uma bandeja, arriscou no lance seguinte e conseguiu. Festa e prenúncio do que viria. Catarinense de Concórdia, ele se mudou para Santa Cruz, cidade dos pais Vera e Hilton, aos oito anos. Incentivado a praticar esportes, escolheu o basquete impulsionado pelo clima local e pelo pai, ex-jogador tricolor, conhecido por Mamute.

O talento combinado ao esforço levou o menino para o Monte Líbano e para o Vasco da Gama. Em 2001, como ala-pivô, integrou o elenco do Vasco, campeão brasileiro com Helinho, Demétrius, Rogério Klafke, Sandro Varejão, Janjão e Nenê. A jovem revelação dividia alojamento com Nenê, que na sequência seguiu para NBA.

Pelo Vasco, Teichmann enfrentou o Corinthians no Poli. Ele desejava defender o time que o inspirou, mas a despedida santa-cruzense da Liga e os novos rumos da carreira arquivaram o plano. Por intermédio de Alexey, cestinha corintiano com Ary Vidal, o jovem de 2m03 atuou por duas temporadas no South Plains College, em Levelland, no Texas, e por mais duas na universidade de Tulsa, em Oklahoma, onde disputou a NCAA e se graduou em marketing. Em 2005, voltou ao Brasil pelo Universo de Goiânia, seguindo para Limeira, onde foi campeão paulista em 2009 com atuação arrasadora na prorrogação do jogo que encerrou a série contra Franca. Impressionou pela inteligência e facilidade de enterrar. Ganhou o codinome de

ShowTeichmann e alcançou a seleção brasileira campeã dos Jogos Pan-Americanos de 2007, no Rio de Janeiro.



Fã do Corinthians na infância, Teichmann finalmente defendeu o time do coração

Teichmann estava entre as estrelas da Winner/Limeira na estreia do NBB. Em 2021, era um dos poucos atletas presentes nas 13 edições do campeonato. Um andarilho das quadras que jogou por Flamengo, Franca, Rio Claro, Minas Tênis, Corinthians Paulista e Pinheiros. Em 398 jogos, anotou 3.058 pontos, 2.386 rebotes, 839 assistências, 502 bolas recuperadas, 341 tocos e 330 enterradas. Encerrou a temporada de 2020-2021 como líder em tocos e vice-líder em enterradas na história do certame. O ala-pivô ainda superou um tumor testicular, colecionou três títulos cariocas, um vice do NBB e dois vices paulista e da Liga Sul-Americana. Focado e exigente, desenvolveu perfil de liderança e presidiu a Associação de Atletas da Liga Nacional (AAPB).

Aos 38 anos, com fios grisalhos no cabelo e na barba, Teichmann planejava os últimos atos em quadra. Acreditava ter gás para mais duas ou três temporadas. Como o Pinheiros ficou de fora dos playoffs do

NBB, acertou com o Villa San Martín, clube da segunda divisão argentina. Ficou dois meses, classificou à final da conferência, porém perdeu a série para o Unión de Santa Fé, que conquistou o acesso. O atleta voltou em julho a Santa Cruz, roteiro anual de descanso na casa dos pais, acompanhado da esposa Renata e dos filhos, os gêmeos Fernando e Mateus, de quatro anos, e o caçula Gustavo, de três.

O período de férias foi diferente. Havia a chance de tirar da gaveta um sonho juvenil considerado sepultado. O ala-pivô, que aconselhava o projeto de retomada, vivia a expectativa de ser procurado por Athos e Diego. Contato feito em agosto.

– Vamos jogar de fato, deu certo. Ainda está disponível? – sondou Athos.

Santa-cruzeiro de coração, o veterano deu preferência ao UniCo. Em conversa com Diego, aceitou reduzir o padrão salarial e assinou o contrato que pensou que jamais assinaria. No crepúsculo da carreira, acertou defender o clube que o fez amar o basquete. Após duas décadas e meia, Teichmann, enfim, voltou para casa.

Gaúchos na Espanha

– Sou o Gruber de Santa Rosa.

– Sou o Léo de Santo Ângelo.

O diálogo entre Luis Felipe Gruber e Leonardo Klassmann Waszkiewicz ocorreu em Valladolid, cidade espanhola onde viveu Miguel de Cervantes, autor do clássico da literatura *Dom Quixote*. Os gaúchos, que cresceram em cidades separadas por 56 quilômetros, na região das Missões, conheceram-se do outro lado do Atlântico. Foi o primeiro de muitos encontros motivados pelo basquete. Os gigantes Gruber, então com 23 anos, e Leozão, 19, migraram adolescentes após se destacarem por Grêmio Náutico União e Bira, respectivamente. Em 2009, peleavam na série Ouro da Liga Espanhola, a segunda divisão da modalidade, pelo Ford Burgos e pelo CB Valladolid – a equipe de Leozão venceu e subiu à elite, a Liga ACB. O santo-angelense só soube que o ala-pivô da equipe rival era conterrâneo ao ser procurado por ele no vestiário. Trocaram telefones, mas só voltaram a se falar dois anos depois em Uberlândia, como colegas de time.

Para Gruber, a saga que o levou a conhecer Leozão na Espanha teve influência direta do Corinthians do Ary Vidal. Ainda criança, ele se encantou pelo basquete ao ver uma exibição tricolor em Santa Rosa. O menino assistiu ao jogo no ginásio do colégio Dom Bosco, onde estudava e lecionava a mãe, Ieda, e depois jantou acompanhado do pai, João Luiz, com a delegação santa-cruzense no Clube Concórdia. Ficou admirado ao ver os atletas, em especial os norte-americanos. A experiência o fez deixar de lado o futebol e a intenção de um dia vestir a camisa do Internacional.

– Pai, não quero mais jogar futebol. Acho que gosto mais de basquete.

O menino com os dentes frontais levemente separados e de cabelos pretos e espetados no topete se tornou fominha. Passava tardes nas quadras do Dom Bosco. Jogava sozinho, em dupla, trio ou quinteto. Aos 13 anos, foi levado a Porto Alegre pelo pai para atuar no União. Ficou sob a guarda do técnico João Niederauer e conquistou títulos de base. Aos 17, pintaram os testes na Espanha, na primeira viagem internacional de avião. Aprovado, Gruber assinou com o Lucentum de Alicante. O passaporte italiano, obtido via família materna, facilitou a negociação, já que o gaúcho não contava como estrangeiro por ter nacionalidade de um país da União Europeia.

Braços longos, Gruber bateu 2m05 de altura e 104 quilos. Destacou-se por ser versátil, capaz de brigar no garrafão e de chutar de três pontos. Ficou sete anos na Espanha, período no qual chegou às seleções brasileiras sub-21 e principal, com atuações nas três principais divisões. Também jogou por Pamesa Castellon, Llíria, Cáceres, Ford Burgos e UB La Palma. A fase ibérica da carreira se encerrou aos 25 anos, em setembro de 2010. A crise financeira no país fechou equipes e as propostas atrasaram. Gruber, que conversava com o técnico Alberto Bial, aceitou treinar com o Joinville. A experiência deu certo. O gaúcho debutou no NBB com média de 11,9 pontos e 5,3 rebotes em 30 jogos, desempenho percebido por Fernando Larralde, que o levou para o Uniri/Uberlândia.

Gruber ficou quatro anos em Minas Gerais. Destaque para 2013, quando conquistou o vice do NBB ao lado de Leozão e de Audrei, irmão de Ícaro. Depois, o ala-pivô seguiu para o Paulistano, reeditou a parceria com Leozão e Audrei no Basquete Cearense, passou por Franca e ficou três temporadas em Mogi das Cruzes. Em 11 edições do

NBB e 310 jogos oficiais, Gruber cravou 3.607 pontos, 1.364 rebotes, 379 assistências, 209 tocos e 130 enterradas, com um terço de acerto nos chutes de três. Foi convocado para a seleção e superou duas lesões graves – rompeu o tendão de Aquiles do pé esquerdo e o ligamento cruzado anterior do joelho esquerdo. Em agosto de 2021, aos 36 anos, ouviu a proposta de Diego para defender, pela primeira vez como profissional, um clube gaúcho. O selecionável estava em Santa Rosa com a esposa Anise e os filhos Beatriz e Thomas.

Como as crianças frequentavam a escola, a oportunidade agradou. O casal, junto desde os anos na Espanha, não queria forçar outra adaptação dos filhos. O ala-pivô decidiu ficar até dezembro em Santa Cruz, enquanto mulher e filhos permaneceriam em Santa Rosa. Assim, fechou com o Luvix/União Corinthians. Para ter uma nova parceria com Leozão.



Amigos fora de quadra, Gruber e Leozão voltaram a atuar juntos

Contrato de risco

Leozão aceitou um contrato de risco para realizar o sonho de defender um clube gaúcho no NBB. Aos 32 anos, o parrudo pivô de 2m10 e 120 quilos, que chamava os amigos de “mano véio” e ouvia música nativista antes dos jogos, viu no UniCo a chance de preencher a lacuna no currículo que trazia experiência na Europa, passagem pela seleção brasileira e nove temporadas na elite do basquete nacional. Gigante careca e de olhos verdes, o gaúcho franco e de sotaque carregado, descendente de alemães e poloneses, recuperava-se de duas cirurgias no joelho esquerdo para retirada do menisco e de um cisto. Sentiu a lesão em janeiro de 2021, quando defendia o Unifacisa. Tentou voltar, mas as dores se impuseram.

A segunda cirurgia adiou o retorno para 2022. Sem clube, Leozão gostou da sondagem feita por Ícaro. Athos e Diego buscavam um pivô clássico e topavam esperar até janeiro, no segundo turno do NBB. Diego propôs moradia e alimentação durante o tratamento. Depois de recuperado, o atleta receberia salários.

– Eu aceito. Sempre quis jogar no Rio Grande do Sul. Eu teria que fazer algo parecido com outro clube. Prefiro fazer em um time daqui – disse Leozão.

O pivô sentia o dever de incentivar o basquete gaúcho. Lembrou da própria trajetória, que teve capítulo importante em Santa Cruz. Foi no Poliesportivo que ele chamou atenção. Aos 15 anos, o futebolista Léo entrou no time de basquete do Colégio das Missões, que disputou jogos escolares estaduais. Impressionou pela altura e ouviu propostas do Corinthians e do Ceat/Bira. Viajou com os pais Pedro e Stella até Lajeado a convite do técnico Clairton Wachholz, o Xis. Ficou em Lajeado, ingressou na equipe adulta do Bira e migrou para o Pinheiros, trampolim para a Espanha no final de 2007.

O Club Baloncesto Valladolid, pelo qual jogaram craques como Oscar Schmidt e o lituano Arvydas Sabonis, apostou no jovem gaúcho. Trajado com a regata violeta do clube, Leozão conquistou a LEB Oro e disputou a Liga ACB. Enfrentou ex e futuros nomes da NBA e estrelas de seleções. Após, desceu para o Óbila na terceira divisão. A crise financeira bateu, os salários atrasaram e o pivô retornou ao Brasil. De-

sembarcou em 2011 no Unitri/Uberlândia para três temporadas ao lado de Gruber.

O estilo vibrante caiu nas graças da torcida, bem como as comemorações de tocos e enterradas de braços abertos, com um aviãozinho inspirado em Romário, craque dos gramados. Leozão decolou. Defendeu a seleção, foi vice do NBB, seguiu para Franca, ficou três anos no Basquete Cearense, um no Minas Tênis e um no Unifacisa – ainda conquistou um vice gaúcho pelo Sojão. Foi indicado ao prêmio de melhor pivô do NBB, ganhou troféu de reboteiro da temporada (2017-2018) e estabeleceu o recorde de rebotes em uma partida do torneio – 24 contra o Campo Mourão em 2018.

Ainda entrou no programa de atletas de alto rendimento das Forças Armadas, jogou pelo Exército uma Olimpíada Militar e passou no edital da Força Aérea (FAB). Por isso, o terceiro-sargento Waszkiewicz entrava em quadra com o sabre alado, que identifica a FAB, tatuado no ombro direito, ritual que pretendia dar sequência no Luvix/União Corinthians.

Inspirado pela filha Helena, de três anos, e pela esposa Gabriela, desejava retomar a carreira. Leozão dedicou cada dia do tratamento pós-cirurgias para que as meninas pudessem vê-lo em ação. Motivação decisiva para o santo-angelense aceitar o contrato de risco.

A nova dupla

Athos procurou uma dupla de norte-americanos para fechar o elenco de estreia do NBB. Contatou empresários a fim de vasculhar o mercado atrás do dueto que carregaria a responsabilidade de elevar a pontuação do time e de honrar as trajetórias de compatriotas que se tornaram ídolos em Santa Cruz. As equipes do NBB importavam norte-americanos com a missão de desequilibrar. Porém, no caso de novatos, era um negócio incerto por se tratarem de reforços desconhecidos, cujas virtudes e defeitos só poderiam ser detectados por meio de vídeos e de estatísticas. Athos informou aos agentes a condição de pagar US\$ 1 mil (cerca de R\$ 5,5 mil pelo câmbio da época) mensais para cada norte-americano. Ele recebeu listas de nomes, com respectivos vídeos e dados. Ficou horas no computador a analisar jogos completos. Gostou de dois ala-pivôs de 24 anos de idade, 2m de altura e 95 quilos,

que mostraram na liga universitária bom poder de fogo nas bolas de três pontos. Ambos ainda estavam com a documentação do visto de trabalho encaminhada. Assim, o técnico fechou com Mike Simms e Grantham Gillard.

A dupla repetiu Brent, que em 1993 trocou Seattle por Santa Cruz para ter a primeira experiência profissional e abrir as portas do mercado latino. Mike Lakeith Simms, o Kello, migrou sem receios. Considerava-se um obstinado. Natural de Richmond, na Virgínia, embarcou para o Brasil como o primeiro integrante da família com diploma universitário. Atuou por três temporadas na NCCA pela Virginia Commonwealth University (VCU), onde se formou em Sociologia. Repetia que estabeleceu um padrão a ser desafiado pelos quatro irmãos e futuros filhos.

– Quero ter certeza de que todos são melhores do que eu, de que meus filhos e meus irmãos busquem ser melhores do que eu – afirmou ao jornal da universidade.

Ganhar a bolsa e a vaga no time da VCU, os Rams (Carneiros), foi uma meta traçada por Simms na infância. Queria jogar na equipe da sua cidade. Kello se apaixonou pela bola laranja ao assistir aos vídeos do And1, icônica trupe de basquete de rua. As repetições para tentar imitar Philip “Hot Sauce” Champion e Larry “Bone Collector” Williams fizeram o menino dominar os fundamentos do esporte. A habilidade aos quatro anos impressionou os pais, Lorez e Bennika – ele, ex-basqueteiro na escola e na liga semiprofissional da associação norte-americana (ABA). Destaque da Highland Springs High School, Mike teve convites de universidades da segunda e terceira divisões. Seu objetivo era a primeira, era a VCU. Foi para escola preparatória na Carolina do Norte, seguiu para a Cowley College, em Arkansas, e se mostrou um arremessador eficiente.

Enfim, ouviu o chamado de Mike Rhoades, técnico dos Rams. De 2017 a 2020, a torcida se identificou com o ala de cabelo black espetado ou com tranças nagô, barba cheia ao estilo LeBron James e braços tatuados, que vestia o número 1 por causa do astro da NBA Tracy McGrady, o T-Mac. Kello incendiava partidas ao sair do banco e cravou em três temporadas (97 jogos) média de 5,5 pontos, uma assistência e 2,4 rebotes por partida.

Gillard também migrou a fim de manter o sonho de viver do basquete, após ser destaque na divisão principal da NCCA dos lobos vermelhos da Arizona State University, em Jonesboro, Arkansas. Em duas

temporadas, de 2017 a 2019, o ala contabilizou em 62 jogos média de 9,4 pontos, uma assistência e 4,7 rebotes. Rosto de maçãs fortes, sorriso largo, penteado black power raspado à zero nas laterais e cavanhaque, trajou a regata 10 em memória da irmã Gabrielle, que faleceu aos 10 anos, antes de Gillard nascer. Chamado de G, o ala de Minnesota cresceu em uma família religiosa e fã de esportes. O pai, Bruce, jogou futebol americano, esporte que Grantham dividiu com o basquete até o ensino médio.

Ele defendeu a Eden Prairie High School e depois jogou ao lado do irmão Garrison pelos Northwest College, em Wyoming. Na sequência, ficou um ano na South Plains College, no Texas, última parada antes da Arizona State. Graduado em Estudos Gerais em 2019, teve os planos de se profissionalizar paralisados pela pandemia. Quase desistiu, mas perseverou. “Deus é grande”, escreveu no Twitter ao anunciar sua chegada ao Brasil.

Os 15 escolhidos de Athos

O torcedor conheceu o elenco do retorno à divisão principal do basquete na noite de terça-feira, 5 de outubro, ainda sem a presença dos norte-americanos – anunciados na ocasião com direito a vídeos da NCAA em um telão. Novo evento no Palacinho para apresentar os 15 nomes do Luvix/União Corinthians: Enzo Cafferata, Lucas Machuca, Ícaro Parisotto, Léo Assmann, Serginho Montipó, Mike Simms, Grantham Gillard, Rafael Previatti, João Marcos, Salatiel, Malachias, Lelê, Teichmann, Gruber e Leozão.

Com sete remanescentes do Brasileiro, Athos e Diego formaram elenco mais experiente e mais alto – a média de idade subiu de 23 para 26,5 anos e a de altura de 1m94 para 1m96. Um grupo com 10 brasileiros, dois norte-americanos, dois argentinos e um uruguaio, sendo cinco atletas sub-22 e quatro destaques acima dos 30 anos, três com passagem pela seleção. A folha de pagamento ficou na faixa de R\$ 80 mil mensais, com teto salarial de cerca de R\$ 13 mil. Equipes como Flamengo, Franca e São Paulo contrataram jogadores que, sozinhos, ganhavam mais do que os 15 corintianos juntos.

– Montamos um elenco qualificado. Trouxemos jogadores experientes, rodados no cenário internacional, que quiseram abraçar o nosso projeto – discursou Athos.

O técnico manteve na comissão Alexandre “Tuba” Kessler na preparação física; Leandro “Vermelho” Buboltz de auxiliar; Luciano Hillesheim de mordomo; Fernando Larralde como supervisor; e Gustavo “Farofa” Kniphoff na chefia da fisioterapia. Jean Pierre Priebe e João Kessler, escudeiros de Farofa, reforçaram o grupo, que ganhou Camilo Gonzatti, um dos garotos do elenco campeão do CBB. O elenco treinava desde 15 de setembro para ter condições de estreiar no NBB em 25 de outubro diante do fortíssimo Minas Tênis no Poliesportivo. Na rodada seguinte, também em casa, embate contra o campeão Flamengo. A tabela previu duas pedreiras de saída. Era preciso correr.



Elenco do Luvix/União Corinthians na estreia no NBB

A demora para confirmar o NBB impediu a pré-temporada ideal, com ao menos oito semanas. Tuba montou com Athos um programa de cinco semanas para deixar no mesmo nível físico atletas em estágios diferentes. Os trintões teriam de suportar muito tempo em quadra nos seis meses de competição, enquanto os jovens fariam a rotação. Conforme fechavam o contrato, os reforços recebiam um guia de treinos caseiros com vídeos feitos por Alexandre. Foi o jeito para ganhar tempo até o começo das ações presenciais em três turnos. O grupo realizou muscu-

lação para priorizar força e prevenir lesões e, ainda, trabalhou potência e velocidade em meio aos exercícios táticos e técnicos.

Athos e Alexandre só tiveram o elenco completo a partir de 7 de outubro, a menos de três semanas da estreia, com as chegadas de Simms e Gillard. Os norte-americanos seguiam há um mês o programa de Tuba, que gostou da capacidade física dos dois. Eles se integraram à rotina de um time formado às pressas. Conhecedor do torcedor santa-cruzeiro, Athos estabeleceu um mantra repassado aos atletas:

– Os jogos em casa nós podemos até perder, mas vão ver que demos o máximo.

Véspera

A três dias da estreia, jogadores e comissão técnica se posicionaram em semicírculo no meio da quadra do Poliesportivo para a foto oficial da temporada e para apresentação dos novos uniformes, assinados pela agência de comunicação Clube de Mídia e produzidos pela SS Sports. Dominada pelo verde, a regata principal ganhou ao centro três listras finas na horizontal em vermelho, branco e azul, com o número em azul no meio. Acima das listras, a inscrição “U.Corinthians” e, ao lado esquerdo do peito, o símbolo do clube. A bermuda reproduziu o predomínio verde.

– A ideia do uniforme foi trazer uma camisa mais clean, que valoriza as cores do clube e retoma o tradicional verde, mais próximo ao tom que ganhou o Brasil no campeonato de 1994 – explicou o diretor de arte do Clube de Mídia, Augusto Furtado, que contou com o apoio da redatora Tamiris Soares e da consultora Tayná Morsch.

O uniforme reserva ficou com o mesmo design, porém todo branco e com detalhes em verde e azul. Simms e Gillard mantiveram os números 1 e 10 da universidade. Cafferata (5), Ícaro (7), Malachias (31), Léo (4), João Marcos (2) e Serginho (33) seguiram com a numeração do campeonato da CBB. Lelê assumiu a 9 e Teichmann vestiu a 11, as regatas de Brent e Alvin no título de 1994. Salitel ganhou a 15, Gruber a 14 e Machuca a 17. Ausente no lançamento, Leozão virou o camisa 21.

Ícaro participou da sessão de fotos como desfalque. Dois dias antes, ele lesionou o ombro esquerdo durante jogo-treino contra o KTO/Caxias. Tentou o drible, levou um esbarrão e, ao cair, apoiou a mão no chão.

O movimento rompeu o labrum do ombro. A dor aguda o tirou do teste vencido por 84 a 82 e colocou uma interrogação na temporada.

– É caso de cirurgia – sentenciou o ortopedista e traumatologista Abel Ranzzi.

– Quanto tempo de recuperação, doutor? – indagou o lateral.

– Em média, seis meses.

– Se operar, perco o campeonato – concluiu o ala.

Ícaro questionou se havia tratamento com fisioterapia. Ouviu que sim, mas foi alertado sobre o risco de outro tombo piorar a lesão, exigindo cirurgia mais complexa. Ele decidiu domar as dores para, em oito semanas, estrear no NBB pelo time da sua cidade. A lesão atrapalhou os planos de Athos, que apostava na frieza e perícia do camisa 7. O técnico lutava para que a emoção não lhe atrapalhasse. Na semana anterior à estreia, relembrou as décadas de trajetória, dos anos em que ficou no Alçapão a “sonhar sozinho” com a retomada. Cena citada pelo garoto da base Mateus Koefender.

– Athos, estou desde os 16 anos aqui. Lembro que tu falavas que um dia a gente ia jogar o NBB. Achei maluquice, mas acreditei – disse o jovem de 19 anos.

Athos insistia com os atletas para que cada treino fosse qualificado, porque isso um dia levaria todos ao NBB. Esse dia se aproximava. Na véspera, o Poli recebeu adesivos na quadra, novas tabelas e novo placar eletrônico. Um ginásio rebatizado. Após aval da Câmara de Vereadores, a prefeita Helena Hermany inaugurou a placa que oficializou a praça de jogos como Ginásio Poliesportivo Prefeito Arno João Frantz – Arnão. A casa do basquete recebeu o nome do prefeito que a idealizou e a inaugurou em 1992.

Athos e Diego chegaram ao Arnão no final da tarde da segunda-feira, 25 de outubro de 2021. Dia de estreia. O técnico mirou as arquibancadas cinzas. Acelerado, o diretor checava detalhes de organização, maratona iniciada na madrugada. Diego despertou às 5h, conferiu os resultados dos testes de Covid-19 do elenco, antecipou tarefas da empresa, levou os filhos ao colégio, voltou ao trabalho, seguiu para o ginásio, apanhou a família e retornou ao Poli. De máscara, posicionou-se atrás do banco corintiano. Viu a euforia dos torcedores, muitos deles seus amigos. Ecoavam gritos de “Corinthians, Corinthians”. O cartola suspirou e comentou consigo mesmo:

– Pronto, está entregue. Fiz o meu papel. Vai ter NBB.

A espera acabou

Regata e bermuda verdes, Guilherme Teichmann cumprimentou Mike Simms, caminhou até o meio da quadra e ficou de frente para Renan Lenz, ala-pivô do Minas Tênis, um gaúcho loiro, barba e cabelo moicano, um visual com ares de viking. Respeitado o minuto de silêncio em tributo às vítimas da pandemia, a bola subiu. Às 20h30, o retorno de Santa Cruz à elite do basquete foi consumado. Após 7.104 dias, 19 anos e cinco meses, a espera teve fim. Começou o NBB para o Luvix/União Corinthians.

A posse ficou com os mineiros, fardados de branco, que desperdiçaram o ataque na bandeja do norte-americano Shaquille Johnson. Lelê assegurou o rebote. Teichmann e Simms pararam no aro, Renan errou na resposta, mas se recuperou com o toco em Simms. Teichmann acionou Cafferata, que serviu Lelê. Salto e bandeja. Autor da cravada final do título do Brasileirão da CBB, o ala-pivô converteu a primeira cesta corintiana em um NBB. Os mais de 1,3 mil torcedores vibraram como nas noites de basquete dos anos 1990. E Lelê deu novo motivo para festa. Teichmann lançou a bola alta em direção à tabela e encontrou o colega, que se projetou, recebeu livre e enterrou com a mão direita – 4 a 0.

Um misto de nostalgia e empolgação tomou o Poli, sentimento que conectou diferentes gerações. Fernanda Morsch, 43 anos, voltou ao ginásio onde vibrou e chorou na adolescência – três décadas depois, ela ainda guardava pastas com recortes de jornais de Ary Vidal. Alexandre Swarowsky, 38 anos, filho do empresário Killy, responsável pela contratação do vitorioso técnico, acompanhou a partida. Os sessentões Gilmar Weis e Rudimar Gerhardt, o Piru, que estiveram nas equipes de Ary, sentaram-se nas arquibancadas. Campeão e ex-treinador, Alexandre Cruxen comentou a estreia pela rádio Gazeta. Já o casal Eder e Luciana Griebeler, 33 anos, apresentou a paixão pelo basquete aos filhos Lucas e Pedro, dois loirinhos acomodados nas cadeiras à beira da quadra.

A emoção balançou os atletas. Teichmann estreou como profissional pelo time do coração. Foi o *début* dessa nova geração diante do seu torcedor, já que a pandemia impôs o sistema de bolhas no campeonato da CBB. Para o NBB, foi um reencontro geral com o público, afastado dos ginásios pela Covid-19 na temporada anterior – o Arnão reabriu com

30% da capacidade liberada, cerca de 1,7 mil dos 5,7 mil lugares disponíveis. A noite em Santa Cruz se tornou uma celebração geral – do basquete e da vida.

– Público, aplauso e torcida. Vocês falavam da saudade do NBB, mas imaginem para esse torcedor que esperou 19 anos para ter o time de volta ao cenário nacional – saudou o repórter Nelson Rebellato Junior na transmissão do NBB no YouTube.

Jornalista radicado em Santa Cruz, experiente profissional de TV, Rebellato fez a transmissão ao lado do narrador Guilherme Maia – que contou o título santa-cruzensense no Brasileirão da CBB – e do comentarista Bruno Laurence, ex-TV Globo e Band.

– A história é linda e jamais vai ser apagada. É preciso escrever novas páginas. É devolver para o torcedor o orgulho, a alegria de estar na elite – disse Laurence.

As novas páginas exigiam paciência e apoio. O Luvix/União Corinthians estreou diante do time treinado por Léo Costa, que entrou em quadra com um quinteto formado pelo hábil armador Alexey Borges, pelo experiente ala Gui Deodato, pelo norte-americano Shaquille Johnson, pelo ala-pivô bahamense Tavarío Miller e por Renan Lenz. A equipe tinha no banco o futuro draftado pela NBA Gui Santos, o ala Tiago Dias, o pivô Maique e o armador argentino Facundo Corvalán. Um grupo que cumpriu 11 semanas de pré-temporada contra seis e meia do UniCo. Antes da partida, Athos pediu que os atletas tentassem se sentir “confortáveis”. A comunidade estava com eles.

– Hoje a gente está fazendo parte da história do basquete de Santa Cruz. A torcida, vendo o empenho, com certeza vai aplaudir – pontificou o técnico.

Os jogadores entraram leves. Teichmann ensaiou o giro e marcou com um gancho. Em seguida, deu um toco em Gui Santos, que permitiu a troca de passes que chegou até Gruber de fora do perímetro. Chuá. O ímpeto, com três roubadas de bola e dois tocos, surpreendeu o Minas, que levou cinco minutos para converter o primeiro arremesso de quadra. Contudo, Simms recebeu pela esquerda, gingou e acertou a bola de três – 12 a 4.

– Este time é montado para brigar pelo título e tem que se impor. Favoritismo não garante vitória. O Minas não jogou porque não conseguiu jogar – diagnosticou Laurence.



Antes de seguir para NBA, Gui Santos enfrentou o UniCo em Santa Cruz

O clima no Arnão, com mestre de cerimônias e as tradicionais batidas de pés nas arquibancadas, casou-se com a intensidade da marcação. Athos usou o banco para manter o ritmo. Acionou Gillard, Machuca, Malachias, Salatiel, Léo Assmann e João Marcos. Simms guardou mais um chute, Gui Deodato descontou com dois lances, observado por Athos, que caminhava de um lado para o outro. O gancho de Maique descontou para 14 a 8. A última cesta do período no qual, segundo Laurence, “ficou barato para o Minas”.

O Arnão aplaude

O Minas Storm, como o torcedor saudava o esquadrão de Belo Horizonte, equilibrou o jogo no segundo período. Queirós virou, Lelê colocou o UniCo à frente de novo e Shaq empatou no disparo de três – 19 a 19. Gui Deodato acertou de fora do perímetro. Simms respondeu: chute com a mão direita para o alto, esperando a bola cair. O norte-ame-

ricano virou o placar ao avançar e enterrar com as duas mãos. Alexey tirou Cafferata para dançar e contou com o aro para empatar. Corvalán errou a bandeja, e o período terminou em 26 a 26.

Uma grata surpresa no Arnão. O torcedor gostou do aperitivo do time de Athos, adepto do triângulo ofensivo. Simms foi o principal chutador e pontuador, seguido por Gruber. Teichmann demonstrou nas assistências sua inteligência e Lelê, com sete rebotes, sua fome embaixo do garrafão. Gillard e Machuca foram tímidos. No geral, o Luvix/União Corinthians surpreendeu por superar a preparação curta e por encaixar a marcação agressiva que forçou os mineiros a errarem acima da média.

Gui Santos cobrou mais concentração. Pedido atendido. Alexey, em dois lances, e Gui Deodato, na bola tripla, abriram 31 a 26. Lelê descontou e Gruber de mão espalmada deu o toco em Deodato, lateral de 1m92 e aclamado “Batman do NBB” por vencer duas edições do torneio de enterradas do Jogo das Estrelas trajado com a capa do homem-morcego. Essa porta fechada não foi suficiente com Tavarío Miller. O pivô de 27 anos, jogador da seleção de Bahamas e formado nos Estados Unidos, se impôs com o corpanzil de 2m03 e cravou para anotar 33 a 28. Mais consistente, o Minas abriu. João Marcos marcou seis pontos, porém, no final do terceiro período os visitantes venciam por 54 a 38. Shaq, gringo com boas performances no basquete argentino, balançou as trancinhas black e guardou duas bandejas, a segunda girando na marcação – 60 a 41 ao final do quarto.

– O Minas abre porque é melhor equipe mesmo. São 34 pontos no período. Foram 26 no primeiro tempo todo – avaliou o comentarista Bruno Laurence.

Athos alertou o time sobre a necessidade de reagir. Simms descontou de três, mas Maique completou a ponte aérea iniciada por Gui Santos. Gruber, Cafferata e Simms converteram seus arremessos, respondidos por Shaq e Maique. Malachias anotou sua cesta, e Machuca protagonizou lance de valentia com Renan Lenz, ex-seleção e vice do NBB pelo São Paulo. O argentino de 1m81 não se intimidou com os 2m07 do pivô, quicou e desferiu arremesso alto. A bola subiu além do alcance de Renan e desceu na cesta. Nos segundos finais, Gui Deodato encontrou Tiago Dias, que na bandeja sacramentou a vitória do Minas por 77 a 59. Mãos à cintura, Athos mirou o placar eletrônico e aplaudiu.

O técnico santa-cruzeiro aprovou a equipe aguerrida. Simms foi o cestinha com 20 pontos, Lelê apanhou sete rebotes, e Gruber anotou 11

pontos e cinco rebotes. A derrota não entristeceu o torcedor. O público aplaudiu de pé o Luvix/União Corinthians. Os amigos trintões Jonas Haas, Samuel Fengler e Felipe Arend reforçaram as palmas, retribuídas pelos atletas. O ginásio pulsava depois do soar da campainha. A atmosfera emocionou até os rivais. Gui Deodato admitiu a alegria por voltar a atuar com casa cheia e por ver uma comunidade que jamais esqueceu sua paixão pelo basquete.

– Sensação inexplicável ter a torcida de volta, realmente emociona. A gente sentiu muita falta. E parabéns para esta cidade, que seja um projeto de muito sucesso.



Gillard deixou os EUA para estreiar como profissional no Brasil



UniCo voltou a desfilar em Santa Cruz no caminhão do Corpo de Bombeiros



Marco Jardim (centro) durante coletiva após o título do Brasileirão



*Simms formou ao lado de Gillard a dupla
norte-americana do UniCo*



Clube, patrocinadores e prefeitura se uniram para viabilizar a volta à elite



Torcida voltou a ver jogos de primeira divisão no Arnão



Teichmann disputa a bola contra Renan na estreia no NBB



Lelê fez a última cesta do Brasileirão e a primeira do NBB

Capítulo 6

2 de dezembro de 2021



Gatilho norte-americano. Simms liderou o ataque corintiano

De volta à elite

– Hoje, o União Corinthians enfrenta uma equipe que está se preparando para ser campeã mundial de basquete.

O comentarista Alexandre Cruxen resumiu o tamanho do desafio do Luvix/União Corinthians contra o Flamengo pela segunda rodada do NBB. Dificuldade que não intimidou. Guilherme Teichmann lançou Mike Simms, que executou a primeira bandeja da noite no Poliesportivo. Luis Gruber encontrou Enzo Cafferata, que travou na frente de Yago Mateus, armador da seleção brasileira, e chutou. Cesta. Os cariocas reagiram. Olivinha acionou Brandon Robinson, que converteu de três. O gringo anotou mais seis pontos. Simms e Teichmann garantiram duas cestas. O argentino Fabián Sahdi acertou de longe. Cafferata viu o pivô Vitor Faverani, ex-Boston Celtics, marcar na bandeja e respondeu de três. Simms desempatou. A marcação funcionou, Lucas Machuca pifou Gruber pela direita, e ele disparou. Chuá de três e torcida em pé – 19 a 14.

O UniCo encerrou o período com surpreendente vitória sobre um dos times mais fortes e caros do continente, campeão carioca, do NBB, da Copa Super 8 e da Champions League das Américas na temporada anterior, que repaginou o elenco para repetir os feitos e ainda buscar o segundo título da Copa Intercontinental – o mundial de clubes da modalidade, mas sem as franquias da NBA. O Clube de Regatas do Flamengo, dono da maior torcida do país no futebol, dominava o basquete nacional há quase uma década e meia, com oito títulos brasileiros em 14 anos (uma Liga Nacional e sete taças do NBB). Essa máquina foi montada por meio de patrocínios captados via leis de incentivo. O poll formado por Banco de Brasília (BRB), Moss, Tim, AmBev, Rede D’Or, IRB Brasil RE, CSN, Brasil Plural e EY permitia investimento acima de R\$ 10 milhões na temporada.

O modelo permitiu mudanças no elenco comandado mais uma vez por Gustavo de Conti, o Gustavinho, novo técnico da seleção. As estrelas Marquinhos, Rafael Hetttsheimeir e Léo Demétrio se despediram, e chegaram os experientes pivôs JP Batista e Vitor Faverani e os alas norte-americanos Brandon Robinson e Dar Tucker, ídolos na Argentina. O Fla ainda manteve o armador Yago, o ala-pivô Olivinha, o pivô Rafael Mineiro, o lateral mexicano Luke Martinez e o armador argentino

Franco Balbi. O promissor ala Túlio da Silva e os garotos Rafael Rachel, Matheus Leoni e Dilber Monteiro fechavam o grupo.

A presença da seleção rubro-negra em Santa Cruz ajudou a atrair o torcedor na noite de 27 de outubro, dois dias depois da estreia no NBB com derrota para o Minas. Outra vez, público superior a mil pagantes. O empresário Tiago Deecken, fervoroso torcedor na adolescência, que se converteu em garimpeiro de imagens de televisão que ajudaram as novas gerações a visualizarem os grandes feitos corintianos, rumou com amigos ao Arnão. Torcedores com uniformes de diferentes épocas – Pitt, Pony, IPR, Stock Med e Luvix – pipocaram no mosaico das arquibancadas, que trouxe boas lembranças a Guilherme Kroll, vice-presidente de Esportes Olímpicos do Flamengo.

– Nas primeiras vezes em que vim, era lá no ginásiozinho, não tinha nem rabisco deste ginásio. Parabéns do fundo do coração de um basqueteiro – afirmou à rádio Gazeta o dirigente, que aconselhou o torcedor: – Tem que entender que a volta é gradativa. O próprio Ary Vidal não montou um time campeão da noite para o dia.



Diego e Guilherme Kroll: Flamengo parabenizou o retorno de Santa Cruz à elite

Kroll citou Ary por lembrar que a partida reunia duas paixões do professor. Foi no Flamengo, como assistente de Togo Renan Soares, o Kanela, técnico bicampeão mundial com o Brasil, que Ary forjou seu estilo à beira da quadra. E foi para treinar o Fla que ele seguiu ao final da passagem por Santa Cruz. Testemunha e ator daqueles tempos, Beto Gruending vibrou com a exibição do time de Athos, registrada pela rádio Gazeta.

– O basquetebol está de volta na rádio da sua terra – saudou Leandro Siqueira.

Na companhia de Cruxen e do repórter Leandro Porto, Siqueira narrou o período de marcação intensa, que negou aos visitantes os melhores arremessos. Situação que Gustavinho superou no segundo quarto. Dar Tucker empatou em 24 a 24, e três bolas seguidas de três colocaram o Flamengo na frente. Tucker, no gancho, abriu 40 a 27. Era difícil parar o ala de 33 anos, uma parede de músculos com 1m91 e 108 quilos. Naturalizado jordaniano e com experiência na França, Venezuela, República Dominicana e Bahrein, Darquavis Lamar Tucker chegou ao Brasil após quatro anos na Argentina, onde foi bicampeão nacional e da Liga das Américas pelo San Lorenzo. Athos Calderaro tentou freá-lo, porém, sobravam opções ao rival. O técnico se aconselhou com Fernando Larralde, que observava sentado, máscara no rosto, as ações na quadra. No lance final do quarto, Cafferata, com auxílio da tabela, deixou em 11 pontos a folga carioca – 42 a 31.

Incentivo rubro-negro

O Luvix/União Corinthians voltou aceso do intervalo. Teichmann passou por baixo, e Cafferata fez a cesta. Gillard saiu do banco com dois chutes e cinco pontos. O pivô quarentão JP Batista, 2m04 e 111 quilos, bicampeão pan-americano com a seleção e campeão de ligas na Lituânia, França e Brasil, surgiu livre e marcou de três. De longe, ao estilo Stephen Curry, Gillard converteu novo arremesso. Simms, no contragolpe, cravou com as duas mãos. A vantagem do Flamengo caiu – 53 a 50. Ducker e Rafael Mineiro responderam, e Gillard disparou outro míssil. Yago garantiu dois lances livres. Frio, o jovem de 22 anos, desde

os 17 no NBB e bicampeão do torneio, garantia eficiência ao time de Gustavinho, que encerrou o período vencendo por 65 a 58.

Athos parabenizou os atletas por entrarem vivos no último quarto, sob aplausos do torcedor. Contudo, Rafael Mineiro e Olivinha desequilibraram. Carlos Alexandre Rodrigues do Nascimento ganhou o apelido por causa do irmão Carlos Henrique, o Olívia, ex-seleção. Aos 38 anos, o ala-pivô de cabeça raspada, barba cerrada e nariz de boxeador, uma torre de 2m02 e 105 quilos, vestia desde 2012 a regata rubro-negra. Briososo, virou símbolo da geração vitoriosa do Flamengo – campeão estadual, mundial, continental e hexa brasileiro.

Olivinha não intimidou Gruber, que parou o gigante com um toco. Gillard aproveitou para, mesmo pressionado, fazer a bandeja. Simms recebeu, recuou e matou de três pontos. Seu conterrâneo, Brandon Lamar Robison, foi na bola de segurança. O gringo de 32 anos, 1m92 e 89 quilos, mais esguio do que Tucker, também colecionou experiências fora dos EUA. Destacou-se no Canadá, Chile, México, China e Argentina, onde defendeu Estudiantes de Concordia, San Lorenzo e Quimsa, clube pelo qual foi o craque da vitória sobre o Fla na final da Champions League das Américas de 2020.

Tucker, Robinson, Yago, Faverani e Olivinha garantiram a tranquilidade carioca. Lelê marcou no rebote, Gillard foi certeiro em outra bola de longe. Yago arrancou com seis pontos, quatro lances livres e uma bandeja, para liquidar o Luvix/União Corinthians. Teichmann recebeu passe por baixo de Gillard para fazer a última cesta da noite – derrota por 87 a 76.

Mais uma vez, o esforço teve reconhecimento do torcedor. No camarote, o empresário Geferson Tolotti, responsável pela ponte com a Luvix, levantou-se para aplaudir o time, mesmo movimento do professor Eleno Hausmann, ex-jogador tricolor. As palmas agradaram Teichmann, porém, não o impediram de ver o que corrigir na equipe.

– A gente sai com a cabeça erguida, mas com sentimento de que tem que melhorar. A gente não conseguiu ter chance de ganhar. Time tem que ter consciência, tem que ser time aguerrido. Só vai ser competitivo se for aguerrido.

Athos destacou em entrevista a evolução da equipe, cujo destaque foi Gillard. Tímido na estreia, o ala apanhou cinco rebotes e marcou 19 pontos. Cafferata (16 pontos), Teichmann (13 pontos e nove rebotes), Simms (13 pontos) e Gruber (sete rebotes) também se destacaram. No

lado carioca, Robinson desequilibrou com 20 pontos e oito rebotes. O técnico Gustavo de Conti festejou o resultado, a segunda vitória em dois jogos – na estreia o time bateu o fortíssimo São Paulo, fora de casa, por 86 a 61.

Ex-armador, o treinador loiro e de bochechas rosadas, cuja baixa estatura lhe conferiu o apelido de Gustavinho, iniciou o NBB celebrado por assumir a seleção com a missão de classificar o Brasil à Olimpíada de Paris (2024), após a ausência nos jogos de Tóquio (2021). A seleção voltou a ser dirigida por um brasileiro após 13 anos – o espanhol Moncho Monsalve, o argentino Rubén Magnano e o croata Aleksandar Petrovic ficaram no cargo no período. Aos 41 anos, Gustavinho ganhou status de técnico mais promissor do país, eleito melhor profissional da função quatro vezes. Obteve pelo Paulistano o inédito título brasileiro em 2018, que lhe abriu as portas do Fla, onde venceu dois NBBs e a Champions League das Américas. Em outubro de 2021, ao iniciar a caminhada pela quarta taça nacional, deixou o Arnão surpreso pela resistência dos santa-cruzenses.

– O Corinthians foi um time difícil de defender, espaçou a quadra, usou os arremessadores. A gente não jogou bem, mas muito é mérito do que o Corinthians fez.



Gustavinho (ao fundo) conciliou o comando do Fla e da seleção brasileira

Antigos rivais

O Luvix/União Corinthians abriu novembro com o retorno a dois caldeirões do interior paulista: o ginásio Felipe Karam, em Rio Claro, e o Pedrocão, em Franca. Jales, Corinthians Paulista, Rio Claro e Franca haviam sido os principais adversários da equipe de Ary Vidal. Do quarteto, somente Jales seguia fechado. O primeiro reencontro ocorreu em Rio Claro, município a 190 quilômetros de São Paulo que, à semelhança de Santa Cruz, batalhava para retomar as vitórias da década de 1990. Pentacampeão paulista (1987, 1991, 1993, 1994 e 1995), bicampeão brasileiro (1992 e 1995) e campeão sul-americano (1995), o clube teve jogadores como Zanon, Paulinho Villas Boas, Luiz Felipe, Josuel e os norte-americanos Billy Law e Askia Jones.

Essa geração travou duelos duríssimos com o Corinthians. Em 1991, os santa-cruzenses venceram a disputa pelo terceiro lugar na Liga Nacional. Em 1993, Rio Claro passou, mas levou o troco em 1994. Os paulistas venceram em 1995 e foram eliminados em 1996. Após, os clubes decaíram, com portas fechadas e tentativas de retomada. Rio Claro queria encerrar as idas e vindas. Voltou ao NBB em 2014, ausentou-se por três temporadas e retornou em 2019. Ficou de fora da edição seguinte para organizar o regresso do elenco liderado pelo lateral Betinho Nardi, ex-seleção. Em novembro de 2021, Rio Claro e UniCo buscavam a primeira vitória no NBB.

– Depois de um ano e meio, a cidade volta a respirar basquete. É uma responsabilidade – vibrou o técnico Fernando Penna, ex-armador famoso pela habilidade.

O torcedor se empolgou no compacto ginásio Felipe Karam, que recebeu 600 pessoas – trajadas de azul-turquesa e branco – regidas pela bateria de uma escola de samba e pelo boneco do leão Leônidas, o mascote do clube. O clima embalou o time, que anotou 9 a 0. Depois de sete tentativas corintianas, Teichmann fez a primeira cesta graças ao passe de Gillard, que ganhou a vaga no quinteto titular no lugar de Lele.

– Para sair do zero do placar – vibrou o narrador Rodrigo Vianna na Gazeta.

Gruber na bola de três, Gillard e Cafferata viraram o placar. Betinho e Cassiano pontuaram, e o quarto terminou com vitória paulista por 15 a 13. O mesmo Betinho abriu 30 a 23 ao final do segundo período. O ti-

me de Athos correu de novo e, no lance derradeiro, Léo Assmann cruzou a quadra feito papa-léguas até a cesta – 33 a 30.

– Léo de quadra a quadra, infiltrou, bandeja, cestaaça. Essa é para gritar com força – bradou Vianna, narrador de futebol que se habituava ao basquete.

Cafferata empatou ao quicar entre as pernas e chutar marcado por Betinho. O Luvix/União Corinthians disparou 46 a 35 na cravada de Gillard. A enterrada de Teichmann marcou 48 a 40, mas o rival desperitou. Virou e deslanchou nos erros do ataque corintiano. O armador argentino Figueroa e Cassiano definiram a partida em 74 a 63 para Rio Claro, com destaque para os 21 pontos e oito rebotes do pivô Douglas Nunes.

– Faltou entrosamento principalmente para fechar o jogo – lamentou Teichmann.

O UniCo tombou diante de um concorrente direto pelo G-12, o grupo dos 12 classificados aos playoffs. E seguiu o campeonato em Franca, reeditando as finais da Liga Nacional de 1994 e 1997 (uma taça para cada lado). Em 2021, os gaúchos eram azarões, enquanto Franca desejava retomar sua hegemonia. Produtora de calçados, a cidade de 300 mil habitantes que batiza seu time se tornou a capital do basquete por conquistar, a partir dos anos 1970, 11 títulos nacionais, sete sul-americanos e 14 paulistas. Contudo, faltava o troféu do NBB ao maior campeão brasileiro.

Com patrocínio máster do Serviço Social da Indústria (Sesi), o Franca Basquetebol Clube investiu para rivalizar com o Flamengo. Buscou no São Paulo o armador Georginho de Paula e o pivô Lucas Mariano, que formaram trio de seleção com o ala-pivô Lucas Dias. O experiente Jhonatan Luz, os jovens Adyel e Márcio, o veterano norte-americano David Jackson e o armador argentino Santiago Scala integravam o elenco do técnico Helinho Garcia, disposto a repetir o feito do pai, Hélio Rubens, campeão brasileiro por Franca como jogador e treinador.

Armador de seleção, pentacampeão brasileiro (três vezes por Franca), Helinho ia, aos 46 anos, atrás do primeiro título nacional na função de técnico. E o UniCo foi vítima desse apetite diante de 1,3 mil torcedores no Pedrocão. O primeiro quarto terminou em 30 a 12, o que transformou a partida em treino, com as duas equipes usando o banco. João Marcos e Lelê deram enterradas, Léo e Montipó converteram de longe. Helinho lançou o garoto Eduardo Bersch Klafke, 16 anos, filho do ídolo

Rogério Klafke. Du Klafke, que atuou com Athos, converteu os dois lances livres que decretaram a saraivada de 115 a 74 – 41 pontos de diferença. Lucas Mariano, um pivô de 2m08 e 120 quilos com afiado chute de três, marcou 29 pontos. Georginho registrou 13 pontos, 12 rebotes e 11 assistências.

Em busca da primeira vitória

Após quatro derrotas em quatro jogos, três delas esperadas (Minas, Flamengo e Franca), o Luvix/União Corinthians voltou ao Arnão nas noites de 8 e 10 de novembro com a expectativa de obter as primeiras vitórias no NBB, contra Cerrado Basquete e Brasília, representantes do Distrito Federal. Sentimento expresso pelo narrador Rodrigo Vianna na abertura da transmissão da rádio Gazeta na partida contra o Cerrado.

– Será que é hoje?

Criado em 2016 com viés de formação de atletas, o Cerrado disputava sua segunda temporada no NBB. O técnico Bruno Lopes geria elenco de jovens capitaneados pelos norte-americanos Isaac Thornton, ala de 30 anos, e Kenny Dawkins, armador de 34. Sexto homem no vice-campeão São Paulo, o “Pequeno Notável” Dawkins, 1m76, era o esteio do time. Cabelo raspado, barba cheia e braços, pernas e pescoço tatuados, desfilava seu jogo intenso e frio, características com as quais Lopes contava em Santa Cruz.

– A gente se prepara para que o jogo seja decidido na última bola. É isso que os meninos têm que pensar sempre – disse o treinador antes do confronto.

Lopes foi profético. Na raça, Gruber girou, encarou dois e conseguiu a cesta. Pousou vibrando com socos no ar. Dawkins disparou, fintou e marcou de três. O gringo cometeu falta em Gillard, que acertou um lance livre. Rafa Moreira converteu dois lances, e Gillard cometeu infração na saída de bola, erro que deu vida ao Cerrado. Thornton empatou com ajuda da tabela faltando 15 segundos. Simms escorregou, equilibrou o corpo e disparou – 69 a 66. Com 11 segundos a serem jogados, o Luvix/União Corinthians só precisava impedir o chute de longe.

A marcação apertou, e Paulão arremessou no desespero. A bola bateu no aro e foi apanhada por Rafa Moreira. Lelê tentou o tapa, mas fez a falta no pivô, que acertou a cesta e ganhou um lance para bater no se-

gundo final. Teichmann levou as mãos ao rosto. Se Lelê tivesse deixado Rafa executar a bandeja, o UniCo teria vencido por um ponto. A arbitragem ainda checkou o lance no vídeo, o que só aumentou a agonia. Vaiado, Rafa respirou, mirou a cesta e marcou 69 a 69. Prorrogação.

O equilíbrio prosseguiu. A 52 segundos do término do tempo extra, Gillard cruzou a quadra na diagonal e saltou para bandeja. O toco de Ruan foi com a bola descendo, logo, os pontos foram confirmados – 75 a 74. O time de Athos ficou perto da vitória. Simms desperdiçou a posse, mas Lelê retomou a bola. Em vez de gastar o tempo ou esperar a falta, ele saltou para bandeja. E errou. Bola com Dawkins a 11 segundos. O gringo fintou Cafferata, invadiu o garrafão e, diante da confusão de braços, atirou no estouro do tempo.

– Dawkins arremessou. Vitória da equipe do Cerrado – lamentou Rodrigo Vianna.



Dawkins (14) desequilibrou a favor do Cerrado

O lance passou por revisão, que confirmou o arremesso antes da campainha soar. Quinta derrota, a segunda para um adversário direto. Athos tentou conter a frustração, porém estourou ao ouvir, no túnel que dá acesso ao vestiário, o torcedor cobrar o erro de Lelê. O ala-pivô ficou arrasado. Pediu desculpas, e recebeu apoio para se reerguer, já que em 48 horas iria à quadra de novo. “Esse jogo vai nos assombrar pelo resto do campeonato”, pensou Léo na saída do ginásio. Lelê demorou a sepultar a culpa. Reviu os lances da falta e da bandeja. Fortaleceu-se com a ajuda do pai, Telmo.

– Fica calmo. Não foi só por essa bola que vocês perderam o jogo. Sei que você está trabalhando duro. Ficar abatido vai ser pior – aconselhou o ex-pivô.

Lelê e Athos puderam reagir na quarta-feira, 10 de novembro. O técnico, que administrava a responsabilidade da retomada de uma cidade campeã, via o time evoluir, porém, lamentava erros evitáveis. O torcedor foi compreensível. Quase 900 pessoas no Poli. Todos sabiam da importância de bater o Brasília, que também colecionava derrotas no NBB. Patrocinada pelo Banco de Brasília, a franquia recolocou a capital no certame após o fim das atividades do Lobos Brasília, dono de quatro títulos brasileiros (2007, 2010, 2011 e 2012), três da Liga Sul-Americana (2010, 2013 e 2015) e um da Liga das Américas (2009), esquadrão pelo qual brilharam Nezinho, Alex Garcia, Guilherme Giovannoni, Arthur, Valtinho, Estevam, Alírio e Márcio Cipriano.

Dois remanescentes da fase áurea seguiam no Brasília, o ala Arthur Belchior, 39 anos, e o pivô Ronald Reis, 30, peças importantes do elenco que chegou a Santa Cruz sem o armador Ricardo Fischer, ex-seleção, e sem o norte-americano Zach Graham. O Luvix/União Corinthians aproveitou. Fez 9 a 0 com bolas de três de Cafferata e Gillard. A enterrada de Teichmann anotou 34 a 24.

A concentração e a defesa seguiram altas depois do intervalo. Malachias e Simms acertaram a mão. Lelê somou sete pontos. Gruber encaminhou o resultado ao marcar 68 a 45. João Pedro, Ronald, Arthur e Gustavo Basílio reduziram a diferença, mas Cafferata, com dois lances livres, decretou a primeira vitória do UniCo no NBB – 70 a 55. Gillard saiu aplaudido pelos 16 pontos. O clima no vestiário refletiu o alívio. Confiança readquirida para a incursão ao Nordeste que a tabela reservou.

Emoção até o fim

O périplo para superar os quase 4 mil quilômetros até Campina Grande, cidade paraibana de 413 mil habitantes e celebrada pelas festas juninas, durou um dia, com dois trajetos de ônibus e três de avião. O UniCo encarou o Basquete Unifacisa, clube-empresa vinculado ao Centro Universitário Unifacisa e desde 2019 no NBB. A equipe caiu nas oitavas de final na edição anterior do torneio e projetava nova classificação. O técnico César Guidetti formou uma base forte com o ala André Goés; o pivô Gerson do Espírito Santo; o lateral Jimmy Dreher, duas vezes defensor do ano do NBB; o pivô Guilherme Hubner, campeão brasileiro pelo Paulistano; o armador venezuelano David Cubillan; e o ala da seleção do Panamá Trevor Gaskins, campeão da Liga das Américas pelo Quimsa.

Cerca de 330 torcedores estiveram na Arena Unifacisa, moderno ginásio com arquibancada retrátil, dois andares de camarotes e capacidade para 1,2 mil pessoas. Assistiram a um confronto emocionante. Gruber e Teichmann guardaram de três pontos. O ala Kevin Crescenzi respondeu. Simms buscou a bandeja, levou o toco, e Malachias enterrou com as duas mãos. Cubillan colocou os paraibanos na frente, e Gruber, de três, reduziu a diferença – 50 a 48. Hubner, 2m08 e 125 quilos, dominou o garrafão e acertou chutes de longe. Malachias, Lelê, Léo e Machuca saíram bem do banco, mas o UniCo ficou atrás.

Faltando 38 segundos, Cafferata puxou contragolpe, travou antes da linha do perímetro e vibrou – 100 a 97. O capitão sofreu falta e, a 10 segundos, marcou 100 a 99. Cabelo e barba grisalhos, André Goés, 34 anos e 13 NBBs, justificou a fama de definidor de jogos. Sofreu a falta e converteu dois lances. Cafferata partiu para o empate, errou, e Goés reapareceu. Nova falta, mais dois pontos e vitória do Unifacisa por 104 a 99.

A frustração pela derrota nos lances derradeiros foi companheira na viagem até Fortaleza, capital do Ceará. O time de Athos rumou à casa do Carcalion, fruto da fusão entre o carcará e o leão, mascotes de um sólido projeto de basquete e de um clube com uma das maiores torcidas do futebol nordestino. Pioneiro da região no NBB, o Basquete Cearense disputava o certame desde 2012. Em 2020, fechou parceria com o For-

taleza Esporte Clube e assumiu o vermelho, azul e branco no uniforme. Um ano depois, entrou no torneio como um dos adversários diretos do Luvix/União Corinthians pelo G-12.

Na décima participação consecutiva no NBB, o Fortaleza/Basquete Cearense mais uma vez foi comandado por Alberto Bial, calejado técnico de 69 anos, ex-Fluminense, Botafogo, Vasco, Liga Angrense, Universo (GO) e Joinville. Bial apostou no retorno de Davi Rossetto, armador com passagem pela seleção, que defendeu Flamengo e Minas, e no quarteto gringo Rashaun McLemore, Desmond Holloway, Richard Granberry e Nehemias Morillo, três norte-americanos e um dominicano. Aos 34 anos, oito deles no clube, Rashaun cedeu espaço para Holloway, melhor jogador da edição de 2017 do NBB, Morillo e Granberry, trio titular ao lado de Davi e do pivô Ralfi Ansolini, ex-UniCo.

Athos repetiu no Centro de Formação Olímpica do Nordeste (CFO), ginásio para 17 mil pessoas que recebeu 840 torcedores, o quinteto Cafferata, Simms, Gillard, Teichmann e Gruber. Outra jornada tensa. O primeiro quarto terminou com o Fortaleza na frente por um ponto e, o segundo, empatado em 39 a 39 graças ao toco de Gruber em Granberry, que permitiu a cravada de Lelé e o chute de Cafferata. Apreensivo na rádio Gazeta, Cruxen alertou para evitar os erros que pesaram contra Rio Claro e Unifacisa.

– Vamos nos concentrar para não ter apagão – pediu.

O terceiro período terminou com vitória do Fortaleza por 62 a 61. Gruber marcou três cestas e a defesa funcionou. Faltando um minuto e 15 segundos, os três pontos de Cafferata abriram 76 a 71 para o UniCo. Novamente, o momento exigia serenidade. Granberry fez a cesta, sofreu a falta e aproveitou o lance extra. Cafferata buscou a cesta, porém levou o toco de Davi. Holloway ficou com o rebote e serviu Morillo.

– Bola de trêsêês. Vira o jogo – narrou Leandro Siqueira.

A 30 segundos do fim, Athos paralisou a partida e armou o que deveria ter sido o lance da primeira vitória fora de casa. Cafferata tabelou com Teichmann, e a bola circulou até Gruber no garrafão. O gancho não caiu. Holloway saiu com o rebote diante dos protestos por uma falta em Gruber. Derrota por 77 a 76, a sétima em oito jogos, resumida nas palavras de Siqueira.

– Que pena. Jogo na mão. Os jogadores passam a mão cabeça e não acreditam.

Alma lavada

Athos voltou a Santa Cruz com a missão de perseverar. Sem dois titulares, precisava evitar o desânimo entre os atletas para receber o São Paulo, um dos favoritos ao título. Gruber sofreu uma fissura na mão direita, e Gillard voltou a sentir uma antiga lesão no ombro esquerdo, que o impedia de arremessar. Os dois engordaram a lista de desfalques, que tinha Ícaro e Leozão, ambos em fase final de recuperação, e os garotos Montipó e Previatti, que estavam no Brasileirão Sub-19. O alento era a estreia do ala-pivô Guilherme Magna, ex-Rio Claro. O técnico repetiu seu ritual e chegou ao final da tarde no Poliesportivo, ainda vazio. Observou os paulistas e os considerou leves demais. Fez a alerta no vestiário durante a preleção, na qual frisou a necessidade de chegar vivo no último período para beliscar a vitória diante de um rival invicto há cinco jogos.

O São Paulo Futebol Clube, tricampeão mundial nos gramados, retomou em 2019 sua equipe de basquete sob o comando de Cláudio Mortari, um dos maiores técnicos do país – campeão mundial pelo Sírio (1979), comandante da seleção na Olimpíada de Moscou (1980), cinco vezes campeão brasileiro e quatro vezes sul-americano.

O Tricolor Paulista retornou de forma fulminante: segundo colocado na Liga Ouro, vice-campeão no segundo ano de NBB e campeão paulista de 2021. O título estadual marcou a despedida de Mortari, substituído pelo filho Bruno, seu auxiliar e ex-pivô do Pinheiros. Bruno pilotava a máquina feita para vencer o Flamengo. Após perder a final do NBB para os cariocas, a equipe perdeu os titulares Georginho, Lucas Mariano e Renan Lenz, além de Gerson e Dawkins. Renovou com o ala Isaac Gonçalves e com os norte-americanos Corderro Bennett, 33 anos, e Shamell Stallworth, 41. Na sétima temporada no Brasil, Bennet, um ala entroncado de 1m83, destacava-se como exímio defensor.

Já o lateral Shamell ostentava a coroa de maior cestinha da história do NBB com 8.140 pontos em 13 anos. Os gringos ganharam as companhias do armador Henrique Coelho, ex-Minas e Franca; do ala Alex Doria; do ala-pivô norte-americano Tyrone Curnell e de um trio de peso: o armador Elinho Corazza, o ala Marquinhos e o ala-pivô Bruno Caboclo.

O selecionável Elinho, 1m91 e 32 anos, tornou-se referência na posição em Franca, onde venceu a Liga Sul-Americana, a Copa Super 8 e

três estaduais. Marcus Vinícius Vieira de Sousa, o Marquinhos, chegou ao São Paulo depois de nove anos e 19 taças pelo Flamengo, entre as quais, seis do NBB, duas da Copa Super 8, uma da Liga das Américas, uma da Champions League das Américas e uma da Copa Intercontinental. O ala de 2m07, careca e de barba, também foi destaque na seleção – disputou duas Olimpíadas (2012 e 2016) – e atuou pelos Hornets na NBA. Aos 37 anos, queria seguir em quadra, agora, pelo clube do coração. Na juventude, sonhava jogar futebol pelo São Paulo. Decidiu se juntar à versão basqueteira do Tricolor Paulista para ampliar a galeria de troféus e, quem sabe, tirar de Shamell a faixa de maior pontuador do NBB.

Já a contratação de Bruno Correa Fernandes Caboclo, 26 anos, teve selo da NBA. O ala-pivô da seleção, com 2m08 de altura e incríveis 2m30 de envergadura, revelado pelo Pinheiros, retornou ao Brasil depois de quase sete temporadas. Draftado pelo Toronto Raptors, passou por Sacramento Kings, Memphis Grizzlies e Houston Rockets. Antes de acertar com o São Paulo, atuou no Limoges, da França. A presença de Caboclo em quadra foi mais um dos motivos para atrair o torcedor santa-cruzense ao Arnão. Mais de mil corintianos estavam no ginásio na noite da quinta-feira, 2 de dezembro de 2021.

De uniforme branco, o Luvix/União Corinthians iniciou a partida com Cafferata, Simms, Lelê, João Marcos e Teichmann, enquanto o São Paulo escalou Elinho, Bennett, Tyrone, Marquinhos e Caboclo. João levou de cara o toco de Caboclo. E Marquinhos demonstrou a eficiência de praxe no chute de três. Teichmann enterrou e deu o toco em Caboclo. Marquinhos e Elinho converteram de fora do perímetro, e Athos chamou o banco.

Machuca recebeu pela direita e garantiu o chuá. Caboclo, Lelê e Coelho encerraram o período com os paulistas à frente – 19 a 13. No segundo quarto, Marquinhos lançou pelo alto, Caboclo ensaiou a ponte aérea, mas completou na bandeja. Simms calibrou a mão, Malachias conseguiu a cesta e a falta, Léo contagiou a torcida com disparo de três. Tyrone, com quatro pontos, deixou o São Paulo no intervalo vencendo por 34 a 28.

A torcida aplaudiu o empenho. O público era regido por João Rauber, o Bolacha, mestre de cerimônias, que mesclava canções e pedidos por defesa e ataque. Atrás da mesa da arbitragem, os amigos Roberto Konzen, Heitor Assmann, Daniel Swarowsky, Marcelo e Vinicius

Tworowski confiavam na virada, discurso adotado por Athos no vestiário. Que mostrou resultado.

Marquinhos fintou João, mandou de longe, a bola girou e saiu. Rebote com Lelê, que conseguiu a cesta. Teichmann e Cafferata anotaram cinco pontos, e o Luvix/União Corinthians virou – 35 a 34. Marquinhos e Caboclo recolocaram o São Paulo à frente. Quando Shamell buscou a cesta, encontrou a mão espalmada de Lelê. Toco, contragolpe e enterrada do próprio Lelê. Cafferata e Simms encaçaparam mais duas. Marquinhos, Shamell e Tyrone garantiram o período com quatro pontos de folga – 53 a 49. O plano de Athos funcionou. Seu time seguia no páreo nos 10 minutos finais.

– Os caras estão onde a gente quer, moçada. Agora não tem se é famoso ou não. É quem está mais quente. É hora de ir para cima e fechar o caixão – incentivou o técnico.

Simms tomou as rédeas do ataque. Conduziu o placar até 57 a 57, a sete minutos do fim. Caboclo enterrou, Cafferata guardou de três, Tyrone cravou e Simm marcou 66 a 66 faltando dois minutos. A torcida acompanhou. Vibrou com o erro de Shamell e prendeu a respiração com Simms. Pela esquerda, o ala travou de frente para Marquinhos, quicou quatro vezes, cruzou a linha do perímetro e, em vez de avançar, quicou a bola por trás da perna, recuou e chutou com o corpo caindo para trás. Chuá – 68 a 66. O gringo saiu de braços erguidos a pedir mais barulho das arquibancadas.

O lance atordoou o São Paulo. Marquinhos no gatilho. Aro. Elinho errou em seguida. Athos pediu frieza. Bola de mão em mão, falta em Machuca. Dois pontos preciosos no lance livre. Tyrone falhou de longe, Simms recebeu a falta e chutou os lances livres já com a torcida em êxtase. Anotou seu 20º ponto na noite. Vitória do Luvix/União Corinthians por 71 a 66.

– Para lavar a alma. Ganhamos de uma equipe multimilionária – vibrou Athos. – A gente agradece a confiança do torcedor e pede ao mesmo tempo que tenha paciência.

O público voltou a sentir a mescla de nostalgia e esperança. À beira da quadra e uniformizado, Thiago Varreira comemorava abraçado a Rafael, 9 anos, a vitória no primeiro jogo de basquete que pai e filho assistiram juntos no ginásio. O sentimento de “alma lavada”, citado por Athos, espalhou-se, como citou o torcedor Augusto Brandt:

– O torcedor sai de alma lavada. Sonho se concretizando, vitória dessas é um marco que a gente mostra para o Brasil. Santa Cruz voltou para o cenário nacional.



Simms (1) foi decisivo nos minutos finais da vitória sobre o São Paulo

Retornos

No dia 7 de dezembro de 2021, o Luvix/União Corinthians retornou ao Panela de Pressão, onde se despediu da Liga Nacional de 2002 e deu início ao período de 19 anos alijado da elite do basquete brasileiro. O confronto também marcou o retorno do ala Ícaro Parisotto, recuperado da lesão no ombro esquerdo, sofrida na véspera da estreia no NBB. O lateral encarou sete semanas de fisioterapia para, ainda com dores, ficar à disposição de Athos diante do Bauru Basket, equipe cotada a chegar aos playoffs sem dificuldades.

O técnico Jorge Guerra, o Guerrinha, liderava um grupo vencedor, a começar pelo próprio treinador, armador de bigode ao estilo Belchior,

tetracampeão brasileiro e titular da seleção medalha de ouro no Pan de 1987. Guerrinha teve sucesso como técnico em Bauru e Mogi das Cruzes, com títulos paulistas, sul-americanos e brasileiro. De volta a Bauru, escalou diante do UniCo um quinteto de seleção, com o norte-americano naturalizado brasileiro Larry Taylor, mais Alex Garcia, Felipe Veza-ro, Gabriel Jaú e Rafael Hetttsheimeir.

Athos repetiu a escalação, ainda sem Gruber e Gillard. Seu time quase não viu a bola. Encorpado ala-pivô de 2m02, revelado no próprio Bauru, onde conquistou o NBB de 2017, Gabriel Jaú, 23 anos, correu para enterrar e abrir 9 a 0. O pivô Hetttsheimeir, uma parede de 2m11 e 128kg que fez carreira na Espanha, destacou-se na seleção e voltou ao Bauru após papar títulos no Flamengo, anotou mais dois pontos. Na sequência, Ícaro estreou. Com proteção no ombro, levou esbarrão, contorceu-se de dor e seguiu. Errou os chutes que tentou e viu Jaú converter dois mísseis para cravar 21 a 6 no período.

Alex anotou cinco pontos. O parrudo lateral de 1m91 e 100 quilos, chamado de Brabo, impressionava pela longevidade. Aos 41 anos, era o melhor marcador do NBB. Um atleta seis vezes campeão nacional (COC/Ribeirão Preto, Brasília e Bauru), com duas olimpíadas no currículo e passagens pela NBA (San Antonio Spurs e New Orleans Hornets) e Euroliga (Maccabi Tel Aviv, de Israel), que não dava sinais de aposentadoria.

Léo Assmann e Teichmann, com oito pontos cada, evitaram prejuízo maior até o intervalo – 45 a 26. Larry, cabeça raspada na zero e barba cheia, contribuiu com oito pontos. O gringo acumulava 10 anos em Bauru. Nome de confiança de Guerrinha, ajudou o time a não baixar o ritmo. Magna, Malachias, Léo e Teichmann tiveram boas atuações, com destaque para os 17 pontos do experiente ala-pivô na derrota por 92 a 67.

A boa notícia foi a volta de Ícaro, que teve oito arremessos tentados e duas assistências. A estreia o credenciou a começar a partida seguinte. De Bauru, o UniCo rumou a São Paulo para enfrentar o Pinheiros. Encontro de Athos com o amigo David Pelosini, técnico responsável pela hegemonia do clube na categoria sub-22, o que lhe permitiu mesclar atletas experientes – o ala norte-americano Dominique Coleman e a dupla ex-seleção Deryk Ramos e Jefferson William – com jovens, entre os quais, os alas Rafael Munford, Danilo Sena, Jonas Buffat e Gui Abreu e o pivô Dikembe da Silva.

Ícaro começou quente. Encontrou Lelê, que guardou de três. Simms olhou para um lado e serviu Teichmann no outro. Cesta e vantagem de 7 a 0. Coleman e Dikembe despertaram. O estrangeiro acertou a mão de fora do perímetro, enquanto o pivô de 22 anos, adepto da barba de lenhador, soube usar seu corpanzil de 2m06 e 125 quilos. O Pinheiros abriu 40 a 22, quando o Luvix/União Corinthians reagiu graças a Teichmann, Simms e João Marcos.

No último período, Ícaro foi acionado por Cafferata e superou a marcação para executar a bandeja. Os primeiros pontos após a lesão. Coleman, contudo, breiou qualquer reação. Vitória do Pinheiros por 88 a 66, que segurou a equipe no G-12 e o UniCo, na vice-lanterna. Outra vez só se pôde comemorar a recuperação de Ícaro, que ficou 22 minutos em quadra e registrou dois pontos, quatro rebotes e duas assistências.

Clássico gaúcho

Athos comandou treino em Caxias do Sul, polo industrial a cerca de 170 quilômetros de Santa Cruz, na véspera de KTO/Caxias x Luvix/União Corinthians, o primeiro clássico gaúcho em 14 edições do NBB. Ao final da atividade, Ícaro, ainda com as pernas pesadas, pediu mais cinco minutos na quadra. Suficiente para pular e pisar em falso. O ala ouviu o estalo do joelho esquerdo, como se uma corda arrebentasse. Os colegas tentaram acalmá-lo, mas ele conhecia a dor, a mesma que lhe abateu quando rompeu os ligamentos do joelho direito. “Todo meu esforço foi em vão, um ano fora de novo”, pensava o lateral, ciente de que levaria de oito a 10 meses para se recuperar da inevitável cirurgia. O sacrifício para tratar o ombro se esfarelou no ginásio do Sesi.

O drama abateu o elenco. Mesmo machucado, Ícaro foi figura presente nos treinos e jogos, além de ter importado dos EUA equipamento para acelerar o tratamento. A lesão o tirou em definitivo da temporada e abalou o time para encarar um adversário de campanha consistente, com cinco vitórias e seis derrotas, dentro da zona de classificação aos playoffs e à Copa Super 8. Já o UniCo, nove tropeços e dois triunfos, tentava ganhar a primeira partida como visitante para sair da vice-lanterna.

O desempenho dos caxienses condizia com a maturidade do projeto de um técnico e gestor perseverante. Rodrigo Barbosa, sujeito magro e

com o topo da cabeça calvo, batalhou por uma década para levar seu time ao NBB. Venceu a Liga Ouro de 2015 e, no mesmo ano, debutou na elite. Foram três temporadas, com direito a quinto lugar na fase inicial e eliminação nas quartas de final em 2018, o melhor desempenho de um clube gaúcho desde 2006, quando a Ulbra/Torres chegou ao hexagonal semifinal da Liga Nacional. Sem recursos, Rodrigo ficou de fora do NBB por dois anos e retornou em 2020. Comemorou o 12º lugar, que o levou ao playoff contra Bauru, que venceu a série. A intenção era repetir a classificação.

Barbosa formou elenco de nomes pouco badalados, mas que conheciam as nuances do NBB, como o chutador Edwanderson Carvalho, o Eddy, ala de 34 anos presente em todas as edições do torneio, e Cauê Verzola, 34, um armador clássico revelado em Franca e com passagens por Bauru, São José dos Campos e Fortaleza. Mais jovens, os pivôs Rafa Oliveira e Wesley Sena e os laterais Pedro Mendonça e Humberto da Silva garantiam vitalidade ao time, que contava com dois argentinos: o ala-armador Ramiro Alejo e o armador Esteban Cantarutti, o Canta.

Essa base mostrou o porquê da boa campanha. Sena barrou Teichmann, e Rafa abriu o placar. Malachias salvou com dois tocos e permitiu a Machuca empatar. No lance seguinte, o gringo bateu o cotovelo esquerdo no chão. O estrondo criou o receio de fratura, e ele saiu após dois minutos de jogo. Gillard, domando as dores no ombro, foi à quadra junto de Gruber. Malachias e Simms anotaram de três, e Eddy desequilibrou. Os corintianos erraram passes e bandejas, fato que irritou Teichmann no intervalo, com vitória parcial do Caxias por 48 a 37.



Machuca se lesionou no clássico contra o Caxias

– Eu errei uma bandeja, o Gruber errou uma e tomamos duas de três seguidas. Jogamos duas bolas para fora sem ir à cesta. Estamos nos colocando em situação difícil. A gente está 11 pontos atrás com seis erros grotescos. Tem que melhorar coisas básicas.

O Caxias teve êxito ao marcar a linha de passe do Luvix/União Corinthians a fim de atrapalhar a transição rápida. A estratégia se manteve e a vantagem aumentou. Gillard garantiu 13 pontos, Teichmann e Caf-ferata mais 12 cada, porém, foi insuficiente. Com show de Eddy, cestinha com 31 pontos, 18 deles de fora do perímetro, os caxienses venceram por 89 a 72. Ao analisar o resultado, Athos admitiu a jornada ruim.

– Começamos muito mal novamente. Tivemos a perda do Lucas, e nosso time decaiu muito em qualidade. Tem que dar uma resposta melhor disse.

Recomeços

Os exames confirmaram o final da temporada para Ícaro, que agendou as cirurgias do joelho e do ombro esquerdos. Diego e Athos encontraram a reposição em um ala de 39 anos, tetracampeão brasileiro, ex-seleção e afiado da linha dos três pontos.

– Fala, galera. Sou Duda Machado e agora eu também sou Luvix/União Corinthians – anunciou nas redes sociais o lateral apresentado no dia 23 de dezembro.

Duda flertava desde 2020 com o clube pelo qual seu irmão, Marcelinho Machado, atuou nos anos 1990. O ala franzino e de braços longos foi sondado para o Estadual e para o Brasileirão da CBB, porém, fechou com Sojão e Botafogo. Após passar pelo Universidad de Concepción, representante chileno na Champions League das Américas, Duda acertou com Diego e viajou. Chegou a Santa Cruz na véspera do Natal e, cinco dias depois, estava no Arnão para encarar o Mogi. Partida que marcou, também, a estreia de Leozão. Ao aceitar contrato sem custos durante o tratamento do joelho esquerdo, o pivô acreditava que atuaria no final de janeiro. Auxiliado por Tuba, entrou em quadra no dia 28 de dezembro. Emocionou-se pelo retorno contra adversário direto, que figurava no G-12.

O Mogi efetivou o técnico Danilo Padovani, ex-auxiliar de Paco García e Guerrinha. Talentoso jogador que interrompeu a carreira por

conta de um acidente de carro, Padovani orientou equipe cujos destaques tinham menos de 30 anos, à exceção do selecionável Fúlvio Chiantia. Aos 40, o armador magrelo e ágil, que usava faixa branca na cabeça, fazia jus ao codinome de Magic Fúlvio. Era o tutor dos pivôs Wesley Castro e Thiago Mathias, do armador Lucas Lacerda e dos alas Guilherme Lessa e Wesley Mogi.

– Jogo importante para recuperar a moral, para buscar esta vitória. Mogi é um time candidato direto à vaga nos playoffs com a gente – projetou Athos.

Diante de 760 torcedores, Gruber, que reencontrou seu ex-clube, começou aceso. Cinco pontos e 8 a 8 no placar. O Mogi fez 18 a 10, e Athos acionou Duda, que converteu o primeiro chute de três. Machuca, recuperado da pancada no cotovelo, guardou mais dois e serviu Leozão, que só cumprimentou. Simms empatou, Wesley Mogi e Teichmann trocaram pontos, Fúlvio e Wesley abriram vantagem, e Cafferata, na última bola do primeiro tempo, reduziu o prejuízo – 47 a 42. Na volta, Duda e Gruber guardaram de fora do perímetro. Virada. Que se esfalelou com Wesley, Lucas e Fabrício.

Lelê reagiu, Duda aproveitou dois lances livres, e Leozão cravou a bola final do terceiro período – 67 a 67. Cafferata, então, chamou o jogo. Dois disparos de longa distância e vantagem de 81 a 74. Gruber roubou a bola, encontrou Simms que, em vez de chutar, serviu o argentino. Mais três. Gruber pontuou e, no minuto final, Cafferata fez a cesta e sofreu a falta.

– Vamos chegar ao minuto final como há muito tempo se queria. O torcedor sobe com Cafferata! – vibrou Leandro Siqueira com 90 a 78 no placar

A torcida aplaudia em pé o show do armador, autor de 16 pontos no último quarto. Simms cavou a falta e guardou os dois lances. Wesley ainda converteu outros dois, e Duda encerrou a partida quicando a bola. Vitória de virada por 92 a 80, a terceira no NBB.

– Sempre acredito em mim. Por sorte, o treinador também – sorriu Cafferata.

Leozão, que atuou por quatro minutos e fez quatro pontos, estampava o sorriso do recomeço bem-sucedido. Confidenciou que cogitou encerrar a carreira, que sofria para suportar as dores das cirurgias, mas que se motivou pela filha e pelos colegas.

– Aceitei esse desafio porque tenho uma filha pequena e quero que ela me veja jogar. Fui premiado com uma grande equipe. Isso dá vontade de trabalhar mais e mais.

Dois dias depois, em 30 de dezembro, Leozão e os colegas voltaram ao trabalho. Partida contra o Pato Basquete, equipe de Pato Branco, cidade de 84 mil habitantes no sudoeste do Paraná, terra do atacante Alexandre Pato, ex-Internacional e Milan. Em sua terceira participação no NBB, o clube queria repetir a vaga nos playoffs da temporada anterior, quando parou diante do Corinthians Paulista. Manteve o técnico Dedé Barbosa, 44 anos, ex-jogador com passagem pelo Corinthians, Flamengo e seleção. Dono do troféu Ary Vidal, dado ao melhor técnico da competição em 2015, ele guiava um esquadrão de atletas abaixo dos 30 anos e velozes, como o armador argentino Mateo Bolivar, o ala-pivô Paulo Henrique Scheuer, o pivô Victor Leal, o armador Matheusinho Brito e o ala Derick Machado, além de dois ex-corinthianos, Aquiles Ferreira e Rafael Paulichi.

Dedé, que ainda perdeu na véspera da partida o armador Luis Fernando Lopes Sacco, o Gemadinha, positivado para Covid-19, apostou no fôlego dos garotos. Bolivar passou por trás das costas até Matheusinho, que fez a bandeja. Teichmann girou e encontrou Gruber de frente para o garrafão – 3 a 2. Bolivar levou o toco de Gruber. Gillard recebeu livre e disparou de três para vibrar simulando óculos com os dedos. Leozão apanhou a bola de costas, girou e acertou o gancho. Repetiu o lance na sequência. Malachias assegurou o rebote e executou a bandeja. Simms garantiu o chuá de fora do perímetro. O Luvix/União Corinthians foi para o intervalo 10 pontos à frente – 35 a 25 – e soube manter a distância. Leozão bloqueou o ataque, cruzou a quadra e enterrou com uma mão. Pousou de braços abertos no aviãozinho e ganhou as palmas de Solismar Ribeiro, antigo chefe da Tô-Tri, torcida organizada criada nos anos 1990.

A empolgação deu lugar à tensão. Bolivar em três mísseis empatou em 51 a 51. Simms errou, e Scheuer, também de três, virou da zona morta. Duda pifou Teichmann, que embaixo do garrafão fez a primeira cesta corintiana em três minutos. Cafferata pediu a bola. Cesta e falta, e UniCo à frente, 56 a 55. Gillard fez o chute perfeito, respondido por Bolivar. Scheuer usou o rebote para enterrar – 64 a 64. Teichmann, passou pelo alto para Leozão, que completou. Cafferata foi preciso de média distância. Após, fez fila na defesa e subiu sozinho para bandeja. Gil-

lard aproveitou dois lances livres, e Simms, mais um. Vitória por 74 a 68. Outra noite de Cafferata como cestinha (17 pontos), seguido por Simms (14) e Gillard (12). Na despedida do ano da retomada, Teichmann, que apanhou nove rebotes, definiu o espírito para o ano seguinte, para a busca da vaga nos playoffs.

– Tivemos qualidade e mérito no final para achar bolas difíceis e ganhar o jogo. Toda vitória vale muito. Não interessa se o time está pronto ou não, tem que ganhar.



Gillard e Léo Assmann em ação pelo Luvix/União Corinthians

Fim de turno

O Luvix/União Corinthians iniciou 2022 em São Paulo. Jogos contra Paulistano e Corinthians Paulista. Potência na base e campeão do NBB em 2018, o Paulistano fechou com o técnico Demétrius Ferracciú, 48 anos, armador que empilhou títulos por Franca e Vasco e disputou a Olimpíada de Atlanta (1996). Ele defendia Franca nas finais da Liga Nacional contra o time de Ary Vidal. Como treinador, passou por Limeira, Minas, Corinthians Paulista e Bauru, onde conquistou o NBB. Em 2021, o Paulistano de Demétrius chegou ao final do turno, em 10 de janeiro, na briga pela vaga na Copa Super 8. O time contava com nomes de seleções de base e principal, a exemplo do armador Cauê Borges, do ala Danilo Fuzaro e do pivô Du Sommer. Felipe Ruivo, Anderson Barbosa, Arthur Bernardi, Brunão Cardoso e Vinícius Ferreira completavam a base do grupo.

Sem Léo Assmann, com Covid-19, Athos viajou atrás da primeira vitória fora de casa. Mas não foi possível. Ao final do período, perdia por 29 a 17 graças a Du Sommer, Fuzaro e Cauê Borges. Filho do ex-jogador Chui, selecionável e ídolo em Franca, Cauê, 30 anos, orquestrava os colegas com a eficiência de um armador que ficou no quinteto ideal do NBB de 2018. Com 17 pontos, ele conduziu o Paulistano à vitória por 90 a 78.

Derrotado na segunda-feira, o UniCo pisou na quadra do ginásio Wlamir Marques para enfrentar seu xará, braço basqueteiro de uma potência do futebol. A partida marcou o reencontro dos clubes que decidiram a Liga Nacional de 1996, com vitória dos paulistas, liderados por Oscar Schmidt. Passados 26 anos, as equipes duelaram pela rodada final do primeiro turno do NBB na mesma condição: quatro vitórias e 11 derrotas, ambas de fora do G-12.

Desde 2018 no NBB, após quase duas décadas de fora da elite, o Timão contratou Léo Figueiró, melhor técnico da competição em 2019. O treinador mesclava jovens e experientes. O bloco sub-30 tinha o ala Pedro Nunes, o armador Felipe Dalaqua, o ala-pivô Alexandre Paranhos e o pivô Lucas Siewert, paredão de 2m08 e 105kg. Já a porção acima dos 30 anos trazia o pivô Renato Carbonari, o ala norte-americano Malcolm Miller, o ala-armador Kyle “Zoom” Fuller, nascido nos EUA e

filho de peruanos, e o armador argentino Diego Figueredo, esse, desfalque contra o UniCo.

Figueiró começou com Dalaqua, Fuller, Miller, Paranhos e Siewert, enquanto Athos apostou em Cafferata, Simms, Gillard, Teichmann e Gruber. Machuca e João Marcos foram os desfalques da vez com Covid-19. O primeiro quarto repetiu as jornadas de erros do Luvix/União Corinthians. Fuller inaugurou o placar de três. O atarracado atleta de 1m85 e 80 quilos, campeão brasileiro pelo Paulistano, tornou-se ídolo da torcida pela disposição. Chamado de “gringo da favela”, marcou nove pontos de saída e, junto com Carbonari, careca de cabeça reluzente e barba, garantiu a folga paulista – 34 a 22.

– Começou mal na defesa, deixamos cestas para eles. É corrigir e voltar melhor para encostar e brigar pela vitória no final – avaliou Gruber na saída para o intervalo.

A cobrança funcionou. Cafferata, Teichmann, Gillard e Simms trouxeram para 34 a 30. Fuller anotou quatro pontos, Duda encaçapou de três, Lelê fez a bandeja e Gillard aproveitou rebote para manter o rival na mira – 46 a 42. Gillard atirou de longe para ficar apenas dois pontos atrás. Mas veio a pane.

Miller surgiu livre, errou o chute, Carbonari apanhou a sobra e acionou o gringo de novo. Chuá de três. Fuller conseguiu a cesta e sofreu falta. Dalaqua costurou a defesa e mandou o gancho. Montipó descontou, Gillard calibrou a mão, Siewert cravou, e Teichmann sacou a bandeja. Lelê fez a cesta final da partida. Como o time sofreu 28 pontos no quarto período, acabou derrotado por 74 a 63.

O Luvix/União Corinthians encerrou o turno na 16ª colocação, como vice-lanterna, à frente somente do Brasília, porém vivo na briga pelas últimas das 12 vagas nos playoffs. Após 16 jogos, Athos sentia gosto agri-doce. Entendia o investimento restrito, mas ainda lamentava derrotas nos segundos finais para Cerrado, Unifacisa e Fortaleza, resultados que custaram a posição na zona de classificação. Acreditava que poderia decolar no retorno. O nível de exigência do NBB já não intimidava. Era a realidade em que o técnico, Diego e os atletas colocaram o basquete de Santa Cruz.



Yago, armador da seleção, arremessa marcado por Machuca



Teichmann manteve em casa o histórico de enterradas



Simms encara Arthur, um dos principais ídolos do Brasília



Cafferata durante a derrota do UniCo para o Cerrado



Ex-NBA, Caboclo tenta a cesta diante de Malachias



*Luvix/União Corinthians derrotou o badalado
São Paulo pelo NBB*



Athon e Diego comemoram a vitória histórica sobre o São Paulo

Capítulo 7

5 de fevereiro de 2022



Gruber extravasa. Retorno de jogo histórico no Arnão

Cai o último invicto

Facundo Corvalán acertou dois lances livres. Mike Simms carimbou o aro. Shaq Johnson guardou de fora do perímetro. Luis Gruber e Grantham Gillard vieram no chuí de três. Tavarrio Miller enterrou. O ritmo seguiu intenso. Lucas Machuca somou oito pontos. Costurou a marcação e serviu Lelê, que cravou com as duas mãos. Guilherme Teichmann recebeu e só parou pendurado no aro. Vinicius Malachias contribuiu para o festival de enterradas, que teve voo de Gui Santos na ponte aérea. A bola de longa distância de Renan Lenz encerrou o segundo período com vitória parcial por 55 a 38. O retorno do NBB começava com tempestade mineira em Belo Horizonte.

O Luvix/União Corinthians voltou à quadra no sábado, 29 de janeiro de 2022, depois de 17 dias de folgas e treinos. Visitou um Minas Tênis em estado de graça pelo título inédito da Copa Super 8, após bater o São Paulo por 78 a 77. O técnico Léo Costa vibrava pelo jogo consistente, repetido diante dos santa-cruzenses. Athos Calderaro usou as duas semanas para recuperar atletas que tiveram Covid-19 e para afinar o ataque, que registrou média de 73,4 pontos por jogo no turno. Também queria conter o Minas.

– Temos que levar o jogo equilibrado – disse antes da partida.

O planejamento ruiu, apesar da galhardia gaúcha. Machuca mandou seu chute alto e certeiro. Malachias e Enzo Cafferata deixaram o prejuízo em nove ao final do terceiro quarto – 73 a 64. A cravada de Gruber, após passe de Duda Machado, manteve o time no jogo até os três minutos finais, quando o Minas desgarrou. Renan, Gui Santos e Shaq encerraram a noite com 19, 18 e 16 pontos. O time de Athos foi conduzido pelos gringos – 17 pontos para Machuca e Gillard e outros 13 para Simms – na derrota por 97 a 82.

O UniCo retornou a Santa Cruz ciente de que seria preciso ter a eficiência dos mineiros nas rodadas seguintes, dois compromissos no Poliesportivo, a começar pelo confronto direto com Rio Claro. Athos perdeu Malachias, com Covid, e contou com Leozão Waszkiewicz, poupado em Minas para se recuperar da infecção por coronavírus. Betinho inaugurou o placar. Teichmann empatou e iniciou a troca de cestas. O norte-americano Jamaal Smith, armador ex-Franca, pôs à frente o Rio Claro, que abriu 10 pontos. Cafferata, com um chute três e outro chute

de média distância, empatou em 30 a 30. O próprio argentino virou. Simms ainda mandou de longe e aguardou de braço erguido o chuá. O UniCo fechou o segundo período vencendo por 38 a 34.

– Iniciamos o segundo quarto marcando muito mal, mas a defesa voltou para o jogo. O jogo é longo – disse Athos no intervalo.

Lelê doutrinou no terceiro quarto, com sete pontos, dois rebotes, toco e enterrada. Betinho virou em dois lances livres. Nada de se abalar. Gillard comemorou chuás de três, e Teichmann deu a enterrada da noite. Leozão tornou-se um limpa-trilhos no garrafão. Dois chutes certos de Cafferata, que administrava fortes dores musculares e definiu da linha do lance livre a quinta vitória corintiana no NBB – 84 a 75.

– Fim de papo no Poliesportivo. Cinco vitórias consecutivas aqui – vibrou o narrador Leandro Siqueira no microfone da rádio Gazeta.

À beira da quadra, o repórter Felipe Kroth desenrolou o inglês para que Simms e Gillard, 18 e 17 pontos, expressassem a confiança no time e a gratidão ao torcedor.

– Não gostaria de começar a carreira profissional em outro lugar – disse Gillard.

O supertime de Franca

– Mano véio, nós vamos ganhar.

– Não ganham nem a pau.

Leozão expôs confiança acima do esperado ao conversar com o amigo Wellington Pereira, o Baianinho, mordomo do Franca. A lógica jogava contra. No sábado, 5 de fevereiro, o penúltimo colocado recebeu no Arnão o líder e último invicto do NBB. O pivô, que defendeu o clube paulista, sentia o clima diferente. Refeito do susto da Covid-19, que o levou ao hospital, o gigante aprovou a intensidade dos treinos, apesar das dores nos músculos e articulações. O desgaste de joelhos e quadril o fez questionar sua presença em quadra, mas o beijo da filha Helena o motivou a atuar sob os olhares da menina.

Leozão levou ao vestiário a crença no improvável. Léo Assmann divergia. Queria evitar passeio similar ao do primeiro turno – derrota por 41 pontos. O pivô deu de ombros. Insistiu que era possível vencer um rival com 19 vitórias consecutivas. Athos concordava. E traçou estratégia de defesa para chegar vivo ao último quarto. Cada atleta teria de

marcar à exaustão seu respectivo adversário, sem socorrer um colega que foi driblado.

– Moçada, é cada um garantir o seu homem e não dar muita ajuda. Se um cara fizer 40 pontos, que ele faça 40 pontos, mas vai ser só um cara com pontuação alta.



Leozão apostou que invencibilidade de Franca cairia no Arnão

Helinho, técnico de Franca, apostava na fatura de opções para manter a intensidade no jogo, considerado especial pela torcida local porque marcava o retorno a Santa Cruz da equipe que rivalizou com o Corinthians de Ary Vidal. Foram nesses anos que Helinho passou de promessa a realidade na equipe treinada pelo pai, Hélio Rubens.

– Fico feliz de poder voltar a essa quadra, onde tive momentos bons e ruins, mas sem dúvida marcantes – comentou o treinador antes do duelo.

Todo de branco, o Luvix/União Corinthians foi aplaudido por quase 800 torcedores. Crianças, adultos e idosos. Os jovens das escolinhas do clube dividiram espaço com Piru, Gilmar Weis, Marco Jardim e os fanáticos Samuel Azevedo, Lucas Larralde e Solismar Ribeiro.

Diretor do Colégio Mauá, educandário que formou gerações de basqueteiros, Nestor Raschen voltou ao ginásio. Esposa de Cruxen, a jornalista Simoni Gollmann sentou-se atrás do banco corintiano, acompanhada da irmã Fernanda, ritual de todas as partidas no Arnão. Mãe do ala Ícaro, Marilene Allesi ficou próxima aos familiares de Leozão, na saída do vestiário.

Todos vibraram quando Cafferata, Simms, Gillard, Teichmann e Gruber se posicionaram diante de Santiago Scala, Georginho, David Jackson, Lucas Dias e Lucas Mariano. Respeitado o minuto de silêncio pela morte, aos 79 anos, de Gerasime Bozikis, o Grego, ex-presidente da CBB, a bola subiu. Teichmann superou Mariano, e Cafferata costurou o lance que terminou no chute de três do ala-pivô.

– Teichmann bota lá dentro. Já dá o cartão de visitas – narrou Guilherme Maia na transmissão oficial do NBB.

David Jackson descontou. Gillard conduziu e passou por baixo para Teichmann. Cravada com as duas mãos. Lucas Dias respondeu na bandeja. Cafferata meteu sua primeira bola de três. A marcação permitiu a Gillard outra bola de longe – 11 a 4.

– Que começo do União Corinthians. Voltagem incrível – derreteu-se Gustavinho Lima, ex-armador que se tornou comentarista do NBB.

Teichmann sentia-se um garoto. Avançou em direção ao garrafão e soltou a bola na cesta ao estilo carteiro. Gillard se empolgou. Encarou Georginho, desviou do toco e garantiu mais dois. Franca errou no ataque, Simms e Cafferata converteram arremessos. Mariano cravou com raiva. O lance não intimidou Leozão. Cesta de fora do perímetro. Lucas Dias carimbou o aro. Depois, nem isso. O UniCo venceu por 26 a 20 o período.

– Sensacional, sensacional – embasbacou-se Alexandre Cruxen, parceiro de Rodrigo Vianna e Felipe Kroth na jornada da rádio Gazeta. – Primeiro quarto perfeito, de atitude no ataque e na defesa. Primeiro quarto de gabarito!

Jhonatan Luz acertou torpedo de três. Leozão garantiu a cesta e sofreu a falta, comemorada com aviãozinho. Georginho e Duda pararam no aro, Simms e Gruber aproveitaram dois lances livres cada, Cafferata executou a bandeja. Mariano errou. Gillard chutou torto, Leozão pegou rebote e guardou com ajuda da tabela. Lelê buscou a bandeja e levou dois tocos. Na sobra, Cafferata chutou com precisão de três.

Guilherme Maia e Rodrigo Vianna começaram a se questionar se era a noite de queda do invicto. Leozão grudou em Georginho, que escapou do desarme. De frente para o rival, o pivô deu dois tapas no chão e provocou. Georginho passou e foi parado com falta. Mais dois pontos. A 18 segundos do intervalo, Machuca tentou o gancho e acertou o aro. O rebote encontrou a mão de Leozão. Tapa, cesta, aviãozinho e torcida em pé a vibrar – 48 a 36.

– A gente não conseguiu jogar em transição. A gente levou 48 pontos, o que para nossa defesa é um absurdo. Estamos muito frouxos na defesa. Fizemos só 36 pontos, o que é muito baixo – diagnosticou o inconformado Georginho no intervalo.

Para Cruxen, foi um primeiro tempo de “livro de basquetebol” pelo vigor da marcação e a eficiência do ataque. Gustavinho elogiou a defesa, que garantiu nove rebotes e forçou erros dos paulistas. A circunstância tirou Franca da zona de conforto. Lucas Dias de mão espalmada barrou Cafferata. David Jackson conseguiu cinco pontos, e Georginho cravou. Teichmann não se assustou. Enterrou, após passe de Simms. O gringo garantiu mais cinco pontos. Ao buscar outros dois, levou o toco de Mariano e a encarada no pouso estatelado no chão. Georginho rasgou a defesa até a cravada – 61 a 49 para o UniCo.

– Está tremendo o ginásio, está tremendo a câmera – empolgou-se Maia.

Teichmann encontrou Gruber, que simplificou na bandeja. Machuca fintou Georginho, evitou o toco e garantiu a cesta. O armador francano ficou sem opção de ataque e arrancou para enterrar de novo. Athos pediu serenidade. Nada de sair do marcador para tentar parar Georginho, explosivo atleta de 1m97 e 96 quilos.

– Se eles ganharem, Georginho que vai ter que fazer 80 pontos – disse Athos.

O Luvix/União Corinthians iniciou o último quarto com nove pontos de folga – 67 a 58. O que parecia delírio no começo da noite já soava como verossímil. Scala matou de três. O erro de ataque de Franca terminou com Mariano e Lelê engalfinhados. Simms correu até o colega e encarou o rival. O francano passou a ser vaiado. Machuca errou a bandeja, que serviu de atalho para cravada de Lelê. Scala e Gillard acertaram de três, e Mariano enterrou com facilidade – 80 a 78. O empate não veio porque Teichmann, de mão trocada, fez a bandeja. Lucas Dias converteu dois lances livres, e ganhou a chance de virada a dois

minutos e meio do fim. Georginho bateu entre as pernas, chutou pela diagonal e deu aro. O rebote voltou ao ala. Novo chute. A bola girou no aro e saiu.

– Era a bola para assumir a liderança – suspirou Maia.

Parte da torcida ficou em pé. Havia o temor da virada. Franca voltou a ter a posse, David Jackson se desmarcou e pifou Lucas Dias na zona morta. Aro. Simms gingou e cavou a bandeja e a falta. Respirou, quicou a bola e a colocou na cesta – 85 a 80 a um minuto e meio do fim. David Jackson converteu mais dois lances livres, e o Luvix/União Corinthians estourou os 24 segundos de posse. Georginho esbarrou em Gillard. Errou o arremesso e, ao cair, cometeu falta em Teichmann, que converteu o segundo lance – 86 a 82 faltando 29 segundos. Em pé na cabine, Cruxen chamava pelos antigos mestres.

– Tomara que Waldir Boccardo e Ary Vidal estejam por aqui.

Debaixo de vaías, Georginho voltou à marca do lance livre. Mais dois pontos e 24 segundos a serem jogados. O UniCo seguiu a cartilha. Fez o tempo correr até Cafferata sofrer falta. O capitão, diante de torcedores em pé, guardou os dois lances livres.

– Está pertinho de cair o último invicto do NBB. O penúltimo derrubando o líder, o penúltimo derrubando o invicto – repetia Maia no microfone.

Os gritos de “um, dois, três, Franca é freguês” ecoaram pelo Arnão. David Jackson arriscou marcado por Simms e acertou o aro. Leozão ficou com a posse e sofreu a falta. Helinho sentou-se, resignado. Os amigos Thomas Barden e Henrique Ferreira giravam a camiseta do UniCo à beira da quadra, movimento repetido por centenas de corintianos.

– Vencemos, Cruxen! Faltam nove segundos – extravasou Rodrigo Vianna.

Leozão errou o primeiro lance. O pivô quicou a bola cinco vezes, armou o gatilho e arremessou. Chuá. Georginho cruzou a quadra em quatro segundos e foi parado por Leozão. Falta. O gigante balançou os braços para chamar o torcedor. Georginho converteu o primeiro lance livre. Apanhou a bola e a lançou por gosto no aro. O próprio ala, pressionado por Teichmann, arremessou no rebote. Bola na tabela. Mariano evitou a saída e Scala brigou com Cafferata. O corintiano levou a melhor – 89 a 85.

– Acabou, acabou, acabou! Caaaai o último invicto do NBB – sentenciou Maia.



Teichmann e Duda Machado vibram com a histórica vitória sobre França

O Arnão entrou em êxtase. Torcedores aos pulos e gritos, com celulares a filmar a festa. Athos se virou para o público, fechou os olhos e vibrou. Léo Assmann abraçou amigos e depois saltou nas costas de Gruber. Leozão escalou a arquibancada para abraçar Helena. Colocou a filha nos ombros e voltou à quadra para reger a massa. Teichmann, 17 pontos e 12 rebotes, estava realizado. À imprensa, sintetizou o sentimento de cada corintiano por derrubar um dos times mais fortes do continente.

– Sentimento de nostalgia do que eu vivia, do que estou vivendo, do que sonho que está por vir. Estou arrepiado. Um time modesto fazendo resultados expressivos. Um dia histórico. Mostra que trabalho dá resultado e que o jogo se ganha na quadra.

A sina do visitante

A quebra da invencibilidade de Franca e a sexta vitória no NBB coroaram o bom momento do casamento entre time e comunidade. Surpreendia jogadores experientes o apoio mesmo nas derrotas. Gruber, Duda e Leozão curtiam a empolgação das crianças que, após as aulas, pediam autógrafos e selfies nos almoços no restaurante Schutz, o Gellada. A tietagem também se verificava nos jantares na churrascaria Centenário e nas sessões de musculação na academia Sublime. Esse carinho fez Gruber mudar o plano de atuar até dezembro em Santa Cruz. Conversou com a esposa, Anise, e decidiu ficar. “Muito feliz em anunciar minha continuidade. Tinha acordado período curto, mas essa alegria e empolgação da torcida também ajuda na continuidade. Espero fazer um ótimo segundo turno”, anunciou nas redes sociais ainda em dezembro de 2021.

A parceria tinha mão dupla. Diego estabeleceu o ingresso solidário. Mediante doação de alimentos, brinquedos ou roupas, o torcedor pagava a metade do tíquete de cada partida. Até fevereiro de 2022, a estratégia resultou na doação de 900 quilos de alimentos para instituições de caridade e de 300 brinquedos para alegrar o Natal de crianças atendidas por projetos da prefeitura de Santa Cruz. A Luvix e a Medlive doaram ao município 7,2 mil máscaras descartáveis, utilizadas para frear casos de Covid-19.

O elenco perdeu Guilherme Magna e ganhou o auxiliar Julio Malfi. Amigo de Marcel de Souza, um dos mentores de Athos, Malfi, 53 anos, dominava a engrenagem do triângulo ofensivo. Ele se juntou à comissão em janeiro, nas duas rodadas finais do primeiro turno. Seu trabalho agradou nas semanas de treinos que precederam as vitórias sobre Rio Claro e Franca. Pelos resultados, o time parecia pronto para dois jogos em Brasília. Era o momento de ganhar como visitante. Na 14ª colocação, o Luvix/União Corinthians entrou embalado no ginásio Nilson Nelson, complexo para 11 mil torcedores cujo design do alto lembra uma tampa de garrafa, para enfrentar o lanterna Brasília. Exibição sem torcida por causa da nova proibição de público imposta pelo governo local em razão da pandemia, que superava 640 mil óbitos no país em quase dois anos.

A equipe da capital federal surpreendia de forma negativa, já que o investimento exigia briga pelos playoffs. Para reagir, o técnico Régis Marrelli contava com o armador Ricardo Fischer e o norte-americano Zach Graham, ala magrelo que usava tranças curtas, óculos de acrílico e tênis verde-limão. Os dois ficaram de fora da partida em Santa Cruz, a primeira vitória do UniCo no torneio. No retorno, Athos repetiu o time que bateu Franca. Quinteto que no aquecimento estranhou a quadra. O piso prendia o pé. Era o efeito colateral do uso, na rodada anterior, de pó de magnésio para combater a umidade. O preparador físico Alexandre Kessler pediu atenção diante do risco de lesões.

Gruber abriu os trabalhos. Chuá de três. Zach descontou, e Gruber encaçapou outro chute. O ala Gemerson Barbosa fez sua primeira cesta. Teichmann abriu, Gemerson igualou de novo e o pivô Ronald, 2m13 e 120 quilos, enterrou sem dificuldades. Zach e Gemerson acertaram a mão outra vez, enquanto o Luvix/União Corinthians travou. O primeiro quarto terminou com os anfitriões sobrando – 27 a 13.

A rotina de atuações decepcionantes longe do Arnão se repetia. Era difícil acreditar que o time de defesa frágil quebrou a invencibilidade de Franca. Athos tentou João Marcos, Malachias e Machuca. Na defesa pela direita, o argentino tentou mudar de direção para marcar, travou o pé direito e levou a trombada. O barulho seco da queda ecoou no ginásio quase vazio. O armador foi carregado por dois colegas até o banco. Pôs uma toalha sobre a cabeça e se contorcia enquanto recebia o atendimento do mordomo Luciano Hillesheim.

Suspeitou-se de imediato de ruptura do ligamento do joelho. Machuca saiu lesionado a quatro minutos do intervalo. Dois minutos mais tarde, outro baque. Quase no mesmo local da queda do argentino, Gruber travou o pé esquerdo. O joelho veio para trás, uma hiperextensão. Ele sentiu a agulhada e desabou. Pela dor, concluiu que rompeu pela segunda vez os ligamentos do joelho. Inconformado, desferiu um soco no piso. “Não pode ser, de novo não”, pensava ao ser levado ao banco. Sentou-se ao lado de Machuca, que chorava. Gruber olhava desolado para Luciano e Tuba ao cogitar nova cirurgia.

As duas perdas consumiram o que restava de ânimo ao time, que saiu para o intervalo perdendo por 19 pontos – 53 a 34. Machuca foi carregado até o vestiário, e Gruber saiu mancando. O clima inviabilizou qualquer reação. Athos perdeu um titular e o armador que permitia o descanso de Cafferata. Pelo receio de novas baixas, segurou Leozão no

banco. Malachias, João Marcos e Léo deram boas respostas. Malachias se destacou com 18 pontos e cinco rebotes, na derrota por 92 a 71. Gerson, 25 pontos, foi decisivo para impor ao UniCO o 11º revés em 11 partidas como visitante.

O drama de Machuca e Gruber prosseguiu no dia seguinte, ao serem examinados no hotel Mercure, na região central da capital. Os diagnósticos definitivos dependiam de ressonâncias, porém, as avaliações indicaram que Machuca rompeu o ligamento cruzado anterior do joelho direito, e que Gruber sofreu um edema. O argentino perdeu a temporada. O pivô voltaria em breve. Assim, Athos administrou desfalques ao encarar o Cerrado no acanhado ginásio da Asceb, a associação de empregados da antiga Companhia Energética de Brasília (CEB). A conversa no vestiário priorizou a retomada da confiança.

– Moçada, defesa forte. Jogo feio, não vamos deixar os caras jogarem. Podemos ganhar de um ponto, paciência – definiu Athos, que escalou Leozão na vaga de Gruber.



Júlio e Larralde (nas pontas) reforçaram a comissão técnica de Athos

O técnico queria evitar que Kenny Dawkins e Isaac Thornton desandassem a pontuar e cobrou o nível de concentração apresentado contra Franca. O time seguiu a ordem. Apanhou 15 rebotes e brigou por cada palmo de quadra. O Cerrado também marcou. O resultado foi o primeiro período com vitória corintiana por 9 a 8. Gillard, Malachias e Léo fizeram, cada um, sua cesta.

O quarto seguinte teve melhora ofensiva. Thornton guardou da zona morta e Duda pontuou na bandeja. Dawkins, de três, colocou o Cerrado à frente. João Marcos retomou a dianteira, Dawkins chutou com precisão, e Duda empatou com dois lances livres – 25 a 25. O UniCo desgarrou cinco pontos pelas mãos de Cafferata e Leozão. Gillard ampliou para 10. Dawkins marcou, e Cafferata respondeu. Malachias derrubou os três arremessos de longe que tentou, o último depois de passe pelas costas de Duda. Foi determinante para sustentar 53 a 37 no placar. A marcação intensa impediu o Cerrado de se aproximar. Simms passou para Malachias que escorou para Teichmann, que enterrou. Duda incluiu mais uma bola de três nas suas estatísticas, assim como Simms, que converteu o último chute do jogo. Fim da maldição do visitante.

– Termina o jogo, 73 a 55. Que vitória maiúscula! – comemorou Rodrigo Vianna.

Os abraços dos jogadores no meio da quadra ilustravam o alívio pelo primeiro triunfo longe de Santa Cruz em 12 tentativas. Com sete vitórias no NBB, o Luvix/União Corinthians seguia em 14º lugar, a duas posições da zona dos playoffs. Teichmann, que apanhou 12 rebotes e deu sete assistências, vibrou pela consistência da atuação e pelo poder de reação do grupo. Via o caminho aberto para decolar no NBB.

De volta ao Arnão

O exame de imagem em Machuca confirmou a ruptura do ligamento cruzado anterior do joelho direito. Cirurgia e oito meses de recuperação. Fim de temporada. Diego, que admirava o profissionalismo do armador, assumiu o compromisso com o gringo:

– Faz o tratamento, vou manter teu salário e no ano que vem você estará aqui.

Gruber teve mais sorte. Lesão no menisco do joelho esquerdo. Nove dias depois do trauma, mesmo com dores, voltou a jogar. Começou no

banco o duelo no Arnão, na sexta-feira, 18 de fevereiro, diante do Unifacisa, quinto colocado no campeonato. Mais de 1,3 mil pessoas empolgadas pela boa fase. Amigo de infância de Athos e um dos abnegados do basquete local, Marcelo Denizar Martin rumou ao Poli. Ficou em pé, atrás da mesa da arbitragem. Confiava na oitava vitória, sentimento compartilhado no ginásio.

– É hoje, torcedor! Vencer mais uma e manter a boa fase – bradou Rodrigo Vianna na abertura da jornada da rádio Gazeta.

Os alas Antonio Elpídio e Jimmy Dreher mostraram em dois mísseis que a noite seria tensa. O pivô Guilherme Hubner acertou a terceira bola de três. O trio Antonio, Jimmy e Hubner sobrou. O Unifacisa folgou em 19 a 2. Gruber, no chute alto de três, encerrou o jejum que durou quase oito minutos. O pivô venezuelano Miguel Ruiz garantiu outra cesta e o prejuízo só não foi maior por causa de dois tiros de Duda – 21 a 11.

– Cafferata não conseguiu achar o seu momento no jogo. Se ele joga mal, a equipe com certeza joga mal – diagnosticou Cruxen.

Duda tentou compensar. Pifou Lelê, que enterrou. Gruber fez a cesta. Grandalhão de cavanhaque, Antonio seguia quente. Mais 10 pontos. Gillard e Simms despertaram e o time encostou. Kevin Crescenzi, lateral de topete espetado, encaçapou a bola final do segundo período. Vitória do Unifacisa por 38 a 33. Teichmann e Leozão empataram na retomada do confronto. David Cubillan e Cafferata mantiveram a igualdade, que permaneceu na enterrada de Teichmann. Duda, livre, virou. Hubner respondeu, e Gruber garantiu quatro pontos. O UniCo chegou ao período final na dianteira – 57 a 52.

Até então com seis pontos, André Góes acordou. Converteu dois lances livres e guardou dois chutes de três, comemorados com os tradicionais óculos – mãos em frente aos olhos, com indicador e polegar formando um círculo, e os outros três dedos erguidos. A quatro minutos do fim, o placar registrava 65 a 65. André desgarrou para 71 a 65. Teichmann buscou mais dois, o pivô Gerson anotou dois lances e Duda, a 22 segundos, vibrou pelo disparo de três – 73 a 70. O Unifacisa segurou a bola e coube a Lelê cometer a falta em Cubillan. Um lance certo e fim da série de vitórias em casa – 74 a 70. André, 15 pontos no quarto, determinou a sorte do jogo, que teve Gruber com 14 pontos.



***André Goés decidiu no último quarto o jogo
a favor do Unifacisa***

– Não foi possível ganhar, mas nosso objetivo agora é ganhar do Cearense no domingo, um adversário direto na busca pela classificação – bradou Leozão.

O domingo, 20 de fevereiro, voltou a ter mais de mil pessoas no Arnão, ginásio com uma das melhores médias de público do NBB – 1,1 mil presentes. A família do ala Léo Assmann vibrou das arquibancadas, inclusive com Théo, 2 anos de idade, fardado com a regata de número 4, a mesma usada pelo irmão. O apoio era necessário. O Fortaleza/Basquete Cearense ocupava a 12ª colocação, a última na zona de classificação, com sete vitórias em 21 partidas. O UniCo registrava sete triunfos. Se vencesse, passaria o rival, que perdeu três gringos por lesão: Desmond Holloway, Rashaun McLemore e Nehemias Morillo. Por outro lado, o técnico Alberto Bial recebeu o ala-pivô ítalo-brasileiro Felipe Motta, jovem de 18 anos formado nos EUA, e o lateral João Marcello Pereira, o Mãozinha, 21 anos, que retornou ao Brasil após disputar o campeonato sérvio.

Richard Granberry enterrou. Leozão conferiu o rebote cravando e comemorou no aviãozinho. Simms engatilhou pela esquerda. Chuá. Gruber guardou de três. Motta encarreirou cinco pontos. O equilíbrio do primeiro quarto sumiu pelas mãos de Mãozinha. O ala magrelo de cabelos encaracolados anotou 15 pontos. Acertou de longe, enterrou em rebote e fez bandeja. A cinco segundos do intervalo, pegou a bola quase do meio da quadra e, desequilibrado, arremessou feito um balão no futebol. Certeiro – 41 a 26.

– Ah não! Do meio da quadra ele atirou a bola para cima, Cruxen, e foi lá dentro – narrou o boquiaberto Rodrigo Vianna.

Cruxen lamentou as escolhas erradas de ataque do Luvix/União Corinthians. O time voltou mais aceso, Leozão marcou no rebote, e Duda encaçapou de três para pedir, com as mãos para o alto, o apoio da torcida – 59 a 44. O UniCo retomou a posse, porém Simms errou o passe. Guiado pelo armador Davi Rossetto, o Fortaleza disparou. Ex-corintiano, Ralfi Ansaloni converteu de fora do perímetro. Parte da torcida ensaiou vaias e outra parte decidiu ir embora. A defesa cresceu, Cafferata e Simms trouxeram o placar para 83 a 77 a 30 segundos do fim. Davi acertou um lance livre. Gillard arriscou de longe. A bola bateria no aro, mas o corte enquanto descia rendeu três pontos – 84 a 80.

– Toda bola está sendo disputada como um prato de comida – aprovou Cruxen.

Serginho Montipó barrou Davi, que perdeu os dois lances. O UniCo seguia vivo faltando 17 segundos. Cafferata invadiu o garrafão e, ao ensaiar a bandeja, lançou na esquerda. Para ninguém. Lelê não entendeu, ficou na sua posição, e a bola se perdeu junto com o jogo. Pedro Lima guardou dois lances livres. Vitória do Fortaleza por 86 a 80.

Turbulências

Os semblantes fechados no Poliesportivo estampavam a decepção pelas oportunidades perdidas de ingressar no G-12. Depois de seis vitórias consecutivas em casa, o Luvix/União Corinthians caiu para Unifacisa e Fortaleza. Os resultados deixaram o clima no vestiário pesado, e os próprios atletas criticaram a atuação contra o Carcalion.

– Todo o jogo é final para ir aos playoffs. A atitude de hoje não foi de quem quer ir aos playoffs – protestou Duda, 13 pontos diante do Fortaleza, atrás dos 23 de Cafferata.

A tabela marcou a tentativa de reação para 4 de março fora de casa, diante do São Paulo, quarto colocado no NBB. Desta vez, sem surpresas. O ala-pivô Bruno Caboclo terminou com a partida – 20 pontos e 11 rebotes. Seis atletas são-paulinos superaram os 10 pontos, marca obtida somente por Duda no lado corintiano. O UniCo sustentou o equilíbrio até o final do segundo período, com 15 a 15 no placar, mas o Tricolor Paulista desgarrou. Bolas de três, infiltrações e enterradas na vitória sem sustos por 98 a 71.

Athos ganhou uma semana para treinar. O sonho do playoff passava por ao menos uma vitória sobre Bauru e Pinheiros no Poli. Gillard voltou a sentir o ombro e assistiu do banco à peleia com o Bauru, no sábado. Duda substituiu o norte-americano na partida contra o bonde de Alex Garcia, Larry Taylor e Rafael Hetttsheimeir. Teichmann inaugurou o placar, Hetttsheimeir empatou, Alex encaçapou de três, Cafferata respondeu. O disparo de Simms e a bandeja de Teichmann deram a vitória parcial no intervalo – 36 a 31.

Teichmann e Duda colocaram a vantagem em 10 pontos. O argentino Enzo Ruiz acertou quatro tiros de fora do perímetro. O quarentão Alex mantinha jornada consistente e pôs o Bauru à frente. Lelê, com enterrada e lance livre, empatou – 54 a 54. Felipe Vezaro guardou de longe. Simms repetiu o feito. O “toma lá dá cá” prosseguiu até o antepenúltimo minuto. Larry converteu três chutes de três. Cafferata descontou, Vezaro assegurou outra cesta. A 16 segundos do fim, Cafferata deixou o UniCo três pontos atrás. Falta em Larry e restava torcer pelo erro. Em vão. Dois chuás. Nova derrota em casa – 82 a 77.

A série de quatro reveses, três em casa, teria de ser quebrada na segunda-feira, 14 de março. O Luvix/União Corinthians seguia com duas vitórias a menos do que os concorrentes pelo último posto nos playoffs. O rival da vez, o Pinheiros, vivia situação confortável, em oitavo. Foi ao Arnão sem o pivô Dikembe da Silva. Abriu o jogo com Deryk Ramos, Jonas Buffat, Jefferson William, Dominique Coleman e Gui Abreu. Sem Gillard, Athos escalou Cafferata, Simms, Lelê, João Marcos e Teichmann.

– É um momento muito ruim que a gente vem passando. A gente tem que ter mais paciência, tranquilidade, cuidar mais da bola – afirmou Athos.

O momento de baixa pesou na bilheteria. Em vez de quase 1,2 mil torcedores, o Poli recebeu cerca de 630 pessoas. O Pinheiros marcou 22 a 15. Athos repetiu a cobrança de zelo com a bola, já que os chutes de três pontos carimbavam o aro. Gruber e Malachias mudaram o panorama ao somarem 16 pontos no segundo quarto. Lelê virou no gancho. Jefferson respondeu. Lelê, no tapinha e com um toco, garantiu a vantagem – 46 a 42.

– Mudou a atitude defensiva. O ataque está fluindo. É voltar assim – disse Gruber.



Gruber puxou a reação diante do Caxias no Arnão

Junto de Cafferata, o pivô se destacou no terceiro período marcado pela troca de cestas. Dois ataques inspirados. A sete segundos do término do quarto, Duda quicou de frente para Jefferson, ameaçou e abriu na esquerda para Gruber. Chuá de três. Gui Abreu disparou e um passo depois de cruzar o meio da quadra arremessou. Chuá.

– Quem olha a classificação não pensa que é o oitavo jogando contra o 16º – observou Bruno Laurence na transmissão do NBB.

Munford correu e enterrou. Deryk errou, Lelê acionou Teichmann, que lançou para o alto. Leozão completou a ponte aérea e saiu de aviãozinho – 79 a 77. Simms acertou a bandeja. Sofreu a falta, porém perdeu o chute extra, o que permitiu a Colemann segurar a desvantagem paulista em dois pontos. O próprio gringo virou de longa distância, após Lelê perder dois lances livres. Leozão acertou o gancho. Colemann aproveitou mais três lances livres – 85 a 83 para o Pinheiros no minuto final.

Athos pediu tempo e organizou ao menos duas posses. Na primeira, Duda se movimentou e recebeu apertado na zona morta. Nem sequer beliscou o aro. A 11 segundos do fim, Colemann atirou. E errou. Rebote com Leozão, que sofreu a falta. O pivô chamou o torcedor. Desperdiçou os chutes e a chance de empatar. Buffat foi eficiente. Dois lances convertidos sob vaias – 87 a 83. Só um milagre salvaria. Malachias mandou rápido de três. Aro. A bola ainda ficou com Teichmann. Salto e arremesso rápido. Aro. E a quarta derrota consecutiva no Arnão.

– Um pouco da culpa da derrota é minha – desculpou-se Leozão. – É trabalhar. É um primeiro ano de NBB, a cidade respira basquete. Vamos acreditar até o último minuto.

Calculadora na mão

Os quatro tropeços como mandante arrasaram o planejamento de Athos, que esperava, a seis jogos do fim da primeira fase, figurar no G-12. Se tivesse batido Unifacisa, Fortaleza, Bauru e Pinheiros, o Luvix/União Corinthians teria 11 vitórias em vez de sete. Calculavam-se 12 vitórias nos 32 jogos do torneio para chegar aos playoffs. Onze triunfos exigiriam combinações. A sobrevida passava por ganhar ao menos quatro dos seis compromissos restantes.

O grupo se dizia otimista. Crença testada no Maracanãzinho, contra o Flamengo, vice-líder do NBB e agora bicampeão da Copa Intercontinental. Técnico rubro-negro e da seleção, Gustavinho escalou quatro selecionáveis brasileiros e um mexicano: Yago, Luke Martinez, Rafael Mineiro, Olivinha e Vitor Faverani. O argentino Franco Balbi e

o norte-americano Brandon Robinson aguardaram no banco. Athos, que voltou a ter Gillard, pediu jornada de marcação intensa.

– Jogo para criar novamente espírito aguerrido, de grupo, de defesa forte.

O time segurou o Flamengo por três minutos e meio. Perdia por 10 a 9. Chamado de sniper mexicano, Luke Martínez acertou dois disparos de três pontos. Mineiro o imitou, Olivinha converteu cinco bolas, e o jovem Túlio da Silva, esguio ala-pivô, abriu o festival de enterradas. Ao final do período, os cariocas venciam por 31 a 20.

Tranças e bandana branca, Túlio seguiu elétrico. Mais 10 pontos no segundo quarto, que terminou com 48 a 34 para o Fla. A diferença subiu ao natural para 27 graças ao ímpeto de Túlio, Balbi e Rafael Rachel. A enterrada de Lelê, no início do último quarto, foi o suspiro final. O UniCo relaxou na defesa, errou bandeja e saiu a chutar sem capricho. Fez cinco pontos em 10 minutos. Rachel encerrou com chuí a massacre – 117 a 55, 62 pontos de diferença.

– Os jogadores queriam que terminasse logo o jogo. O último quarto foi terrível, 40 a 5 – relatou o repórter Leandro Porto na rádio Gazeta.

Athos voltou preocupado com o efeito da sapatada no ânimo dos jogadores. Precisava remobilizá-los para buscar de quatro a cinco vitórias em cinco partidas, a primeira no Arnão, o clássico contra o Caxias, que vivia momento complicado. O time de Rodrigo Barbosa vinha de quatro derrotas e ocupava a 11^a colocação com 10 vitórias. Se o UniCo tropeçasse, estaria eliminado. Caso ganhasse, ficaria vivo.

O clima de matar ou morrer contagiou. Madeixas longas, Pedro Mendonça abriu 2 a 0, e Lelê empatou ao cravar. Leozão virou no gancho, Lelê usou a tabela, Eddy Carvalho e Cauê Verzola pontuaram, e Leozão respondeu na última bola do quarto. O Caxias vencia por 17 a 15.

– É muito equilíbrio, como se esperava – disse Gustavinho, comentarista do NBB.

As equipes se revezaram na liderança. Gillard fez a bandeja, Cafferrata empatou colado ao aro, Alejo foi de três pontos, Eddy guardou com auxílio da tabela. O Caxias virou o intervalo com 37 a 33. Gruber converteu 10 dos 12 pontos tentados no terceiro período. A defesa intensa e o ataque variado colocaram o Luvix/União Corinthians na dianteira – 58 a 51. O Caxias reagiu, ficou um ponto atrás.

Athos paralisou a partida, esfriou o rival e Gruber anotou de três pela esquerda. Leozão converteu dois lances livres e brecou Humberto da

Silva. Toco e aviãozinho. Eddy marcou a um minuto. Leozão encaminhou a vitória na bandeja. Chamou o torcedor e irritou Dida, que o encarou. Os técnicos entraram na quadra para dispersar a confusão. Dida foi desqualificado, e a torcida cantou: “ai, ai, ai, ai, está chegando a hora”. Leozão manteve o UniCo vivo – 84 a 70.

– Na matemática ainda sonha o time santa-cruzense – vibrou Rodrigo Vianna.

Liderado por Gruber e Leozão, 17 pontos cada, o Luvix/União Corinthians alcançou a oitava vitória no NBB, duas atrás do Caxias, último clube do G-12. A tabela permitia sonhar. Faltavam quatro jogos, quatro confrontos diretos: Mogi e Pato fora de casa; Paulistano e Corinthians Paulista no Poli. Série encarada com astral revigorado, como expôs Gruber ao ser questionado se ainda seria possível classificar.

– Claro que dá. É o nosso pensamento. Pensar positivo, corrigir erros e trabalhar.

Segundo final

O UniCo decidiu em 10 dias, entre 4 e 14 de abril, sua sorte na temporada de estreia no NBB. O primeiro compromisso foi em Mogi das Cruzes, tradicional polo basqueteiro. Jogo-chave. O Mogi do técnico Danilo Padovani somava a mesmas oito vitórias dos gaúchos. O derrotado deixaria a classificação na dependência de um milagre.

– É entrar com defesa mais intensa, mais focado defensivamente, correr a quadra e equilibrar rebotes – avaliou Athos antes da bola laranja subir.

O Mogi atuou sem os armadores Fúlvio Chiantia e Lucas Lacerda, lesionados. Guilherme Lessa, prata da casa de 26 anos, pôde pensar o jogo mogiano. Leozão no giro fez a primeira cesta da noite. Simms ampliou, e Mathias descontou. Gruber saiu do garrafão para anotar de três. O UniCo vencia por 20 a 19 quando Lessa, Mathias e o ala-pivô Douglas dos Santos acertaram a mão. O Mogi converteu seis disparos de três e foi para o intervalo na dianteira – 47 a 35. Duda saiu inconformado.

– Esse é um jogo de final de campeonato para a gente, é o jogo que nos mantém com chances matemáticas de buscar playoff. A gente não pode tomar 47 pontos.

A rotina de apagões como visitante irritava os próprios jogadores. Wesley, de três, ampliou a diferença, que caiu no terceiro quarto – 51 a 64. Reação breçada por Wesley e Douglas. O erro de Cafferata permitiu a Wesley abrir 10 pontos. Douglas enterrou na ponte aérea, após passe de Wesley Mogi, que no contragolpe fez a bandeja e cavou o chute extra da falta. A sequência encaminhou a vitória.

O passe por trás das costas de Duda para Gruber, que encaçapou de três, encerrou a noite de derrota por 85 a 75. Wesley, Douglas e Lessa anotaram, juntos, 58 dos 85 pontos do time paulista. Autor de 17 pontos, Gruber creditou o revés ao mau desempenho defensivo e tentava acreditar na reviravolta.

– Todo jogo para nós é uma final, todos adversários diretos. A gente tem que continuar nessa pegada e tentar as três vitórias que restam – resumiu.

Derrotado na segunda-feira em Mogi das Cruzes, o Luvix/União Corinthians cruzou quase mil quilômetros para encarar na quarta-feira o Pato Basquete, em Pato Branco. Morte ou sobrevivência. Nova derrota, a 15ª como visitante em 16 partidas, decretaria o fim das chances de classificação e daria a vaga ao Pato. Os paranaenses, que vinham de três reveses, dependiam de uma vitória em dois jogos em casa para ir às oitavas de final.

– Há de duas a três vagas para seis times. É entrar focado e consolidar a campanha boa dos meninos – declarou o técnico Dedé Barbosa.

O cenário corintiano se tornou ainda mais difícil pela perda de Cafferata, que torceu o tornozelo esquerdo em Mogi. O capitão fez um teste durante o aquecimento e foi vetado. O comentarista do NBB, Bruno Laurence, frisou o peso da ausência do armador e cobrou protagonismo de Simms, cujo desempenho arrefeceu na reta final do torneio.

– Quando contrata um estrangeiro, você contrata para que ele faça a diferença.

Tanto Simms quanto Gillard sofreram com a adaptação. Ambos viveram a primeira experiência profissional após saírem da NCAA. Sentiram o jogo mais veloz e a exigência de decidirem. Mais tempo em quadra, mais arremessos e maior cobrança em um país no qual não dominavam o idioma. Gillard ainda administrou uma lesão no ombro esquerdo. A comissão técnica aprovava a dedicação dos norte-americanos, que iniciaram a partida no Paraná ao lado de Teichmann, Leozão e Duda.

Simms começou quente. Marcou oito dos 21 pontos no primeiro quarto. Só que Victor Leal e Mateo Bolivar, nas bolas de três e na defesa intensa, garantiram o Pato à frente – 25 a 21. O Luvix/União Corinthians reagiu no terceiro quarto. Teichmann encontrou Leozão, que enterrou. Léo engatilhou de três. Ele converteu três mísseis. O UniCo virou para 65 a 62.

– O jogo vai ser decidido no final por quem tiver mais cabeça – alertou Cruxen.

Duda e Gillard fintaram marcadores e acertaram de fora do perímetro. O estrangeiro recebeu de Teichmann pela esquerda e, rápido, matou outra de três. A três minutos do fim, o UniCo tinha 11 pontos de folga – 82 a 71. Gemadinha, armador magrelo e de cabelo platinado, descontou. Lelê anotou no rebote. O argentino Bolivar guardou de três, pressionou a reposição e fez a cesta no erro de Gillard. Na bola seguinte, Gemadinha foi de bandeja.

A diferença caiu a 86 a 80 a dois minutos do fim. O decano Duda esperou para decidir o lance. Errou o passe e deu vida ao Pato. Gemadinha converteu dois lances livres e cometeu falta em Gillard. Que só acertou um chute. Gemadinha voltou à linha do lance livre e guardou um. Duda segurou e ficou sem opção. Chutou no aro. Contragolpe com bandeja de Paulo Henrique Scheuer. O UniCo vencia por 87 a 85 no minuto final.

– É a defesa da vida da equipe do Pato, que quer voltar a vencer. Para o União Corinthians, é a chance de permanecer no campeonato – resumiu Bruno Laurence.

Gillard pela esquerda invadiu o perímetro e inverteu o lance. Para ninguém. Gemadinha chutou de três. Cesta. A 32 segundos, o Pato passou – 88 a 87. Gillard quicou entre as pernas e mandou o gancho por cima do emaranhado de mãos – 89 a 88. Faltavam 19 segundos. Gemadinha travou de frente para Gillard, mas perdeu o controle da bola. Correu para evitar a saída, desviou de Teichmann e saltou. O que parecia um chute desesperado de três, virou passe em diagonal para Rafael Paulichi. O ex-corintiano surgiu livre pela esquerda porque Simms correu para marcar Leal, no garrafão. Paulichi soltou a bola na cesta com a mão no estouro do cronômetro. Vitória do Pato por 90 a 89.

– Paulichi completamente livre – narrou o atônito Leandro Siqueira na Gazeta.

Teichmann agarrou a bola e suspirou. Gillard, com olhar perdido, caminhou em direção ao banco. Era difícil de acreditar. A bola saiu da mão de Paulichi faltando um segundo. Bateu na tabela, desceu pela rede e quicou com a partida encerrada.

Enquanto Paulichi festejava, Athos pôs as mãos na cintura, mirou o piso e deu 10 passos. Travou, ergueu a cabeça e cumprimentou os vencedores. Reuniu os atletas e saiu desolado até uma cadeira. Não queria conversar. A derrota doía. A três minutos, o time vencia por 11 pontos, chegava a nove vitórias e definiria a vaga nos dois confrontos no Arnão. Mas tudo ruiu. O Luvix/União Corinthians estava eliminado do NBB.

Despedida

O clima de fim de festa levou 529 pessoas ao Poliesportivo na terça-feira, 12 de abril. Foi o pior público da temporada. Noite com o apoio de talentos locais que vestiram a regata corintiana como profissionais: Paulinho Ferreira, Mutti Hamid e Ivan Poll, único santa-cruzense do elenco campeão brasileiro com Ary Vidal. Os três conheciam Athos desde a infância e sabiam da importância do apoio e da moderação nas críticas para viabilizar a continuidade do clube no NBB.

Athos e Diego oscilavam entre a frustração e o orgulho por terem superado desconfianças e empecilhos até devolverem a cidade ao cenário nacional. Retorno com título do Campeonato Brasileiro da CBB e com a volta de jogos memoráveis ao ginásio que nasceu pela paixão da comunidade pelo basquete.

Nas conversas particulares ou em entrevistas, os atletas lamentavam a eliminação, mas consideravam o saldo positivo. Um time formado às pressas, sem o devido tempo de pré-temporada, vendeu caro a maior parte das derrotas e fez o torcedor se orgulhar ao derrubar dois gigantes – São Paulo e Franca – no Arnão. Equipes de investimento modesto que classificaram, como Pato e Caxias, sofreram nos anos de estreia. Preservar o apoio de público e patrocinadores era fundamental para não fechar e frustrar o projeto de retomada. O diagnóstico era compartilhado pela imprensa. No geral, fazia-se pedido de paciência, lembrado que Ary Vidal não conquistou o Brasil na primeira oportunidade.

– Começou em 1990 (o time de Ary) para vingar em 1994. Tem que entender que hoje o NBB é 10 vezes mais forte. A hora do playoff vai

chegar, quem sabe no próximo ano – disse Cruxen antes do jogo com o Pinheiros, que virou treino de luxo.

Com a sétima colocação definida, o técnico Demétrius Ferracciú poupou Cauê Borges, Arthur Bernardi e Du Sommer. Metade dos atletas à disposição tinha menos de 22 anos. O treinador também fez seus votos pela continuidade santa-cruzensa no NBB.

– Estou torcendo para que se mantenha o projeto. Santa Cruz é uma cidade muito importante no basquete brasileiro – declarou à rádio Gazeta.

A bola subiu e o que se viu foi um primeiro quarto avassalador do armador norte-americano Nate Barnes, reforço do Paulistano no segundo turno do NBB. Aos 32 anos, o gringo de trancinhas compensava a baixa estatura para o basquete – 1m83 – com habilidade e precisão. Marcou 20 pontos em 10 minutos, 12 de fora do perímetro. Duda e Léo, que se revezaram no time porque Cafferata seguiu de fora, não pararam o gringo.

– Baixinho, mas ousado – descreveu o comentarista Marcel Pedroza no NBB.

Barnes desacelerou no segundo quarto, porém o Paulistano manteve o ritmo, puxado pelo ala Danilo Fuzaro. O UniCo parecia sem energia. Foi para o intervalo 16 pontos atrás – 51 a 35. Leozão apontou o caminho da reação: evitar que a bola chegasse até Barnes. A estratégia freou o gringo. Porém, Fuzaro seguiu quente e ganhou a parceria do ala-pivô Lucas Doria. Os paulistas dispararam – 71 a 49. O último período serviu para Barnes melhorar sua marca pessoal. Saiu de quadra com 34 pontos na vitória por 88 a 71.

Chateado, Léo Assmann, 14 pontos e duas assistências, pediu desculpas ao torcedor e frisou os desfalques. A equipe de investimento pouco perdeu Ícaro, Machuca e Cafferata. Destaque com 17 pontos e 12 rebotes, Leozão estourou na entrevista pós-jogo. Reclamou de comentários de Cruxen e o desafiou a criticá-lo pessoalmente. Cruxen, de forma elegante, desviou da polêmica. Athos, incomodado, preferiu olhar para frente.

– Santa Cruz gosta de basquete, mas as coisas não podem ser imediatas. Um ano atrás, comemorávamos o título do CBB. Seguimos o projeto. Não termina no último jogo.

A 32ª partida ocorreu na quinta-feira, 14 de abril, no Poli. De branco, o Luvix/União Corinthians encerrou a participação na 14ª edição do NBB diante do Corinthians Paulista, incentivado por 663 torcedores. Os professores Eleno Hausmann e Thiago Rauber estiveram à beira da quadra, bem como o casal Éder e Luciana Griebeler e os filhos Pedro e Lucas. Athos e os atletas desejavam retribuir esse apoio irrestrito.

– É importante tentar vencer pelo torcedor. O resultado poderia ter sido melhor, mas saímos com aprendizado para voltar mais fortes na segunda temporada – disse Athos.

Lesionado, Cafferata assistiu de jaqueta e calça à partida que valia a classificação aos playoffs para os visitantes. Aplaudiu o primeiro quarto consistente de Simms e Malachias. Lucas Siewert e Malcolm Miller entraram na mesma pegada. Simms anotou de três, e o argentino Diego Figueredo respondeu. Gillard pontuou de perto, a exemplo do armador Georgio Milligan, norte-americano naturalizado virginense que o Timão importou da Suécia. Teichmann pifou Gillard, que só cumprimentou. Teichmann quicou, ameaçou o passe, a marcação não se moveu, e ele mesmo garantiu o chuí.

– Vai deixar o homem sozinho? Está com cabelo branco, mas está jogando basquete de jovem – elogiou o narrador do NBB Otávio Augusto, acompanhado da comentarista Helen Luz, campeã mundial e medalhista olímpica pela seleção feminina.



***Léo Assmann
ganhou mais
espaço no final
da temporada***

Léo Assmann guardou de três e conseguiu uma falta antes do intervalo – 36 a 35 para o UniCo. No terceiro período, o ritmo caiu. O Timão sofreu seis pontos. Kyle “Zoom” Fuller marcou oito, somados aos sete de Milligan, quatro de Pedro Nunes e dois de Renato Carbonari. Léo ainda tentou. Disparou em linha reta e, no estouro do cronômetro, matou de três – 56 a 42 para os paulistas. Na retomada da partida, Lelê guardou de três.

– Vi uma equipe muito aguerrida, briosas, que não desiste do jogo, competitiva. A gente fica feliz de ver essa equipe de volta – registrou Helen.

No minuto final da temporada santa-cruzense, Lelê tocou para Léo, que encontrou Gruber na zona morta. Aro. Alexandre Paranhos correu para receber e sofreu a falta. Dois lances livres convertidos. Montipó puxou a jogada. Bola de mão em mão. João Marcos, Gillard, Lelê e Gruber. Novo arremesso no aro. O garoto Beto Filho ficou com o rebote e aguardou contagem regressiva. Vitória do classificado Corinthians Paulista por 74 a 55.

Após 32 partidas disputadas em 171 dias, o Luvix/União Corinthians encerrou a temporada em 16º. Penúltimo colocado com 40 pontos – oito vitórias e 24 derrotas, 2,3 mil pontos marcados e 2,6 mil sofridos. Ficou quatro triunfos atrás do Pato, último classificado. No triângulo, o esquadrão de Athos foi competitivo, porém pagou por erros nos momentos finais. Simms foi o cestinha da equipe, com média de 12,6 pontos, seguido por Cafferata (12,1) e Gillard (11,7). O argentino liderou as assistências (4,4), enquanto Teichmann foi o atleta mais eficiente. O torcedor-jogador de 38 anos atuou nos 32 confrontos do NBB, com média de 27 minutos em quadra, 7,9 pontos, 3,1 assistências e sete rebotes. Compartilhava o misto de decepção e orgulho. Ao repórter Nelson Rebellato, frisou a exigência de maior consistência em uma liga tão equilibrada. E fez planos:

– O retorno foi muito bom. Quem está ali dentro, queria mais e sabe que a gente podia um pouco mais. Que a gente consiga se reestruturar, que a gente consiga fazer uma pré-temporada, todas as coisas para se ter um campeonato com mais estabilidade.

Teichmann deu a declaração enquanto crianças batiam bola na quadra, cena tradicional aos finais de jogos no Arnão desde os tempos de Ary Vidal. Diego observava e pensava que na manhã seguinte começavam os preparativos da nova temporada. Athos abraçou atleta por atleta.

Minutos antes, o técnico e seus comandados receberam o carinho dos torcedores. No instante em que a campanha anunciou o término da partida, o público se levantou para aplaudir, gesto retribuído pelo elenco.

Quem por quase duas décadas desejou viver no Poli novas jornadas emocionantes, saudou quem materializou o retorno. Para os corintianos, encerrar os 7 mil dias de exílio da elite foi como celebrar um título. As palmas agradeceram e pediram mais. A retomada precisava continuar.



Gillard faz o jogo de despedida do UniCo no NBB



Leozão comemora cesta com seu tradicional aviãozinho



Gruber enterra durante jogo do retorno do NBB



Cestinha Duda Machado engatilha de três pontos



Cafferata se manteve no NBB como principal armador do UniCo



Lelê enterra em jogo contra o Bauru em Santa Cruz do Sul



Francano Lucas Mariano tentou impedir a derrota no Arnão



Teichmann foi decisivo para o UniCo derrubar o invicto Franca



E a retomada continuou. Vithinho em ação no NBB 15

Posfácio

A retomada do basquete santa-cruzeiro prosseguiu na noite da sexta-feira, 21 de outubro de 2022, no ginásio do Sesi, em Caxias do Sul. Cento e noventa dias após encerrar a temporada de retorno à elite nacional, o União Corinthians estreou na 15ª edição do NBB. O projeto de Athos Calderaro e Diego Puntel abriu um novo capítulo na derrota por 68 a 65 para o KTO/Caxias. Em 1º de novembro, o reencontro com o torcedor no Arnão também teve tropeço, desta vez diante do Brasília (74 a 72). Dois dias depois, novamente em casa, veio a primeira vitória – 92 a 81 contra o Cerrado.

O clube encarou a segunda temporada consecutiva no NBB sem o aporte da Luvix. A permanência foi assegurada graças aos patrocínios

de Mor, Imphy, KTO, Unimed Vales do Taquari e Rio Pardo, Unisc, Miller Supermercados e Ceisc, com apoio da prefeitura de Santa Cruz do Sul. Marco Jardim encerrou o mandato e passou a presidência do clube a Felipe Teichmann, que manteve o incentivo ao basquete.

O elenco e a comissão também mudaram. O multicampeão Rogério Klafke voltou ao projeto na função de auxiliar técnico, junto com o assistente Gustavo Cantarelli, o Gaúcho. Ex-jogador, Gaúcho foi um lateral de mão calibrada que defendeu o Corinthians em diferentes momentos: com Ary Vidal, na despedida da Liga Nacional e na Nossa Liga. O ala Léo Assmann encerrou a carreira e reforçou o time de assistentes de Athos. Camilo Gonzatti (estatístico), Luciano Hillesheim (mordomo), Alexandre Kessler Vieira (preparador físico), Gustavo Kniphoff (fisioterapeuta) e Jean Pierre (fisioterapeuta) ficaram na comissão técnica.

Entre os atletas, Guilherme Teichmann, Mike Simms, Lelê, Ícaro Parisotto, Daniel Machuca e Vinicius Malachias permaneceram, enquanto Enzo Cafferata, Leozão Waszkiewicz, Luis Gruber, Grantham Gillard, Duda Machado e João Marcos se despediram. A direção repatriou os alas Rafael Paulichi, campeão do Brasileirão da CBB pelo UniCo, e Gusthavo Santos, além de anunciar o armador santa-cruzensê Vi-thinho Lersch (ex-Mogi e Vasco), o ala-pivô Vinicius Pastor (ex-Rio Claro), o armador Augusto Cabral Leão (ex-Pato Branco) e os experientes alas argentinos Enzo Ruiz (ex-Bauru) e Federico Aguerre (ex-Boca Juniors e Quimsa).

Ex-seleção argentina, Aguerre, 2m07 e 96 quilos, foi a principal contratação. O clube ainda acertou com Danilo Sena (ex-Pinheiros), porém o ala-armador rompeu os ligamentos do joelho direito. Os jovens Thaylor dos Santos Fagundes, Gabriel Garcia dos Santos e Bruno Kniphoff fecharam o elenco.

Passados seis anos do começo do projeto de Athos e Diego, o cenário é desafiador. O União Corinthians segue com um dos menores orçamentos do NBB, fato que se reflete na tabela de classificação. Pára o risco de exagero nas cobranças, o que coloca em dúvida a continuidade da equipe profissional. Vale lembrar que, com um norte-americano do quilate de Alvin Frederick e selecionáveis como Marcel e Rolando, Ary não triunfou no primeiro ano. Os erros e acertos do professor fizeram parte da curva de aprendizado.

Desejo ver Santa Cruz por um longo período na primeira divisão. É preciso incentivar. Por isso, considero este livro um justo reconheci-

mento aos bravos que superaram adversidades e desconfianças para formar jogadores, reunir patrocinadores e encerrar nosso inverno. Passo a passo, executaram a retomada sem a fatura financeira dos anos 1990. Ficamos 19 anos, mais de 7 mil dias sem os grandes jogos no Poli. Tempo demais para uma das torcidas mais apaixonadas do país. Esse livro preserva a memória desse novo feito e incentiva o surgimento de novas gerações de abnegados.

Em 2017, com time adulto fechado e sem perspectivas de apoio financeiro, disputar o NBB parecia um delírio tão grande quanto ouvir em 1987 que Ary, após conquistar o Pan de Indianápolis, seria o comandante corinthiano a partir de 1990. A retomada é a prova da importância dos ídolos. Técnico, diretoria, comissão, atletas e patrocinadores. A volta ao convívio com os grandes foi materializada por santa-cruzeneses contagiados pela fase áurea do clube ou que cresceram ouvindo relatos daqueles dias.

A ideia do livro nasceu em 2021 no calor da conquista do Campeonato Brasileiro da CBB. Considerei importante contar essa saga de superação, um segundo ato do livro *Corinthians do Ary Vidal* (Editora Gazeta), que lancei em 2019 para celebrar os 25 anos do título brasileiro de 1994. A estreia no NBB tornou a história ainda mais fascinante. Voltamos à elite em uma viagem que mesclou a nostalgia dos tempos de Arcal, Pitt e Pony/Corinthians com a esperança deste novo tempo. Tivemos derrotas sofridas na última bola e vibramos com vitórias sobre gigantes. Na 14ª edição do NBB, a invencibilidade de Franca caiu em Santa Cruz. O União Corinthians honrou sua pesada camisa.

Acompanhei de longe a reconstrução gradual do nosso basquete, pois vivo há 11 anos em Brasília. No NBB, acompanhei somente um jogo no Arnão, a vitória sobre o São Paulo de Marquinhos e Caboclo. Mexeu comigo voltar a sentir e a ouvir o chão do Poli trepidar. Levei minha filha pela primeira vez ao ginásio, dividi arquibancada com meu irmão, revi amigos de escola, observei antigos basqueteiros ao lado de filhos e netos. Desejo que essas ocasiões se repitam, que o União Corinthians mantenha um crescimento sustentável, porque o basquete em Santa Cruz conecta gerações, produz lembranças e identifica uma comunidade. A retomada tem que continuar.

Brasília, janeiro de 2023.



União Corinthians manteve Santa Cruz na elite na temporada 2022-2023



Agüerre (27) foi a principal contratação do UniCo para o NBB 15



Paulichi retornou ao União Corinthians



Augusto reforçou o time santa-cruzense no NBB 15



União Corinthians voltou a enfrentar o Franca de Lucas Dias



Enzo e Teichmann tentam marcar Lucas Mariano



Lelé crava no reencontro do UniCo com o Minas Tênis

Referências

Entrevistas

Alexandre Cruxen; Alexandre Kessler Vieira; André Luís dos Santos; Athos Calderaro; Bernardo Aldworth Moller; Carlos Roberto Gruending; Cássio Filter; Diego Puntel; Eduardo Magalhães Machado (Duda); Enzo Cafferata; Fernando Sisnande; Filipe Lopes de Oliveira (Fi); Guilherme Frantz Teichmann; Gustavo Kniphoff; Ícaro Parisotto; João Batista dos Santos Guia; João Marcos Ramos; Leandro Buboltz; Leonardo Azambuja Assmann Leonardo Jacon Oliveira; Leonardo Waszkiewicz; Luciano Hillesheim; Luis Felipe Gruber; Luiz Paulo Assmann Junior; Marco Jardim; Nicolas Rodrigo de Souza Oliveira (Nicão); Rafael Paulichi; Ralfi Ansaloni; Sérgio Montipó; e Vinícius Malachias.

Livros

BOCCARDO, Waldir. *Os 10 mandamentos do basquete moderno*. Rio de Janeiro: CBB/Bolar, 200.

CRUXEN, Alexandre. *Ala-pivô*. Santa Cruz do Sul: Gazeta Santa Cruz, 2012.

KAERCHER, Nestor José. *Corinthians*: tradição do basquete gaúcho. Santa Cruz do Sul: Gráfica Palloti, 2003.

ROESLER, Guilherme Mazui. *Corinthians do Ary Vidal*: a saga do único time gaúcho campeão brasileiro de basquete. Santa Cruz do Sul: Gazeta Santa Cruz, 2019.

SANTA CRUZ DO SUL, prefeitura de. *Nossos Atletas - Histórias de Campeões do Esporte em Santa Cruz do Sul*. Santa Cruz do Sul: Gráfica Garten Sul, 2012.

VIDAL, Ary. *Basquetebol para vencedores*. Porto Alegre: Editora Rigel, 1991.

WEIS, Gilmar Fernando. *O basquetebol em Santa Cruz do Sul*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1998

Jornais e sites

Band Sports (bandsports.band.uol.com.br); Basquete Cearense (soucarcara.com.br); Basquete Unifacisa (basqueteunifacisa.com.br); Bauru Basket (www.baurubasket.com.br); Caxias Basquete (caxiasdosulbasquete.com.br); Confederação Brasileira de Basketball (www.cbb.com.-

br e cbb.web.geniussports.com); Club Athletico Paulistano (www.paulistano.org.br); Correio Braziliense (www.correiobraziliense.com.br); Databasket (www.databasket.com.br); ESPN (www.espn.com.br); Esporte Clube Pinheiros (www.ecp.org.br/esportes-e-atividades/basquete); Estado de Minas (www.em.com.br); Federação Gaúcha de Basquete (basquete-gaucha.com.br); Flamengo (www.flamengo.com.br/pagina-inicial-basquete); FogãoNET (www.fogaonet.com); Folha de S. Paulo (www.folha.uol.com.br); Folha de Londrina (www.folhadelondrina.com.br); Folha do Mate (folhadomate.com); Franca Basquete (www.francabasquete.com.br); Garrafão Rubro-negro (garrafaorubronegro.com); GaúchaZH (gauchazh.clicrbs.com.br); Globo Esporte (ge.globo.com); Liga Nacional de Basquete – NBB (lnb.com.br); Luvix (www.luvasluvix.com.br); Medlive (medlive.com.br); Metrôpoles (www.metropoles.com); Minas Tênis (minastenisclube.com.br/esportes/basquete); NSC Total (www.nscotal.com.br); NSports (www.nsports.com.br e tvnsports.com.br); O Estado de S. Paulo (www.estadao.com.br); O Globo (oglobo.globo.com); O Tempo (www.otempo.com.br); Pato Basquete (patobasquete.com.br); Portal Arauto (www.portalarauto.com.br); Portal Gaz (www.gaz.com.br); Rádio Santa Cruz (radiosantacruz.com.br/online); Riovale Jornal (www.riovalejornal.com.br); Rio Claro (www.rioclarobasquete.com.br); Stock Med (stockmed.com.br); TV Cultura (cultura.uol.com.br/programas/nbb); União Corinthians (basquete.uniaocorinthians.com.br); e Uol (www.uol.com.br)

YouTube e Instagram

Basquete União Corinthians (www.instagram.com/basqueteuniaocorinthians); CBB (www.instagram.com/basquetecbb); CorinthiansRS (www.youtube.com/@CorinthiansRS); Corinthians-RS RETRÔ (www.instagram.com/corinthiansrs_retro); De Bandeja com Renatinho (www.youtube.com/@DeBandejaomRenatinho); Fla TV (www.youtube.com/@flamengo); NBB (www.youtube.com/@NBBoficial e www.instagram.com/nbb); Pitt/Corinthians (www.instagram.com/pittcorinthians); Sojão Basquete (www.instagram.com/sojaobasquete); Tiago Deecken (https://www.youtube.com/@TiagoDeecken); e TV NSports (www.youtube.com/@NSPORTS_OFICIAL)

Créditos das fotos

Capa: Vinicius Molz Schubert/União Corinthians/Divulgação
Página 10: Vinicius Molz Schubert/União Corinthians/Divulgação
Página 13: Emanuel Kulka/Brand/CBB
Página 15: Corinthians-RS RETRÔ/Instagram/Reprodução e Acervo Pessoal Alexandre Cruxen
Página 17: Corinthians-RS RETRÔ/Instagram/Reprodução
Página 22: Marcelo Denizar Martin/Facebook/Reprodução
Página 25: Acervo Pessoal Athos Calderaro
Página 28: Acervo Pessoal Rogério Klafke
Página 35: União Corinthians/Facebook/
Página 37: União Corinthians/Reprodução e Gazeta do Sul/Reprodução
Página 38: Inor Assmann/Gazeta do Sul/Re produção
Página 39: Corinthians-RS RETRÔ/Instagram/Reprodução
Página 40: Corinthians-RS RETRÔ/Instagram/Reprodução
Página 41: Corinthians-RS RETRÔ/Instagram/Reprodução e Rodrigo Assmann/Four Comunicação/Divulgação
Página 42: Maílson Santana/Fluminense/Divulgação
Página 43: Allan Carvalho/Brand/CBB
Página 46: Diego Maranhão/Brand/CBB
Página 48: Vinicius Molz Schubert/União Corinthians/Divulgação
Página 53: Vinicius Molz Schubert/União Corinthians/Divulgação
Página 55: Vinicius Molz Schubert/União Corinthians/Divulgação e Vinicius Molz Schubert/União Corinthians/Divulgação
Página 62: Diego Maranhão/Brand/CBB
Página 64: CBB/Divulgação
Página 65: Four Comunicação/Divulgação e União Corinthians/Facebook
Página 66: Diego Maranhão/Brand/CBB
Página 67: Diego Maranhão/Brand/CBB
Página 68: Diego Maranhão/Brand/CBB
Página 69: Diego Maranhão/Brand/CBB
Página 70: Emanuel Kulka/Brand/CBB
Página 71: Diego Maranhão/Brand/CBB
Página 74: Four Comunicação/Divulgação
Página 78: Allan Carvalho/Brand/CBB
Página 83: CBB/Divulgação

Página 87: Emanuel Kulka/Brand/CBB
Página 92: Diego Maranhão/Brand/CBB
Página 94: Diego Maranhão/Brand/CBB
Página 95: Junio Nunes/Four Comunicação/Divulgação e Gabi Jacobs/
3loucada/Divulgação
Página 96: Diego Maranhão/Brand/CBB
Página 97: Diego Maranhão/Brand/CBB
Página 98: Diego Maranhão/Brand/CBB
Página 99: Diego Maranhão/Brand/CBB
Página 100: Diego Maranhão/Brand/CBB
Página 101: Emanuel Kulka/Brand/CBB
Página 106: Diego Maranhão/Brand/CBB
Página 108: Diego Maranhão/Brand/CBB
Página 112: Diego Maranhão/Brand/CBB
Página 115: Allan Carvalho/Brand/CBB
Página 119: Emanuel Kulka/Brand/CBB
Página 123: Diego Maranhão/Brand/CBB
Página 129: Emanuel Kulka/Brand/CBB
Página 130: Diego Maranhão/Brand/CBB
Página 131: Allan Carvalho/Brand/CBB
Página 132: Diego Maranhão/Brand/CBB
Página 133: Emanuel Kulka/Brand/CBB
Página 134: Emanuel Kulka/Brand/CBB e Emanuel Kulka/Brand/CBB
Página 138: Junio Nunes/Four Comunicação/Divulgação
Página 144: Vinicius Molz Schubert/União Corinthians/Divulgação
Página 147: Vinicius Molz Schubert/União Corinthians/Divulgação
Página 150: Vinicius Molz Schubert/União Corinthians/Divulgação
Página 155: Junio Nunes/Four Comunicação/Divulgação
Página 160: Vinicius Molz Schubert/União Corinthians/Divulgação
Página 162: Vinicius Molz Schubert/União Corinthians/Divulgação
Página 163: Junio Nunes/Four Comunicação/Divulgação e Junio Nu-
nes/Four Comunicação/Divulgação
Página 164: Vinicius Molz Schubert/União Corinthians/Divulgação
Página 165: Luiz Fernando Bertuol/Four Comunicação/Divulgação e
Vinicius Molz Schubert/União Corinthians/Divulgação
Página 166: Vinicius Molz Schubert/União Corinthians/Divulgação
Página 167: Vinicius Molz Schubert/União Corinthians/Divulgação
Página 168: Vinicius Molz Schubert/União Corinthians

Página 170: Vinicius Molz Schubert/União Corinthians
Página 173: Vinicius Molz Schubert/União Corinthians
Página 177: Vinicius Molz Schubert/União Corinthians
Página 184: Vinicius Molz Schubert/União Corinthians
Página 187: Vinicius Molz Schubert/União Corinthians
Página 191: Vinicius Molz Schubert/União Corinthians
Página 194: Vinicius Molz Schubert/União Corinthians e Vinicius Molz Schubert/União Corinthians
Página 195: Vinicius Molz Schubert/União Corinthians
Página 196: Vinicius Molz Schubert/União Corinthians
Página 197: Vinicius Molz Schubert/União Corinthians
Página 198: Vinicius Molz Schubert/União Corinthians
Página 199: Vinicius Molz Schubert/União Corinthians
Página 200: Vinicius Molz Schubert/União Corinthians
Página 203: Vinicius Molz Schubert/União Corinthians
Página 207: Vinicius Molz Schubert/União Corinthians
Página 210: Vinicius Molz Schubert/União Corinthians
Página 213: Vinicius Molz Schubert/União Corinthians
Página 216: Vinicius Molz Schubert/União Corinthians
Página 224: Vinicius Molz Schubert/União Corinthians
Página 226: Vinicius Molz Schubert/União Corinthians
Página 227: Vinicius Molz Schubert/União Corinthians e Vinicius Molz Schubert/União Corinthians
Página 228: Vinicius Molz Schubert/União Corinthians
Página 229: Vinicius Molz Schubert/União Corinthians
Página 230: Vinicius Molz Schubert/União Corinthians
Página 231: Vinicius Molz Schubert/União Corinthians
Página 232: Vinicius Molz Schubert/União Corinthians
Página 233: Gilvan de Souza/Flamengo/Divulgação
Página 236: Vinicius Molz Schubert/União Corinthians e Gilvan de Souza/Flamengo
Página 237: Gilvan de Souza/Flamengo/Divulgação
Página 238: Gilvan de Souza/Flamengo/Divulgação
Página 239: Marcos Lmonti/Franca/Divulgação
Página 240: Marcos Lmonti/Franca/Divulgação
Página 241: Minas Tênis Clube/Divulgação
Página 247: Pedro Ladeira/Divulgação



O autor

Guilherme Mazui Roesler nasceu em Santa Maria (RS), em 3 de novembro de 1987. Jornalista formado pela Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc), trabalhou nos jornais Gazeta do Sul, em Santa Cruz do Sul (RS), e Zero Hora, em Rio Grande (RS), Porto Alegre (RS) e Brasília (DF). Cobre há 10 anos, a partir da Capital Federal, os principais acontecimentos da cena política. Desde 2017 integra a equipe de repórteres e produtores do portal de notícias g1 e da TV Globo. Lançou, em 2019, *Corinthians do Ary Vidal* (Editora Gazeta), que recuperou a saga da Pitt/Corinthians no título brasileiro de 1994.